



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROSELY CARDOSO MAIA

**RISCO E PROTEÇÃO À VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR NAS TRAJETÓRIAS
DESENVOLVIMENTAIS DE ADOLESCENTES E JOVENS**

BELÉM
2017

ROSELY CARDOSO MAIA

**RISCO E PROTEÇÃO À VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR NAS TRAJETÓRIAS
DESENVOLVIMENTAIS DE ADOLESCENTES E JOVENS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará,
como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação
em Educação, para obtenção do título de Mestre em
Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Isabel da Conceição Silva.

BELÉM
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto de Ciências da Educação (ICED / UFPA)

M217r Maia, Rosely Cardoso.

Risco e proteção à violência intrafamiliar nas trajetórias desenvolvimentais de adolescentes e jovens / Rosely Cardoso Maia ; orientadora Lúcia Isabel da Conceição Silva. – Belém, 2017.

171 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2017.

1. Violência familiar – Belém (PA). 2. Adolescentes e violência – Belém (PA). 3. Jovens e violência – Belém (PA). I. Silva, Lúcia Isabel da Conceição (orient.). II. Título.

CDD 22. ed. – 362.8292

ROSELY CARDOSO MAIA

**RISCO E PROTEÇÃO À VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR NAS TRAJETÓRIAS
DESENVOLVIMENTAIS DE ADOLESCENTES E JOVENS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Pará, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Banca Examinadora



Prof. Dra. Lúcia Isabel da Conceição Silva - Presidente
Universidade Federal do Pará – Instituto de Ciências da Educação (PPGED-UFPA)

Prof. Dra. Ivany Pinto Nascimento - Membro Interno
Universidade Federal do Pará – Instituto de Ciências da Educação (PPGED- UFPA)



Prof. Dra. Normanda Araújo de Moraes – Membro Externo
Universidade de Fortaleza - (PPG PSICOLOGIA UNIFOR)

BELÉM, 30 de maio de 2017.

*À Deus pela força nos momentos mais difíceis e
solitários e à minha família.*

AGRADECIMENTOS

Após uma caminhada permeada de adversidades, chegar ao final deste trabalho já com os pés e o coração cansados das lutas pessoais e subjetivas travadas diante de tal temática, dá-me a sensação de dever cumprido. O caminho foi tortuoso e longo, no entanto contribuiu para meu crescimento como profissional e, sobretudo, como pessoa que já foi exposta à violência intrafamiliar e ainda carrega marcas desse fenômeno.

À **E. M. M**, que na sua inocência infantil e por tudo o que foi exposta tão precocemente, não sabe o quanto contribuiu para que eu continuasse trilhando este caminho nesta temática tão desafiadora.

Aos **participantes** deste estudo, pela confiança em mim depositada e por terem disponibilizado o seu tempo e compartilhado suas suas vivências, muitas vezes, tão carregadas de risos, lembranças positivas, mas também de sofrimento e tristeza.

Agradeço à minha orientadora **Lúcia Isabel**, que ao longo desses quase dez anos de convivência me acolheu, impulsionou-me, deu-me voo, que me orientou em aspectos que ultrapassavam o âmbito acadêmico.

À Professora **Maély Ramos**, que orientou todos os passos da Revisão Sistemática de Literatura, desde a elaboração até os processos de análise e, principalmente, pela profissional que é: dedicada, afetuosa e sempre disponível a sanar quaisquer dúvidas, bem como encorajar e realçar as qualidades dos alunos, algo não muito recorrente nos Programas de Pós-Graduação.

Às Professoras Dras. **Ivany Pinto** e **Normanda Moraes** por terem aceitado o convite para compor a banca examinadora e pelas valiosas contribuições durante a construção desta dissertação.

À minha mãe, **Maria do Rosário** e ao meu pai, **Hely Maia**, que me deram suporte, incentivo e amor. Embora eu possa tentar retribuir tudo o que vocês fizeram por mim, sei que nunca conseguirei chegar tão perto. Por isso deixo aqui registrado todo o meu amor e agradecimento por vocês.

À minha irmã, **Geysa**, pelo seu incentivo, amizade e, principalmente pelo presente a mim concedido, a Maria Clara.

À minha querida tia **Badica**, que embora não esteja mais fisicamente dentre nós, ainda me conduz nesta caminhada através de seu amor, seus ensinamentos e suas palavras tão afetuosas que ficaram eternizados na memória e no coração. Certamente ela estaria muito orgulhosa de me ver chegando até aqui.

À minha amiga tão querida **Tatiene Germano**, que mais do que qualquer pessoa, está sempre ali, encorajando-me e disposta a ouvir minhas angústias, medos e alegrias e, principalmente por me fazer acreditar cada vez mais no meu potencial.

Ao **GEPJUV**, que me acolheu e me deu forças para não desistir nos momentos em que fraquejei. A esse grupo que é minha segunda família, minha rede de apoio, meu aconchego e a minha alegria.

Aos membros do GEPJUV: **Mateus**, por sua amizade e carinho fraterno. À **Bruna Stella**, pelo seu amor e aconchego que me acolhe em seus abraços. À **Bruna Thayza, Ingrid e Fefa, Rodrigo e Cândida**, que são irmãos de grupo e contribuíram tantas vezes para alegrar meus dias.

À **Joana Machado** e ao **Marcos Lima**, que embora sejam de outro grupo, sempre estão no GEPJUV com seu astral sempre tão contagiante, que tantas vezes me fez rir quando no fundo meu coração estava em pedaços e pelos abraços que dão a sensação de diminuir o peso das costas.

E ao **CNPQ**, pela viabilização financeira no mestrado.

Há um erro fundamental, idealista e ahistórico em acreditar que definir a violência ou qualquer outro vocábulo, consista em se aproximar o mais possível de um conceito absoluto de violência, de uma 'ideia' da violência que, de fato, tornaria adequados a palavra e a coisa.
Debarbieux.

RESUMO

VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA ADOLESCENTES E JOVENS: EXPOSIÇÃO E PERCEPÇÕES SOBRE RISCO E PROTEÇÃO NAS TRAJETÓRIAS DE DESENVOLVIMENTO DE ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE BELÉM

Esta dissertação teve como objetivo investigar a exposição de adolescentes e jovens à violência no contexto familiar, identificando suas percepções sobre esta violência, sobre os fatores de risco e proteção, bem como suas implicações nas trajetórias de desenvolvimento de estudantes de escolas públicas do município de Belém. Para tanto, foram realizados dois estudos, o primeiro consistiu em uma Revisão Sistemática de Literatura acerca do panorama das pesquisas sobre violência intrafamiliar contra a adolescentes e jovens, onde a busca deu-se nos diretórios da CAPES, SciELO e LILACS, tendo sido selecionados para análise 22 artigos que estavam em consonância com os critérios de inclusão pré-determinados. A análise foi feita através da análise de conteúdo, resultando em duas categorias finais: os fatores de risco e os fatores de proteção. Os fatores de risco mais frequentes nos estudos foram violência sexual, violência física, violência psicológica, gravidez na adolescência, abuso de álcool e DST/AIDS. Já os fatores de proteção corresponderam ao acolhimento institucional, percepção sobre a violência intrafamiliar, rede de atendimento, percepção sobre a família e rede de apoio. O segundo estudo teve abordagem qualitativa, com delineamento transversal e retrospectivo sobre as questões que envolvem as relações familiares e a exposição à violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens. Participaram deste último, cinco estudantes de escolas públicas do município de Belém, na faixa etária de 16 a 19 anos. Foram utilizados para a coleta de dados a entrevista semiestruturada e o diário de campo. A técnica de análise foi feita por meio da análise de conteúdo, que evidenciou as seguintes categorias temáticas: relações familiares, percepções sobre a família, risco e proteção nas relações familiares e, implicações da violência intrafamiliar nas trajetórias de desenvolvimento dos sujeitos. De modo geral, os resultados destas categorias evidenciaram que os adolescentes e jovens têm percepção positiva sobre a família, onde esta exerce papel fundamental na vida destes, apesar de terem sido expostos à violência física e/ou psicológica ao longo das suas trajetórias de desenvolvimento. Ademais, os estudantes atribuíram como implicações da exposição à violência intrafamiliar a mudança no comportamento de modo a prevenir a reincidência da violência, bem como não reproduzir com os filhos a violência sofrida. Conclui-se apontando para a necessidade de compreender a dinâmica familiar e como esta pode se configurar como fator de risco aos adolescentes e jovens, colocando-se em discussão o seu papel protetivo no desenvolvimento dos membros familiares.

Palavras-chaves: violência intrafamiliar, adolescentes, jovens, trajetórias de desenvolvimento.

ABSTRACT

INTRAFAMILY VIOLENCE AGAINST ADOLESCENTS AND YOUNG PEOPLE: EXPOSURE AND PERCEPTIONS ON RISK AND PROTECTION IN THE DEVELOPMENTAL TRAJECTORIES OF STUDENTS OF PUBLIC SCHOOLS OF THE MUNICIPALITY OF BELÉM

This dissertation aimed to investigate the exposure of adolescents and young people to violence in the family context, identifying their perceptions about this violence, about risk and protection factors, as well as their implications in the developmental trajectories of students from public schools in the city of Belém. Two studies were carried out: the first consisted of a Systematic Review of Literature about the panorama on intrafamily violence against adolescents and young people, where the search was done in the CAPES, SciELO and LILACS directories, and were selected for analysis 22 articles that were in line with pre-determined inclusion criteria. The analysis was made through content analysis, resulting in two final categories: risk factors and protection factors. The most frequent risk factors in the studies were sexual violence, physical violence, psychological violence, teenage pregnancy, alcohol abuse and STD / AIDS. The protection factors corresponded to the institutional reception, perception about intrafamily violence, care network, perception about the family and support network. The second study had a qualitative approach, with transversal and retrospective delineation on issues involving family relationships and exposure to intrafamily violence against adolescents and youth. Fifteen students from public schools in the municipality of Belém, aged between 16 and 19, participated in the study. The semi-structured interview and the field diary were used for data collection. The analysis technique was based on content analysis, which showed the following thematic categories: family perceptions, risk and protection in family relationships, perceptions about intrafamily violence, and the implications of intrafamily violence in the trajectories of development of the subjects. In general, the results of these categories showed that adolescents and young people have a positive perception about the family, where it plays a fundamental role in their lives, even if they have been exposed to physical and / or psychological violence along their developmental trajectories. In addition, the students attribute the behavioral changes as a consequence of exposure to intrafamily violence in order to prevent the recurrence of violence, as well as not reproduce with the children the violence suffered. It concludes by pointing to the need to understand the family dynamics and how this can be configured as a risk factor for adolescents and young people, putting in question its protective role in the development of family members.

Keywords: intrafamily violence, adolescents, young people, developmental trajectories.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABDH – Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano

AEE - Atendimento Educacional Especializado

ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência

BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CNS – Conselho nacional de Saúde

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

GEPJUV - Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Juventude, Vulnerabilidade e Fatores de Proteção

LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Saúde

PEC – Proposta de Emenda Constitucional

PICO - Paciente, Intervenção, Comparação e “Outcomes”

PL – Projeto de Lei

PNAS - Política Nacional de Assistência Social

PPCT – Processo, Pessoa, Tempo e Contexto

PVO – Participantes, Variáveis, Outputs

RSL – Revisão Sistemática de Literatura

SCIELO - *Scientific Electronic Library Online*

SPSS - Statistical Package for Social Sciencies

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

UFPA – Universidade Federal do Pará

VIF – Violência Intrafamiliar

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo ecológico para compreender a violência	26
Figura 2 – Nuvem de palavras (RSL)	59
Figura 3 – Árvore de palavras (RSL)	62
Figura 4 – Fatores de risco	66
Figura 5 – Fatores de proteção	67
Figura 6 – Nuvem de palavras (Entrevista)	85
Figura 7 – Categorias de análise	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ano	52
Gráfico 2 – Tipo de pesquisa	54
Gráfico 3 – Instrumento de coleta de dados	55
Gráfico 4 – Técnica de análise	56
Gráfico 5 – Participantes	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Definição dos descritores	45
Quadro 2 – Processo de busca no diretório da CAPES	47
Quadro 3 – Processo de busca no diretório do SciELO	48
Quadro 4 – Processo de busca no diretório da LILACS	49
Quadro 5 - Valor absoluto dos artigos encontrados	52
Quadro 6 – Frequência absoluta e percentual das palavras na base de dados (RSL)	60
Quadro 7 - Processo de codificação manual da análise de conteúdo	62
Quadro 8 - Caracterização biossociodemográfica dos participantes	68
Quadro 9 - Frequência absoluta e percentual das palavras na base de dados (entrevista)	86

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	17
CAPÍTULO I	21
INTRODUÇÃO	21
1.1 OBJETIVOS	23
1.1.2 Objetivo Geral	23
1.1.3 Objetivos Específicos	23
CAPÍTULO II	25
REFERENCIAL TEÓRICO	25
2.1 Definições sobre violência, adolescência e juventude.....	25
2.2 A família como um sistemas de relações.....	29
2.3 Violência intrafamiliar como fator de risco.....	33
2.4 Contribuições da abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano acerca da Violência Intrafamiliar	37
CAPÍTULO III	43
3.1 EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR EM ADOLESCENTES E JOVENS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA	43
3.2 Percurso metodológico	44
MÉTODO	44
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	51
CAPÍTULO IV.....	77
MÉTODO	77
4.1 Delineamento.....	77
4.2 Local da pesquisa.....	77
4.3 Participantes	78
4.4. Instrumentos	80
4.5 Procedimentos	80
CAPÍTULO V	84
RESULTADOS E DISCUSSÃO	84
5.1 Caracterização dos participantes da pesquisa.....	84
5.2 Análise Exploratória	85
5.3 Análise das categorias temáticas	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107

REFERÊNCIAS 111

ANEXO A 123

ANEXO B 124

ANEXO C 126

ANEXO D 128

ANEXO E..... 134

ANEXO F 135

ANEXO G137

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação realizada no Curso de Mestrado em Educação, na Linha Educação, Cultura e Sociedade, da Universidade Federal do Pará tem por objetivo investigar a exposição de adolescentes e jovens à violência no contexto familiar, identificando suas percepções sobre esta violência e sobre os fatores de risco e proteção presentes nas suas trajetórias de desenvolvimento.

O primeiro contato com a temática acerca da violência intrafamiliar ocorreu na graduação, a partir do momento em que entrei para o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Juventude, Vulnerabilidades e Fatores de Proteção (GEPJUV) na UFPA, coordenado pela Profa. Dra. Lúcia Isabel Silva. O interesse em compor este grupo foi motivado pela elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, o qual resultou em uma investigação sobre a exposição à violência intrafamiliar na juventude paraense, descrevendo os principais autores e os tipos de violência presentes neste contexto.

Algumas discussões tecidas neste grupo tiveram significativa relevância para dar prosseguimento à investigação sobre este tipo de violência, dentre as quais as discussões sobre os fatores de risco e proteção, os processos que incluem o ser jovem, (construção da identidade, sociabilidade, formação escolar e profissional, lazer, dentre outros) e como estes jovens lidam com as adversidades na sociedade contemporânea. Esta dissertação possibilita dar continuidade na temática acerca da exposição dos adolescentes e jovens à violência intrafamiliar, visando assim compreender a dinâmica relacional que ocorre neste contexto e como estes sujeitos lidam com tal exposição.

Através do GEPJUV pude participar de eventos promovidos pela Frente Paraense Contra a Redução da Maior Idade Penal e, a partir disso, comecei a me interessar cada vez pelos debates relativos à juventude, bem como me inserir nos movimentos em defesa desse segmento da população.

No que se refere aos eventos de ordem acadêmica, participei de seminários, palestras, jornadas e congressos relativos, principalmente, à Psicologia do Desenvolvimento, com foco, sobretudo, na discussão sobre a violência contra crianças, adolescentes e/ou jovens. Estes eventos somaram na construção desta trajetória de tentar - e querer - compreender como se configura esta violência e quais podem ser suas implicações no desenvolvimento dos sujeitos a ela submetidos. Dentre as temáticas abordadas, houve discussões sobre as configurações da violência intrafamiliar, o ECA enquanto um marco histórico para a garantia dos direitos das crianças e adolescentes, os fatores de risco e proteção presentes no contexto familiar e como

estes podem influenciar o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos, a importância da família no desenvolvimento das crianças, adolescentes e jovens e, ainda, como esta pode atuar como um dos principais contextos de apoio desses sujeitos.

No entanto, o principal motivo, talvez, que tenha implicado significativamente na minha decisão em continuar neste caminho de investigação se deu devido a uma revelação de abuso sexual intrafamiliar que ocorreu com uma criança, membro da minha família. Tal revelação me abalou de tal modo, que diversas vezes quis desistir de continuar minha pesquisa nesta temática. Houve inúmeros momentos nos quais tive que construir este projeto aos prantos, pois cada material lido sobre violência sexual infantil me reportava àquela criança da minha família, àquela criança que eu fora um dia.

Somada à dor, a falta de apoio da rede familiar, a culpabilização da vítima e da figura materna, o fato da família ter inocentado o perpetrador, foram alguns dos fatores determinantes que, apesar de terem me causado sentimento de revolta, impulsionaram-me a tentar ajudar a vítima de acordo com o que estava ao meu alcance. Ademais, devido a todas as dificuldades diante da justiça para que o agressor respondesse pelo crime cometido e ainda, devido aos sentimentos ambíguos, ora de pena, ora de raiva, uma vez mais pensei – e quis – em desistir de continuar tentando compreender a dinâmica da violência intrafamiliar, pois me remete a diversas lembranças negativas.

O inquérito referente ao abuso sexual é um processo lento, doloroso, cruel, que revitimiza a vítima a cada sopro de esperança que se perde no tempo, que se esvai quando a justiça falha com os seus deveres de resguardar os direitos das crianças, adolescentes e/ou outros sujeitos, que se esvai ainda mais quando a família extensa fecha os olhos diante do problema “porque não quer me meter no assunto”.

No entanto, diante de todas as incertezas, resisti!

Concomitante à dor, à revolta e a outros sentimentos relativamente destrutivos, a revelação do abuso sexual hoje me dá a certeza de querer estudar cada vez mais a dinâmica relacional da violência intrafamiliar; lutar pelos direitos das crianças, adolescentes e jovens; inserir-me cada vez mais nos movimentos de luta em defesa desses sujeitos; bem como nos relativos à educação pública e gratuita, uma vez que é através da educação – acredito eu – que se promove a formação humana e, conseqüentemente, pode ajudar a formar sujeitos ativos e reflexivos na sociedade. E em tempos de crise e retrocessos, é importante buscar mudanças, reivindicar direitos e, sobretudo, inserir-se na luta.

Vale destacar que esta dissertação de mestrado está vinculada a um projeto maior intitulado “Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)”, sob a coordenação da Profa. Dra. Lúcia Isabel da Conceição Silva, do Instituto de Ciências da Educação, cujo objetivo consiste em construir uma compreensão abrangente sobre o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens e possibilidades de enfrentamento, identificando a exposição à violência, concepções dos sujeitos e instituições, atuação da rede de proteção e impactos nos processos de desenvolvimento (SILVA, 2016).

A dissertação encontra-se estruturada em cinco capítulos: introdução; referencial teórico; revisão sistemática de literatura sobre a violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens, método, resultados e discussão e considerações finais.

Na introdução é feita a contextualização do objeto de estudo acerca da violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens e como esta se configura como um fator de risco no desenvolvimento destes sujeitos. Além disso, são descritos o problema e os objetivos da pesquisa.

O referencial teórico subdivide-se em quatro seções, contemplando as temáticas que envolvem este estudo, a saber: definições sobre violência, adolescência e juventude; a família como um sistema de relações; a violência intrafamiliar como fator de risco, bem como as contribuições da Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano, proposta por Urie Bronfenbrenner, que consiste no estudo científico da progressiva acomodação mútua entre a pessoa em desenvolvimento (ser humano ativo) e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos nos quais ela vive à medida que esse processo de acomodação é afetado pelas relações entre os ambientes e pela sociedade.

O terceiro capítulo compreende um estudo de revisão sistemática de literatura acerca da violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens, com o objetivo de mapear e analisar a produção científica acerca desta problemática social. A revisão sistemática se apresenta como uma etapa inicial no caminho para compreender como este fenômeno se configura na vida desses sujeitos e como a literatura vem discutindo esta temática.

O quarto capítulo corresponde aos resultados da pesquisa empírica nas escolas públicas com estudantes, indicando as categorias temáticas identificadas nas entrevistas realizadas com os adolescentes e jovens, a saber: percepção sobre a família, risco e proteção nas relações familiares, percepção sobre a violência intrafamiliar e implicações da violência intrafamiliar

nas trajetórias de desenvolvimento. Concomitante às discussões acerca das categorias temáticas, são feitas avaliações críticas acerca dos resultados apresentados.

No quinto capítulo são tecidas as considerações finais acerca dos estudos aqui realizados, descritas as limitações da pesquisa e ainda, apresentadas sugestões para pesquisas posteriores.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A literatura científica considera a violência intrafamiliar um fator de risco e aponta a necessidade de investigar as relações familiares para a compreensão desse fenômeno que atinge de forma significativa o desenvolvimento, sobretudo de crianças, adolescentes, bem como dos jovens (CECCONELO, DE ANTONI & KOLLER, 2003; ZUMA, 2004; SOUZA & JORGE, 2006; SANCHEZ & MINAYO, 2006; MAIA, 2013).

Ademais, por ser considerado um contexto de proteção, onde a família é o principal promotor de socialização que exerce influência nos comportamentos, nos valores de cada cultura e ainda na aquisição de habilidades, constituindo-se em uma dimensão essencial na vida dos indivíduos” (DELL’AGLIO, SIQUEIRA, OLIVEIRA & LOPES, 2008), a instituição familiar vem sendo questionada quanto à inversão no seu papel de protetora, tendo em vista a magnitude que a violência intrafamiliar pode afetar na vida dos sujeitos submetidos à esta problemática social.

Apesar de todo o interesse científico, com diversos estudos acerca desta temática, bem como das legislações vigentes que garantem aos indivíduos o seu pleno desenvolvimento, a violência intrafamiliar continua presente nos ambientes familiares, sem distinguir classe social, etnia e religião, visto que valores existentes na sociedade, como ideologias, culturas existentes e crenças, acabam justificando este fenômeno e naturalizando a permissão e aceitação da violência intrafamiliar, por meio da punição física, como uma forma de disciplinar crianças e adolescentes, principalmente.

Dentre os diversos resultados que a exposição à violência intrafamiliar como fator de risco pode acarretar no desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens, cabe destacar os problemas de saúde mental (FATORI DE SÁ et al., 2010), a saída de casa (DUTRA-THOMÉ, SANTOS & KOLLER, 2010), os riscos psicossociais (BOTELHO et al., 2013), a intergeracionalidade na medida em que a violência, principalmente a física, é utilizada como uma forma de corrigir e educar as crianças e adolescentes (TONDOWSKI et al., 2014), e ainda a ideação ou tentativa de suicídio.

Os estudos demonstram que a ideação ou tentativa de suicídio está, sobremaneira, relacionada à exposição ao abuso sexual intrafamiliar (ESPINOZA-GÓMEZ et al., 2010; TEIXEIRA-FILHO et al., 2013), configurando-se em potencial fator de risco em adolescentes e jovens. Essa afirmativa está presente no estudo de Teixeira-Filho et al, (2013), no qual

investigou as trajetórias sexuais de 236 adolescentes de ambos os sexos, que cursavam o Ensino Médio e que declararam ter sido vítimas de abuso sexual intrafamiliar. Os resultados indicaram que 39,8% tiveram ideação suicida e 16,5% afirmaram ter tentado cometer suicídio.

Ainda nesta discussão, Espinoza-Gómez et al, (2010) realizaram um estudo em Colima (México) com 235 estudantes universitários de 14 a 19 anos, no qual objetivou verificar a relação entre a violência intrafamiliar e a ideação ou tentativa de suicídio. Dentre os principais resultados aparece o abuso sexual (27,4%), a violência verbal (9,28%) e a violência física (5,5%) respectivamente, como principais motivos que levaram os estudantes à ideação ou tentativa de suicídio.

Estes estudos alertam para o risco que a violência no contexto familiar pode ocasionar em crianças e adolescentes e jovens, os quais se encontram em plena fase de desenvolvimento, dentre eles o comportamento suicida, conforme o estudo supracitado. As sequelas da exposição à violência nestes sujeitos podem ocorrer a curto, médio ou longo prazo (TEIXEIRA-FILHO et al., 2013) e têm relação direta com a percepção e interpretação da vítima sobre a violência sofrida, bem como o papel que a sua rede de apoio social e afetiva desempenha para o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos nessa dinâmica.

Os efeitos da violência intrafamiliar podem ainda refletir nos diferentes contextos nos quais o sujeito participa, como no ambiente escolar e na relação entre pares. Com relação a este último, estudos demonstram que a exposição à violência intrafamiliar podem levar à perpetração de atos violentos entre namorados, como o uso da violência física e a coocorrência de violência psicológica (BARREIRA, LIMA & AVANCI, 2013; OLIVEIRA et al., 2014). Assim, evidencia-se que as relações estabelecidas entre os sujeitos influenciam e são influenciadas pelos demais contextos nos quais eles interagem, ou seja, as relações de violência dentro do contexto familiar reverberam sobre os demais contextos.

Desse modo, é importante compreender que a violência intrafamiliar não pode ser discutida de forma unilateral, tendo em vista que a sua dinâmica envolve diversos fatores, dentre os quais a sua prática intergeracional, configurando-se em uma desigualdade, uma vez que ocorre o poder de transgressão disciplinar do adulto sobre a criança e/ou adolescente, negando a liberdade e, muitas vezes, exigindo o pacto de silêncio aos envolvidos, bem como impondo tais sujeitos a satisfazer seus interesses.

Neste sentido, a violência intrafamiliar é considerada um problema complexo, principalmente devido os agressores serem pessoas conhecidas do seu meio social, ou seja, são membros da família extensa ou os seus próprios responsáveis como os pais e as mães, “que

mantém com as crianças e os adolescentes relações próximas e vínculos afetivos” (MOREIRA & SOUSA, 2012, p. 13).

Levando em consideração que as crianças e adolescentes convivem a maior parte do tempo no contexto escolar, estabelecendo relações diárias, sobretudo com os professores, a escola torna-se peça fundamental na prevenção da violência familiar. Nesta direção, o microsistema escolar passa, muitas vezes, a ser a única rede de proteção desses sujeitos, principalmente quando os membros familiares são os perpetradores da violência, uma vez que não há vínculo de confiança com os demais responsáveis ou com a família extensa (RISTUM, 2010). Neste sentido, a escola passa a ser um fator de proteção para crianças e adolescentes, podendo minimizar os efeitos da violência no seu desenvolvimento.

Desse modo, é com a intenção de ampliar o conhecimento desta realidade que se pretende investigar aspectos relacionados à violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens, partindo da seguinte questão problema: Como a violência se configura na vida de adolescentes e jovens; quais são as implicações que ela pode ter na construção das suas trajetórias de desenvolvimento; como percebem e se sentem afetados pela violência; qual é a dinâmica de risco e de proteção presente na família que pode levar à violência?

Assim, por se tratar de um fenômeno complexo, a violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens necessita de um olhar que possibilite compreender a dimensão desta problemática. Dessa maneira, faz-se necessário uso de uma abordagem de caráter qualitativo que busque compreender a dinâmica que envolve os processos desenvolvimentais acerca da subjetivação da violência intrafamiliar nestes sujeitos.

Para responder aos questionamentos expressos anteriormente, foram delineados os seguintes objetivos:

1.1 OBJETIVOS

1.1.2 Objetivo Geral

Investigar a exposição de adolescentes e jovens à violência no contexto familiar, identificando suas percepções sobre esta violência, sobre os fatores de risco e proteção, bem como suas implicações nas trajetórias de desenvolvimento de estudantes de escolas públicas do município de Belém.

1.1.3 Objetivos Específicos

- Analisar a produção científica sobre a violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens através de uma revisão sistemática de literatura;
- Caracterizar a exposição à violência intrafamiliar nas trajetórias de desenvolvimento de estudantes de escolas públicas do município de Belém;
- Identificar as percepções de adolescentes e jovens sobre a violência intrafamiliar e suas implicações nas suas trajetórias de desenvolvimento.

CAPÍTULO II

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Definições sobre violência, adolescência e juventude

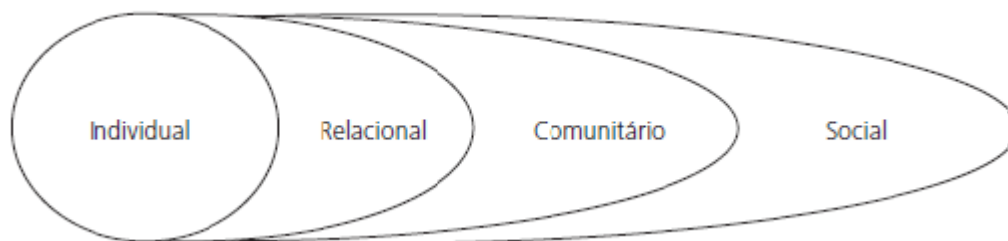
Nos últimos anos tem havido um maior interesse por parte dos pesquisadores em estudar crianças, adolescentes e jovens em diversos contextos, principalmente relacionando tais sujeitos com a exposição à violência (FATORI DE SÁ et al., 2009; BRAGA & DELL'AGLIO, 2012; SILVA, 2013; MAIA, 2013).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), violência corresponde ao uso intencional da força física ou do poder contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou uma comunidade que ocasione ou tenha possibilidade de ocasionar lesão, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento, privação ou morte. No entanto, não é tão simples definir violência, tendo em vista que ela é um fenômeno complexo e multicausal que afeta todos os grupos, povos e pessoas. A violência (ASSIS & MARRIEL, 2010, p. 41) “expressa-se sob formas distintas, cada qual com suas características e especificidades. Cada termo utilizado para definir a violência conduz a um mundo conceitual cujos contornos são determinados por uma tradição sociocultural e pela experiência de vida de cada indivíduo”.

A violência tem se tornado uma problemática visível em toda a sociedade contemporânea, apoderando-se, muitas vezes, tanto objetiva quanto subjetivamente da vida dos indivíduos e afetando a tomada de decisão dos mesmos no que concerne às suas ações seja no presente ou no futuro. A violência configura-se em um desafio social em decorrência da sua complexidade e das suas diferentes formas e manifestações, estas, por sua vez, invadem todos os contextos sociais e repercutem de maneira mais ampla na vida social (ASSIS, CONSTANTINO & AVANCI, 2010).

Segundo Assis e Marriel (2010, p. 42), a violência “é o resultado da complexa interação de fatores individuais, de relacionamentos estabelecidos, comunitários e sociais, sendo necessário ter sempre em mente as interseções e conexões existentes entre os diferentes níveis”. Nesta perspectiva, a OMS utilizou o modelo ecológico baseado nos estudos de Bronfenbrenner (1996) para compreender a violência, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1: Modelo ecológico para compreender a violência



Fonte: KRUG et al, 2002.

O nível individual corresponde aos fatores sociais, históricos, pessoais e biológicos que uma pessoa carrega em seu comportamento e que podem afetar a possibilidade tanto dela ser vítima quanto perpetradora da violência. O nível relacional concerne às relações sociais próximas, como por exemplo as relações com parceiros íntimos, com companheiros e membros familiares que potencializam o risco para a perpetração da violência e vitimização violenta. O nível comunitário leva em consideração os contextos da comunidade, tais como vizinhança, locais de trabalho e escola e visa identificar as características destes contextos associados à possibilidade da pessoa ser perpetrador ou vítima da violência. E, finalmente, o nível social compreende os fatores sociais mais amplos que podem influenciar os índices de violência (KRUG et al., 2002). Na perspectiva do modelo ecológico, os níveis influenciam-se mutuamente, desse modo torna-se importante compreender a violência a partir de um referencial sistêmico, haja vista ser entendida como um fenômeno relacional (BRONFENBRENNER, 1996).

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2006) é desde o final da década de 80 que a violência vem se destacando no Brasil como um importante problema de saúde pública. Na década de 90, devido a sua magnitude, os organismos internacionais já demonstravam que a violência representava um problema que repercutia na saúde das pessoas e na vida social de maneira mais ampliada.

No ano de 2015, foi publicado três Mapas da Violência: Homicídio de mulheres no Brasil; Mortes matadas por armas de fogo e; Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil. O primeiro assinala, dentre as diversas discussões, que embora a mortalidade masculina seja significativamente preponderante, o número de homicídios de mulheres tem aumentado, sendo a sua principal causa “motivos fúteis/banais” e o principal instrumento utilizado é a arma de fogo (73,2%). O segundo e terceiro mapas trazem dados que evidenciam o perfil dos jovens

vitimizados pela violência no Brasil, onde este tem gênero (homens), cor (negros) e classe social (pobres) e são, principalmente, da região nordeste do país (WAISELFIZ, 2015a, 2015b, 2015c).

O Atlas da Violência (IPEA, 2016) reitera o perfil das vítimas da violência e enfatiza que embora os dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) sejam fundamentais e os mais confiáveis para identificar o quantitativo de mortes violentas intencionais, este Sistema é ineficaz quando se refere à autoria da força letal de policiais. O Atlas assinala ainda que a mortalidade violenta de jovens tem crescido de forma acelerada desde 1980, no entanto, a problemática é ainda pior e emergente ao se considerar que o país sofrerá decréscimo no que concerne à proporção de jovens na população em geral a partir de 2023 (CAMARANO et al., 2013). É importante ressaltar que “essa dinâmica demográfica implicará dificuldades das gerações futuras em vários planos, incluindo o mercado de trabalho, previdência social e o necessário aumento da produtividade” (IPEA, 2016, p.19).

No que se refere ao contexto amazônico, lócus desta dissertação, em Belém, a taxa de homicídio (por 100 mil habitantes) de adolescentes de 16 e 17 anos ocupou o 18º lugar no ano de 2003, com 49,3%. Em contrapartida, no ano de 2013 atingiu a 10ª posição, correspondendo a um total de 105,2% ao ano (WAISELFIZ, 2015a). Pode-se perceber que a situação é séria e requer ações emergenciais, pois embora tenha crescido o número de pesquisas que fazem investigações referentes à vitimização e/ou à relação de adolescentes e jovens com a violência, parece que os resultados não têm sido suficientes para se pensar em políticas públicas que venham a combater e prevenir os índices alarmantes no que se diz respeito ao extermínio da juventude.

Discutir a adolescência e juventude e a sua relação com a violência tem sido algo cada vez mais recorrente na atual conjuntura dado os índices que tem sido apontados em diversas pesquisas a nível nacional e internacional. Tais índices são preocupantes, pois refletem a maneira como esses grupos, sobretudo a juventude tem se inserido, ou mesmo deixado de se inserir, nos diferentes contextos sociais. No entanto, é necessário ter um olhar crítico acerca dos problemas e desafios que os jovens vêm enfrentando, tendo em vista que há uma constante e intensa transformação que de maneira direta atinge a vida dos mesmos, transformações estas que concernem ao trabalho, à escolarização, à formação e dentre tantas outras.

No Brasil, os termos adolescência e juventude são usados concomitantemente, ora se superpõe, ora aparecem em esferas distintas, mas complementares, e ora refletem ainda uma disputa por abordagens distintas. De acordo com Abramo e Léon (2005, p. 8), “em grande medida a imprecisão e a superposição entre os dois termos permanece, o que pode levar a

ambiguidades que podem resultar em invisibilidades e desconsiderações de situações específicas que geram, em decorrência, a exclusão de múltiplos sujeitos do debate e do processo político atual”.

A juventude vai além da adolescência seja pela questão etária, seja pelas questões que caracterizam os jovens, bem como pelo projetos e ações que exigem outras demandas, além da garantia de proteção instituída pelo ECA (ABRAMO & LÉON, 2005).

A adolescência compreende a primeira fase da juventude, correspondendo à faixa etária de 12 a 17 anos, segundo o ECA, e se caracteriza pelas mudanças específicas dessa fase, como um período particular do desenvolvimento, bem como de preparação para a inserção na vida adulta; a fase posterior corresponde aos jovens adultos, por ser marcada pela construção de trajetórias sociais de vida.

A juventude pode ser definida a partir de uma série de pontos de partida “como uma faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, um ciclo de vida, uma geração”, segundo Abramo e Léon (2005, p. 06). Entretanto, estes autores consideram que essas etapas se vinculam na medida em que adentram no ciclo que corresponde à adolescência e à maturidade.

Para Dayrell e Gomes (2007), a juventude começa a partir da adolescência, sendo esta marcada por diversas transformações biológicas, sociais e de inserção social. É na fase da juventude, conforme afirmam Carrano e Dayrell (2002, p. 03) que se adquire “fisicamente o poder de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de autossuficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos”. Os autores apontam ainda que:

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Enfim, podemos dizer que não existe um único modo de ser jovem, o que nos leva a enfatizar a noção de *juventudes*, no plural, para explicitar a diversidade de modos de ser jovem existentes (DAYRELL & GOMES, 2007, p. 04).

Vale destacar que dependendo do meio social, no qual a juventude está inserida, essa diversidade de concepções de juventudes pode mudar ao serem levados em consideração alguns aspectos como cultura, condições sociais, gênero, dentre outros (PERALVA, 1997). Desse modo, o meio social interfere na construção e na vivência do tempo da juventude, especialmente em relação às classes sociais, tendo em vista que os jovens das camadas populares, muitas

vezes, precisam trabalhar para ajudar no sustento da família, o que pode vir a acarretar a evasão escolar dos mesmos (CARRANO & DAYRELL, 2002).

Neste sentido, Abramovay (2002) assinala que a juventude é um dos mais importantes segmentos populacionais que continuam a desafiar as políticas de desenvolvimento social da América Latina, uma vez que tem aumentado os índices relativos à violência e à pobreza e decrescido o número de oportunidades de emprego, ocasionando a estes sujeitos a falta de perspectivas no futuro (ABRAMOVAY, 2002).

Em 2002, alguns pesquisadores já previam que, no que concerne ao quadro de desigualdades sociais, os jovens estariam entre a população de maior vulnerabilidade (CARRANO & DAYRELL, 2002; ABRAMOVAY, 2002). Nesta perspectiva, Abramovay (2002) afirma que:

O contingente de jovens em situação de vulnerabilidade, "aliada às turbulentas condições socioeconômicas de muitos países latino-americanos ocasiona uma grande tensão entre os jovens que agrava diretamente os processos de integração social e, em algumas situações, fomenta o aumento da violência e da criminalidade" (p. 09).

É importante ressaltar que não são todas as violências do dia a dia que resultam em morte, no entanto a morte é considerada o grau extremo da violência que pode ocorrer nas relações entre os humanos (WASELFIZ, 2010).

Dentre as diversas manifestações de violências contra crianças, adolescentes e jovens, a violência intrafamiliar é um tipo específico no qual “rompe o vínculo de confiança básica para o desenvolvimento da vida em família, entrando na seara das relações familiares e seus significados” (MARTINS, 2005, p. 5). Com isso, a família acaba invertendo o seu papel de protetora quando expõe sujeitos em desenvolvimento às marcas desta violência.

2.2 A família como um sistemas de relações

Nos últimos anos tem sido crescente o interesse por estudos que investigam o desenvolvimento sob uma perspectiva ecológica, isto é, considerando os diversos elementos que constituem o processo de desenvolvimento da pessoa. Muitos destes estudos, principalmente na área da Psicologia, têm como foco a família e utilizam como base teórico-metodológica a Teoria dos Sistemas Ecológicos, proposta por Urie Bronfenbrenner (1996/2011), por compreender o desenvolvimento como resultante das relações estabelecidas entre a pessoa e o ambiente (MARTINS & SZYMANSKI, 2004).

A família aparece como o principal ambiente no qual “a criança encontra os primeiros “outros” e, por meio deles, aprende os modos humanos de existir – seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito” (SZYMANSKI, 2011, p. 22). Além disso, é o principal promotor de socialização que exerce influência na aquisição das habilidades, comportamentos, bem como nos valores apropriados de cada cultura, que constituem em uma dimensão fundamental na vida dos sujeitos (BRONFENBRENNER, 1996; DELL’AGLIO, SIQUEIRA, OLIVEIRA & LOPES, 2008, p. 87). Neste sentido:

A criança, ao nascer na família, já encontra um mundo organizado seguindo parâmetros construídos pela sociedade como um todo e assimilados, idiossincraticamente, pela própria família que, por sua vez, também carrega uma cultura própria. A cultura familiar particular está impregnada de valores, hábitos, mitos, pressupostos, modos de sentir e de interpretar o mundo que definem modos específicos de trocas intersubjetivas e, conseqüentemente, tendências para a constituição do sujeito (SZYMANSKI, 2011, p. 22-23).

O conceito de família está em constante transformação em decorrência de se tratar de um sistema aberto, bem como devido às trocas de informações com os sistemas extrafamiliares (MINUCHIN, 1982). Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2006), família é um grupo de pessoas que possuem vínculos consanguíneos, afetivos ou ainda de convivência. Na definição psicológica, a família é um conjunto de relações familiares. Além disso, “a família pode ser vista como totalidade, sistema ou grupo formado por pessoas que se relacionam entre si, por parentesco e/ou por se considerarem pertencentes àquele contexto” (DE ANTONI & KOLLER, 2000, p. 349).

A Política Nacional de Assistência Social (PNAS) corrobora esta perspectiva na medida em que defende a defesa do direito à convivência familiar na proteção da assistência social, a qual supera o conceito de família como unidade econômica, passando esta a atender “como núcleo afetivo, vinculado por laços consanguíneo, de aliança ou afinidade, onde os vínculos circunscrevem obrigações recíprocas e mútuas, organizadas em torno de relações de geração e de gênero” (PNAS, 2005, p. 17).

Para além das definições psicológicas, na atual conjuntura, a família passou a ser considerada, sobretudo, como um grupo que não precisa ser, obrigatoriamente, composto por membros consanguíneos (PALUDO & KOLLER, 2008; BRASIL, 2006; DE ANTONI & KOLLER, 2000). Na definição antropológica de família, o elemento central de estudo está relacionado à estrutura de relações, sendo, portanto, o grau de parentesco o foco que está ligado aos seguintes vínculos:

O consanguíneo (entre irmãos), de aliança (marido e esposa) e de filiação (pais e filhos). As definições sociológicas centralizam-se em tipologia familiar, que inclui: família nuclear ou de orientação (composta por pai, mãe, os irmãos e as irmãs), família de procriação (formada pela pessoa, seu marido/esposa, filhos), entre outras configurações. A família pode ser compreendida a partir do número de integrantes e da sua extensão, que determinam mudanças estruturais e ampliações no tamanho e na forma do grupo familiar, isto é, as reorganizações depois de mortes, divórcios e novos casamentos (DE ANTONI & KOLLER, 2000, p. 348-349).

A família é, portanto, uma instituição complexa, com diferentes configurações que coexistem na sociedade contemporânea. Segundo Paludo e Koller (2008), o status socioeconômico, principalmente em relação aos pobres, influencia na qualificação de uma família. Para este segmento social, a família está relacionada àquelas pessoas nas quais elas podem confiar, independentemente se o grupo genealógico ao qual está vinculado é parente consanguíneo, o que importa é que cumpra com suas obrigações morais (SARTI, 1995).

Segundo Szymanski (2011), a família “é uma das instituições responsáveis pelo processo de socialização realizado mediante práticas exercidas por aqueles que têm o papel de transmissores – os pais – e desenvolvidas junto aos que são os receptores – os filhos” (SZYMANSKI, 2011, p. 20). Segundo a autora, as práticas são concretizadas nas trocas interpessoais, onde o seu conhecimento é perpassado de geração a geração. Desse modo, o caráter de tais práticas:

Expressa-se tanto na finalidade de transmissão de saberes, hábitos, conhecimentos e em procedimentos que garantam a sua aquisição e fixação, como também na constante avaliação dos membros receptores quanto ao grau de assimilação do que lhes foi transmitido. Como toda avaliação, sofre os vieses interpretativos e serve a propósitos ideológicos, calcados em valores e crenças. Há, também, a reconsideração de estratégias de transmissão da herança cultural, conforme os conhecimentos acumulados por uma cultura (SZYMANSKI, 2011, p. 20).

Para cumprir o papel de promotores de socialização dos filhos, os pais utilizam-se de diversas técnicas e estratégias denominadas práticas educativas parentais. Tais práticas são classificadas em duas categorias: as estratégias indutivas que “caracterizam-se por direcionar a atenção da criança para as consequências de seu comportamento às outras pessoas e para as demandas lógicas da situação, ao invés das consequências punitivas para ela mesma” (MARIN et al., 2013, p. 124) e a estratégia de força coercitiva que é caracterizada por mecanismos nos quais se utiliza a aplicação do poder e da força dos pais sobre os filhos, que incluem privação de privilégios ou ameaças e punição física, que visam compelir a criança a ajustar o seu comportamento diante das reações punitivas dos pais (MARIN et al., 2013). Segundo Cecconelo, De Antoni e Koller (2003), o uso da estratégia de força coercitiva pode provocar

intensas emoções na criança, como medo, hostilidade e ansiedade que podem interferir na capacidade da mesma para ajustar o seu comportamento frente à situação.

Para resguardar o desenvolvimento de crianças e adolescentes, o ECA (BRASIL, 1990) foi criado objetivando assegurar a proteção integral destes sujeitos, bem como dar orientações às diversas esferas sociais como a família, a escola e a comunidade, que fazem parte de seu contexto. Ademais, este estatuto visa impedir que aconteça qualquer manifestação de violência contra as crianças e adolescentes e, com isso, a violação dos seus direitos. Na ocorrência de alguma violação, o ECA institui punição aos seus agressores. Neste sentido, o uso de violência como uma prática do tipo coercitiva caracteriza uma forma de violação de direitos. No entanto, qual o limite da violência física para fins disciplinares? Como identificar que tais práticas podem configurar-se como fator de risco ao desenvolvimento de crianças e adolescentes?

O estudo de Patias, Siqueira e Dias (2012) que visou identificar os efeitos das práticas educativas coercitivas no desenvolvimento de crianças e adolescentes, identificou que o uso da força física com vistas a educar está associado a resultados negativos ao desenvolvimento dos sujeitos, como baixa autoestima e comportamentos agressivos, configurando-se em risco ao desenvolvimento. As práticas educativas coercitivas, através do abuso físico, são compreendidas e justificadas pelos membros familiares como uma prática de disciplina. Desse modo, o uso da força física por parte dos pais ou dos cuidadores revela uma crença nos valores autoritários e na asserção do poder dos pais sobre os filhos (CECCONELO, DE ANTONI & KOLLER, 2003).

Nestes processos, pode-se perceber que as relações são estabelecidas por meio de dominação como forma de exercício do poder, onde estas relações são mantidas pela fragilidade de quem tenta se submeter, pois como afirma Foucault (1999), “o poder se exerce, não se possui”, ou seja, tal estruturação de dominação é necessária como meio de manutenção do próprio poder. E, uma vez que o poder é uma prática social, tal prática é construída historicamente. Assim, a violência adentra no contexto familiar com a justificativa de disciplinar crianças e adolescentes, configurando-se em uma prática que transcende gerações (CECCONELO, DE ANTONI E KOLLER, 2003; MARIN et al., 2013; TONDOWSKI et al., 2014).

2.3 Violência intrafamiliar como fator de risco

A violência intrafamiliar é um problema de saúde pública (BRASIL, 2006; TRABBOLD, 2012) e tem se revelado um potencial fator de risco ao desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens, despertando assim o interesse em pesquisadores visto que nas últimas décadas ela deixou de ser um drama particular e se tornou um problema de ordem pública (PIRES FILHO, 2011) dada a sua multicausalidade, as suas implicações, bem como as relações internas da família.

A violência contra crianças e adolescentes é um fenômeno que ocorre desde a antiguidade, no entanto só passou a ser discutida com mais ênfase no Brasil a partir de 1980, sendo iniciados, também nesta década, os primeiros programas específicos voltados para o atendimento desta problemática social (BRITO et al., 2005). A partir de então vem sendo ampliada as discussões em torno desta temática e sendo reconhecida a gravidade deste fenômeno.

Segundo Azevedo e Guerra (1989), a violência contra crianças e adolescentes é democrática, tendo em vista que atinge todas as classes sociais, países e raças. Todavia, a violência que ocorre no contexto familiar, bem como as outras formas de violência, possui características peculiares e manifesta-se de maneira complexa. De acordo com Barros (2006), tais peculiaridades não podem ser generalizadas e naturalizadas como justificativa para a manifestação da violência, tampouco para a culpabilização de contextos mais empobrecidos da sociedade.

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2002) define violência intrafamiliar como “toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família” (BRASIL, 2002, p. 15). Esta violência pode ser cometida tanto no ambiente intrafamiliar como no extrafamiliar por algum membro da família ou por pessoas que assumem função parental mesmo que não possuam vínculos consanguíneos.

A exposição à violência intrafamiliar pode gerar traumas físicos e psicológicos às vítimas, configurando-se em um problema de saúde pública, tendo em vista a sua incidência e as possíveis consequências psicossociais. Embora a violência ocorrida no contexto familiar ainda seja silenciada, e até mesmo naturalizada, o quantitativo de denúncias de agressões e violações dos direitos de crianças e adolescentes tem crescido cada vez mais, principalmente a partir da promulgação do ECA (BRASIL, 1990).

De acordo com Barros et al, (2013, p. 1494) a violência que ocorre no ambiente familiar “é um fenômeno complexo e multicausal, onde formas agressivas e cruéis de tratamento podem ser usadas pelos pais ou por algum outro membro da família, incluindo indivíduos que passam a assumir função parental”. Ademais, esta violência “consiste em formas agressivas da família se relacionar, por meio do uso da violência como solução de conflito e como estratégia de educação. Inclui, ainda, a falta de cuidados básicos com seus filhos” (BRASIL, 2010, p. 26-27). Saffioti (1997) destaca que o agressor, com frequência apresenta histórico de exposição a maus-tratos na infância e/ou adolescência, o que pode causar a sua reprodução, configurando-se, assim, em uma intergeracionalidade da violência.

A violência intrafamiliar se caracteriza pela violência física, violência sexual, violência psicológica e ainda a negligência. A violência física ocorre por meio da relação de poder, na qual pais, responsáveis ou outros familiares fazem uso da força física de forma intencional e não acidental, visando machucar ou ferir crianças e adolescentes e podem deixar ou não marcas da violência nos seus corpos. Esta violência é forma mais frequente de ser identificada, sendo comumente referenciada a maus-tratos físicos, abuso físico e à própria violência física (ABRAPIA, 1997).

A violência sexual é todo o ato onde uma pessoa em poder da outra usa da força física, a coerção ou intimidação psicológica, obrigando a outra à relação sexual (anal, vaginal e/ou oral) contra a sua vontade; ademais ela acontece de várias formas, incluindo estupro, assédio sexual, sexo forçado no casamento, abuso sexual infantil, abuso incestuoso, carícias não desejadas, exibicionismos, etc. (BRASIL, 2006). A violência sexual apresenta-se, geralmente, pela exploração e pelo abuso sexual. A exploração sexual comercial na infância e adolescência se configura “pela obtenção de vantagem ou proveito, por pessoas ou redes, a partir do uso (abuso) do corpo dessas crianças ou adolescentes, com base em relação mercantilizada e de poder” (BRASIL, 2009, p. 36-37). Esta problemática social ocorre em todos os nichos sociais e não somente em contextos mais empobrecidos. Tal fenômeno “é identificado em todo o mundo e essa constatação tem mobilizado diferentes atores da sociedade no sentido de identificar, compreender e enfrentar essa cruel forma de violação de direitos” (BRASIL, 2009, p. 37).

A violência sexual se configura em todo jogo ou ato sexual, seja em uma relação homossexual ou heterossexual, entre um ou mais adultos com uma criança ou um adolescente, com o objetivo de estimular sexualmente estes sujeitos. O abuso sexual pode configura-se ainda em utilizar crianças e adolescentes para estimular outras pessoas ou a si mesmo. Esta forma de

violência sexual compreende, ainda, “uma série de situações que estão localizadas em um *continuum* que muitas vezes dificulta o estabelecimento dos limites entre o aceitável e o inaceitável, especialmente em uma cultura como a nossa, que sexualiza a infância” (BRASIL, 2009, p. 36).

A violência psicológica corresponde à omissão ou ação que venha a ocasionar algum tipo de dano à sua identidade do sujeito, ao seu desenvolvimento ou à sua autoestima (BRASIL, 2006). A violência psicológica constitui-se em:

Rejeição, humilhação, constrangimento, depreciação, ameaça de abandono, discriminação, desrespeito, utilização da criança como objeto para atender a necessidades psicológicas de adultos. Pela sutileza do ato e pela falta de evidências imediatas, esse tipo de violência é um dos mais difíceis de caracterizar e conceituar, apesar de extremamente frequente. Cobranças e punições exageradas são formas de violência psicológica, que podem trazer graves danos ao desenvolvimento psicológico, físico, sexual e social da criança (ABRAPIA, 1997, p. 11).

Para além destas violências, há ainda a negligência que concerne às omissões de pais ou responsáveis das crianças e adolescentes, onde estes privam necessidades que são essenciais para o desenvolvimento desses sujeitos (SOUZA & JORGE, 2006) tais como a alimentação, segurança, escola, etc. (MAIA & WILLIAMS, 2005; SIQUEIRA, 2006), ou seja, representa falhas nos cuidados básicos à proteção da infância e adolescência, devendo diferir-se da carência de recursos socioeconômicos (ABRAPIA, 1997). Cabe destacar que o abandono é considerado uma grave forma de negligência (COSTA et al., 2007).

As manifestações de violência intrafamiliar podem ser resultantes de práticas com pretensões educativas (CECCONELO, DE ANTONI E KOLLER, 2003). Tais práticas podem acontecer na forma de explicações, punições e recompensas, diferenciando-se nos estilos e maneiras que essas práticas acontecem. Elas têm como estratégias atingir objetivos específicos em diferentes segmentos como acadêmico, social e afetivo e que podem variar desde uma simples conversa até mesmo a utilização da violência praticada contra crianças e adolescentes. As práticas educativas podem acontecer dentro do ambiente familiar por meio do castigo físico e ainda através da punição corporal, sempre com a alegação de serem utilizadas como uma forma de auxílio no desenvolvimento infanto-juvenil (CECCONELO, DE ANTONI E KOLLER, 2003).

A violência intrafamiliar faz parte das interrelações que ocorrem no microsistema da família, onde é vista como uma prática naturalizada neste contexto. Esta violência acaba revelando a transgressão dos adultos, uma vez que não cumprem o seu dever de garantir

proteção às crianças e adolescentes e, principalmente por serem eles próprios os agressores da violência (AZEVEDO & GUERRA, 2005). E por utilizarem esta violência como uma prática educativa, tratam o sujeito como objeto para alcançar um determinado fim. Para Chauí (1985), a violência se configura como uma ação na qual trata o ser humano como um objeto e não como um sujeito.

Segundo Andrade et al, (2011, p. 149), “uma dificuldade em definir a violência doméstica é o estabelecimento dos limites entre a agressão física com fins disciplinares e a agressão física severa”. A violência como prática educativa tem sido utilizada na educação dos pais através de punições psicológicas e físicas. A violência física é a forma mais fácil de identificar, por deixar marcas visíveis nas suas vítimas.

Nesta direção, Pimentel e Araújo (2009) afirmam que a violência tem formas explícitas e sutis de identificar a sua visibilidade. A violência explícita se configura, principalmente, através de agressões físicas, tendo em vista que é mais fácil de detectar e, conseqüentemente, de repreender e punir os agressores. A violência sutil é configurada através da negligência, da violência psicológica e sexual, ou seja, são formas de violência que podem ser mantidas invisíveis, dificultando a sua evidência e os seus efeitos reais sobre a vítima. Ambas as violências “atravessam o contexto familiar, resultando em dor e sofrimento, e possivelmente alteram a subjetividade de quem é vitimizado, pelo menos nas dimensões da autoimagem e autoestima” (PIMENTEL & ARAÚJO, 2009, p. 660).

Além das marcas físicas, quando não leva à morte, a violência deixa sequelas emocionais que podem comprometer de forma permanente crianças e adolescentes, o que, conseqüentemente, prejudicará o aprendizado, as relações sociais e o pleno desenvolvimento desses sujeitos. O Ministério da Saúde adverte que os “seus efeitos perversos podem se manifestar, ainda, na construção de um círculo de reprodução e retroalimentação de práticas violentas em que, novamente, meninos e meninas serão as principais vítimas” (BRASIL, 2006, p. 11).

A exposição à violência intrafamiliar em crianças, adolescentes e jovens configuram-se como fatores de risco ao desenvolvimento desses indivíduos. Desse modo, destaca-se a necessidade de políticas de prevenção e combate a esta violência, de modo que a família garanta o direito ao pleno desenvolvimento de seus membros e, com isso, cumpra o seu papel de protetora, uma vez que cabem “aos pais zelar pelo desenvolvimento físico e emocional de seus filhos, provendo às suas necessidades materiais e afetivas e garantindo-lhes proteção e segurança” (ARAÚJO, 2002, p. 7).

Torna-se necessário que a violência seja discutida não como uma problemática individual, mas contextualizada numa trama social, uma vez que a mesma se faz presente desde os primórdios da sociedade (FREUD, 1923/1996), bem como é um fenômeno caracterizado por diversos fatores que estão inter-relacionados, como aspectos, biológicos, psicológicos, ambientais e sociais (SOUZA, POLETTTO & KOLLER, 2013).

2. 4 Contribuições da abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano acerca da Violência Intrafamiliar

A Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano (ABDH) é fundamental para compreender a violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens, visto que considera o sujeito no seu contexto. Inicialmente, a ABDH foi denominada Ecologia do Desenvolvimento Humano, que destacava características da pessoa em desenvolvimento, do ambiente, bem como da interação entre si. Uma década depois, a teoria evoluiu e passou a ser denominada Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, que corresponde ao fenômeno de continuidade e mudança nas características biopsicológicas dos seres humanos, tanto como indivíduos, quanto como grupos, sendo estendido durante todo o ciclo vital do sujeito, por meio de sucessivas gerações, bem como através do tempo histórico, passado e futuro. (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998).

A Abordagem Bioecológica compreende quatro elementos principais: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. O processo é a parte central da abordagem bioecológica e consiste no modo como a pessoa interpreta o seu ambiente, significa suas experiências e como transita no seu desenvolvimento através das atividades cotidianas, dos papéis e das inter-relações.

O processo compreende formas particulares de interação entre o indivíduo e o contexto, denominado de processo proximal, sendo considerado o principal motor de desenvolvimento e possuem propriedades diferentes: 1) Para que o desenvolvimento ocorra, a pessoa deve se engajar em uma atividade; 2) Para ser eficaz, a atividade deve ocorrer "em uma base bastante regular, durante um período prolongado de tempo; 3) Para serem eficazes em termos de desenvolvimento, as atividades devem continuar por tempo suficiente para se tornarem cada vez mais complexas, pois a mera repetição não funciona; 4) Para que os processos proximais sejam efetivos deve haver influência em ambos os sentidos, ou seja, deve haver algum grau de reciprocidade na troca e; 5) Os processos proximais não se limitam às interações com as pessoas; eles também podem envolver a interação com objetos e símbolos. Na última circunstância, para que ocorra a interação recíproca, os objetos e símbolos no ambiente imediato

devem ser de um tipo que atraia atenção, exploração, manipulação, elaboração e imaginação (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998).

O segundo elemento é a pessoa que é analisada por meio das seguintes características: disposição, recurso e demanda. As características da disposição estão relacionadas à capacidade da pessoa colocar os processos proximais em movimento e sustentá-los. As características do *recurso* estão ligadas à experiência e habilidade que são exigidas da pessoa para o funcionamento dos processos proximais. E as características da demanda correspondem aos aspectos pessoais que são capazes de impedir ou promover reações do ambiente social, favorecendo ou dificultando a operação dos processos proximais.

O terceiro elemento é o contexto que compreende quatro níveis ambientais: Microsistema, Mesossistema, Exossistema e Macrossistema. O Microsistema consiste em um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento nos contextos nos quais estabelece relações face a face. O mesossistema compreende um conjunto de microsistemas que o sujeito participa e as inter-relações estabelecidas entre eles. O Exossistema refere-se aos ambientes que o sujeito não participa, mas que exerce influência indireta no desenvolvimento do mesmo. O Macrossistema corresponde a crenças, ideologias, valores e a cultura que influencia no desenvolvimento do sujeito.

O último elemento é o tempo que constitui três níveis: microtempo, mesotempo e macrotempo. O microtempo refere-se a continuidade versus descontinuidade em episódios em curso de processo proximal. Mesotempo é a periodicidade desses episódios em intervalos de tempo mais amplos, como dias e semanas. Por fim, a Macrotempo concentra-se na mudança de expectativas e eventos na sociedade, tanto dentro como entre gerações, na medida em que afetam e são afetados pelos processos e resultados do desenvolvimento humano durante o curso da vida (BRONFENBRENNER & MORRIS, 1998).

A Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano possibilita compreender o fenômeno da violência intrafamiliar, bem como o que pode se configurar como fatores de risco ou fatores de proteção ao desenvolvimento de adolescentes e jovens, na medida em que diz respeito ao desenvolvimento de maneira ampla dos sujeitos contemplando as interações dos mesmos nos seus diversos contextos como a família, instituições, escola, grupos de pares etc e ainda, o ambiente em geral e as formas como este último interage com os demais (POLETTI & KOLLER, 2008). Desse modo, a relevância deste referencial teórico para este estudo se dá na medida em que possibilitará compreender a violência intrafamiliar como um fenômeno complexo e multidimensional, e não unidirecional, uma vez que esta teoria compreende as

relações estabelecidas entre a pessoa e o ambiente e ainda, como os fatores externos podem influenciar o contexto mais íntimo que é a família. Ademais, a Abordagem Bioecológica é relevante para este estudo, por compreender um conjunto de fatores, nos quais o desenho de pesquisa desta abordagem aponta para esta dinâmica e contribui para a compreensão da violência intrafamiliar.

Os fatores de risco e os fatores de proteção são categorias em transformação, ou seja, constituem-se de acordo com o contexto no qual o sujeito em desenvolvimento está inserido (DE ANTONI & KOLLER, 2001), sendo, portanto, dinâmicos e relacionais. Segundo Poletto e Koller (2008, p. 405), definir fator de risco ou fator de proteção depende “da qualidade das relações e da presença da afetividade e reciprocidade que estes ambientes propiciam”.

As pesquisas que se dedicam a compreender os fenômenos relacionados ao desenvolvimento dos sujeitos, como os fatores de risco e proteção, são de extrema relevância social, uma vez que as políticas públicas devem ser pautadas na ciência, segundo Bronfenbrenner e Morris (1998). A Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano privilegia pesquisas em desenvolvimento de forma contextualizada, bem como estudos em ambientes naturais, com vistas a apreender a realidade de forma contextual, tal como é percebida e vivida pelo sujeito nos contextos nos quais ele interage (BRONFENBRENNER, 1996). A ABDH tem como enfoque interdisciplinar e integrador os períodos de idade relativos à infância e à adolescência, bem como interesse explícito em aplicações a políticas e programas pertinentes ao desenvolvimento destas fases na família.

Um dos contextos que o autor se debruça a compreender é a família. Para Bronfenbrenner (2011, p. 267) a definição de família consiste em “um grupo de pessoas que possuem e executam um compromisso irracional de bem-estar uns aos outros”. Este compromisso está pautado na medida em que as pessoas se comprometem em promover o bem-estar ao longo de toda a vida do sujeito, independente do contexto no qual participa. Neste sentido, o autor assinala que “as principais forças que mantêm o arranjo irracional, exequível e duradouro não se encontram apenas dentro da própria estrutura, mas existem também fora dela”, exercendo influência mutuamente no desenvolvimento do sujeito. Para que isso ocorra é necessário que sejam realizadas atividades regulares e por um longo período temporal, visto que estas podem promover o desenvolvimento em aspectos diferentes: emocional, intelectual, moral e social.

Embora a família seja considerada como o contexto mais propício para um desenvolvimento positivo, pesquisas apontam que no ambiente familiar ocorrem, muitas vezes,

violações de direitos, passando, portanto, a configurar-se como um fator de risco ao desenvolvimento dos sujeitos (DUTRA-THOMÉ, SANTOS & KOLLER, 2010; ROCHA & MORAES, 2011, HOHHENDORFF et al., 2012, MAIA, 2013).

Neste sentido, conforme Bronfenbrenner (2011) assegura, “a família não existe sem suas vulnerabilidades” (p. 280). A falta de apoio social pode diminuir a unidade mais íntima que é a família, podendo implicar em estresse que os pais levam para as suas relações com os filhos e com isso prejudicar a qualidade e a eficácia do vínculo entre os mesmos. Desse modo, a vulnerabilidade a qual o autor se remete pode estar relacionada no próprio microssistema da família, bem como aos demais sistemas (meso, exo e macrossistema), os quais exercem influência na dinâmica familiar, tendo em vista que os contextos influenciam-se e são influenciados por outros nos quais a pessoa em desenvolvimento interage.

No estudo de De Antoni e Koller (2000) com meninas institucionalizadas, após terem sido vítimas de maus tratos familiar, os resultados demonstraram que para as adolescentes “apanhar é normal” e que “família que não tem briga não é família”. Segundo as autoras, pode-se identificar que as relações estabelecidas no contexto familiar apresentam situações de risco e podem contribuir para tornar vulneráveis os membros familiares.

Apesar da exposição à violência intrafamiliar, uma das expressões que são observadas com maior frequência nos relatos, sobretudo de adolescentes e jovens, é “*A família é tudo!*”, uma vez que estes consideram que a família é essencial em suas vidas, pois em momentos de dificuldades é na família que eles buscam apoio e recorrem para a resolução de problemas (GONÇALVES et al., 2008; DE ANTONI & KOLLER, 2000). Os adolescentes consideram o sistema familiar como sendo composto pelas pessoas que estão mais próximas e, portanto, com as quais mais interagem.

Além disso, algumas das adolescentes afirmaram que a família não é, necessariamente, é constituída unicamente por membros que possuem vínculos consanguíneos, mas aquela onde há relação de afinidade e responsabilidade sobre os cuidados dos demais membros familiares (BRONFENBRENNER, 1996). De acordo com a definição de família proposta por Bronfenbrenner (1996), a família, enquanto um microssistema, é constituída por pessoas significativas nas quais há a relação de apoio e de troca, bem como reciprocidade, afeto, estabilidade e proximidade (DE ANTONI & KOLLER, 2000).

De acordo com Bronfenbrenner (2011, p. 266), “a família é fundamental não somente para a capacidade que tem uma criança para aprender a andar, falar e estudar, mas também pela capacidade de um adulto de realizar seu trabalho, pensando claramente, para servir a

comunidade ou a sociedade como um todo”. Entretanto, conforme afirmado anteriormente, apesar de a família ser considerada a principal promotora para o desenvolvimento da criança, estudo têm apontado que a família pode configurar-se como um fator de risco.

Nesta perspectiva, em estudo realizado por Maia (2013), cujo objetivo consistiu em investigar a violência intrafamiliar como fator de risco no desenvolvimento dos jovens, identificando os principais agressores e os tipos de violência, foi identificado que as violências verbais e físicas são as mais praticadas, tendo a mãe e o pai aparecido como principais agressores da violência física; madrastas e avós da violência psicológica e a categoria outros e o padrasto da violência sexual.

Com base nestes dados, pode-se perceber que os membros familiares configuram-se como agressores de violências perpetradas no contexto familiar, o que parece inverter o papel da família, o qual é considerado como o principal ambiente no qual o sujeito se desenvolve (BRONFENBRENNER, 1996). No entanto, para que este desenvolvimento ocorra de forma saudável, é necessário que nas relações familiares haja equilíbrio de poder. Assim, Bronfenbrenner (2011) aponta que a necessidade de apoio da família depende da forma como o sistema familiar está estruturado, bem como das condições nas quais os membros familiares se relacionam entre si e com os demais contextos. Segundo o autor, “a família fornece as condições de desenvolvimento mais importantes: o amor e o cuidado que uma criança necessita para se desenvolver com sucesso” (p. 279).

No grupo familiar, a violência nem sempre é percebida pelos envolvidos (vítima e agressor) como um fator de risco ao desenvolvimento dos sujeitos submetidos a ela, tendo em vista que as relações familiares muitas vezes são marcadas por subordinação e desigualdade, que podem desencadear manifestações de violência, devido a crises ou padrões de geração que são acompanhados por meio do histórico de cada família.

Embora seja papel de toda a família resguardar os direitos das crianças e adolescentes, a figura materna tem sido a principal fonte de investigação de estudos que tratam da percepção e/ou das medidas adotadas pela rede de apoio familiar diante da revelação da violência sexual intrafamiliar. Assim, para uma grande parcela dos adolescentes, a mãe é a figura familiar vista como a mais importante fonte de apoio em suas vidas (DE ANTONI & KOLLER, 2000; PALUDO & KOLLER, 2008), apesar de estudos demonstrarem que ela se configura como a principal agressora da violência física (ZUMA, 2004; ASSIS & DESLANDES, 2008; MAIA, 2013). Pode-se inferir que esta percepção dos adolescentes deva-se ao fato de que nas famílias monoparentais é ela quem assume, na maioria das vezes, as responsabilidades com o lar e com

os filhos, passando, portanto a ser a principal referência e rede de proteção da família (MAIA, 2013).

Em pesquisa realizada por Bittar et al. (2012), que investigou a percepção de mães agressoras acerca da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, foi identificado que apesar das mães terem sofrido violência intrafamiliar quando criança ou adolescente, as mesmas acabaram reproduzindo tal violência com seus filhos como uma forma de corrigí-los e discipliná-los. Com base nos resultados, pode-se perceber que a violência é perpetrada na família com a justificativa de “corrigir e educar” os filhos, sendo, portanto, uma prática intergeracional. Essa forma de lidar com os filhos é decorrente de uma maior interação das mães com os mesmos, uma vez que a figura materna passa maior tempo de convivência com os filhos. Neste sentido, Rocha e Moraes (2011) assinalam que a mãe pode configurar-se como a principal agressora da violência física devido “a maior proximidade física com a criança, o maior tempo de permanência junto aos filhos, e a restrição à rotina doméstica, por lhes caber, culturalmente, o manejo das decisões cotidianas e a convivência doméstica” (p. 3293).

Segundo os autores, os riscos que a violência intrafamiliar pode causar ao desenvolvimento de crianças, principalmente, são ignorados, uma vez que se considera que o impacto temporário causado é superado no decorrer do crescimento do sujeito, no entanto não é isso que ocorre. No estudo de Bittar et al. (2012) o relato de uma mãe aponta os traumas de sua filha que apanhava de coleira do pai. Segundo a mãe, essa violência ocasionou “urina solta” na criança e, por conta disso, ela estava fazendo acompanhamento psicológico devido às agressões do pai.

Desse modo, é necessário que se proponha cada vez mais a reflexão acerca da violência intrafamiliar, buscando com isso desnaturalizá-la e apontando os diversos riscos que a sua exposição pode acarretar no desenvolvimento de crianças, adolescentes e/ou jovens, bem como nos demais familiares envolvidos. Com base nisso, verifica-se que a família se configura como um ambiente autoritário, onde crianças, adolescentes e/ou jovens são expostos a situações de violência no contexto familiar.

CAPÍTULO III

3.1 EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR EM ADOLESCENTES E JOVENS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Este estudo de Revisão Sistemática de Literatura (RSL) objetivou mapear a produção científica sobre a violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens. Em termos de objetivos específicos desta revisão, buscou-se: 1) caracterizar quantitativamente os estudos quanto ao ano de publicação, tipo de estudo, tipo pesquisa (quantitativa, qualitativa ou mista), instrumentos de coleta de dados, técnica de análise de dados e participantes; e 2) descrever e discutir as principais categorias temáticas em torno das quais os objetivos dos estudos discorrem, sintetizando-se as variáveis dos artigos analisados de acordo com as categorias finais resultantes da análise de conteúdo. Tal estudo justificou-se pela necessidade de investigar o panorama de publicações acerca da violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens, uma vez que no cenário brasileiro não constam estudos de revisão sistemática acerca destes dois grupos em conjunto, em contrapartida há um número expressivo de RSL sobre a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, principalmente. A justificativa parte ainda da necessidade de identificar quais são os fatores de risco investigados nos estudos que podem potencializar a perpetração da violência no contexto familiar e os fatores de proteção presentes na família que podem favorecer o desenvolvimento de maneira saudável dos sujeitos.

3.2 Percurso metodológico

MÉTODO

Este estudo apresenta uma perspectiva descritiva e exploratória acerca dos trabalhos desenvolvidos sobre a violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens através de uma revisão sistemática de literatura. A Revisão Sistemática de Literatura é uma revisão planejada para responder uma pergunta específica, utilizando métodos explícitos e sistemáticos para identificar, selecionar, coletar e avaliar criticamente os estudos (CASTRO, 2001). A RSL é considerada uma das técnicas mais robustas no que diz respeito à avaliação e síntese da literatura acadêmica em diversas áreas do conhecimento.

Assim, esta revisão sistemática de literatura foi desenvolvida em sete etapas baseadas nas orientações da Colaboração Cochrane para a elaboração de revisões sistemáticas, a saber: (1) formulação da pergunta/problema; (2) localização e seleção dos estudos; (3) avaliação crítica dos estudos; (4) coleta de dados nos artigos – variáveis a serem estudadas; (5) análise e apresentação dos dados; (6) interpretação dos dados; (7) aprimoramento e atualização da revisão (CORDEIRO, OLIVEIRA, RENTERÍA, & GUIMARÃES, 2007; RAMOS, SILVA & PONTES, 2015).

A Colaboração Cochrane é uma organização internacional que objetiva contribuir para a tomada de decisões no que concerne às intervenções no cuidado da saúde, por meio de revisões sistemáticas. Nesta perspectiva, faz-se o uso de um método rigoroso de seleção e avaliação de artigos para reunir as mais relevantes informações sobre uma determinada temática, visando assim buscar uma melhor qualidade nas revisões sistemáticas. Apesar de ser direcionado a estudos de carácter clínico, de intervenção e de acurácia, o método da Colaboração Cochrane pode ser adaptado para atender revisões de outra natureza e em outras áreas do conhecimento, como é o caso deste estudo (BIRUEL & PINTO, 2011).

Adaptando a escala PICO¹ da Colaboração supracitada, como estratégia para a construção do problema, utilizou-se a técnica PVO, que compreende o P (participantes/contexto) = adolescentes e/ou jovens, o V (variável/categoria do estudo) =

¹ A Prática Baseada em Evidências (PBE) propõe que os problemas clínicos que surgem na prática assistencial, de ensino ou pesquisa, sejam decompostos e a seguir organizados utilizando-se a estratégia PICO, correspondendo a um acrônimo para Paciente, Intervenção, Comparação e “Outcomes” (desfecho) (SANTOS, PIMENTA & NOBRE, 2007).

violência intrafamiliar e o O (outputs/resultados esperados) = Investigar o panorama de publicações sobre a temática em questão. Sob este enfoque, esta revisão sistemática parte do seguinte problema: Qual o panorama das pesquisas sobre a violência intrafamiliar contra adolescentes e/ou jovens?

Após a definição do problema e dos conceitos extraídos do título do estudo (categorias consideradas mais relevantes), realizou-se a definição dos descritores e a construção da equação de busca, com vistas à localização e seleção dos estudos, conforme demonstrados no quadro 1:

Descritor 1	Descritor 2
Violência intrafamiliar	Adolescentes
Violência familiar*	Jovens
Violência doméstica*	
EQUAÇÃO DE BUSCA	
("Violência intrafamiliar OR Violência familiar OR Violência doméstica) AND (Adolescentes OR Jovens")	
CRUZAMENTO DE DESCRITORES	
Violência intrafamiliar AND adolescentes	Violência intrafamiliar AND jovens
Violência familiar AND adolescentes	Violência familiar AND jovens
Violência doméstica AND adolescentes	Violência doméstica AND jovens

Quadro 1: Definição dos descritores

* Descritores equivalentes

Cabe frisar que foram utilizados operadores booleanos (AND e OR), delimitando assim o escopo da pesquisa.

Através do resultado da equação de busca obteve-se 6 cruzamentos, inseridos em três diretórios distintos: CAPES (Portal Periódico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Saúde), respectivamente, sendo estes meios de busca e obtenção de artigos. O Portal de Periódicos da CAPES foi escolhido por abranger um extenso acervo de artigos de diversas áreas a nível nacional e internacional, bem como devido o seu grau de confiabilidade dos artigos científicos e o acesso fácil para a maioria dos pesquisadores. O SciELO é uma biblioteca eletrônica composta por periódicos científicos do Brasil, Caribe e América Latina, sendo um diretório multidisciplinar que possui artigos gratuitos e completos. E, finalmente, a LILACS, é produzida pela BIREME, que a define como um índice bibliográfico de literatura relativa às ciências da saúde com publicações da América-Latina e Caribe. Cabe frisar que a escolha dos referidos diretórios ocorreu em virtude da amplitude de áreas investigadas, especialmente este último, devido à sua proximidade com a área pesquisada,

tendo em vista que a violência intrafamiliar tem como principal área de investigação as ciências da saúde.

Para o delineamento do estudo, foram pré-definidos alguns critérios de inclusão, a saber: conter no título e/ou nas palavras-chave o termo *violência intrafamiliar*, *violência familiar* ou *violência doméstica*; apenas artigos dos últimos 10 anos; ter sido revisado por pares; artigos em português²; estar disponível, gratuito e completo; artigos empíricos; e ter como foco de investigação a violência intrafamiliar contra adolescentes e/ou jovens. Quanto aos critérios de exclusão, definiram-se artigos com literatura cinzenta (editoriais e, documentação técnica, por exemplo), trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações e teses; artigos teóricos, de revisão sistemática de literatura, revisão integrativa de literatura, bem como artigos repetidos.

Como estratégia de seleção, cada artigo passou pela seguinte triagem: título, palavras chave e resumo. Os artigos contemplados nos critérios de inclusão foram arquivados em uma pasta para a etapa seguinte. As buscas foram realizadas no mês de janeiro de 2017.

Nos quadros 02, 03 e 04 estão descritos o processo de busca e aplicação dos critérios pré-estabelecidos nos diretórios escolhidos (CAPES, SciELO e LILACS, respectivamente), desde a busca inicial ao resultado final, detalhando assim o processo e refinamento dos achados.

² Optou-se delimitar o idioma apenas em português em decorrência do pouco tempo para concluir este estudo de revisão sistemática, tendo em vista que demandaria mais tempo para os procedimentos de busca das publicações, disposição dos juízes para avaliar artigos em inglês, bem como para realizar os procedimentos de coleta de dados e análise do material selecionado. Ademais, foi solicitado pedido de prorrogação para a conclusão do mestrado, pedido este que foi concedido por três meses, estando em vigor de fevereiro a maio do ano corrente.

Quadro 2: CAPES

Descritores	Busca inicial	Últimos 10 anos	Tipo de material – artigos	Revisados por pares	Idioma - português	Principal variável no título e/ou palavras chave	Gratuito e disponível na íntegra	Apenas empíricos	Excluídos (outras formas de violências, outros sujeitos e/ou repetidos)	Selecionados para leitura	N final (artigos sobre VI contra adolescentes e/ou jovens)
Violência intrafamiliar AND adolescentes	381	312	308	283	72	40	40	35	30	5	5
Violência intrafamiliar AND jovens	64	59	57	56	36	9	9	7	7	1	1
Violência familiar AND adolescentes	1802	1509	1423	1248	260	22	22	19	16	3	3
Violência familiar AND jovens	701	652	538	482	286	4	4	4	4	0	0
Violência doméstica AND adolescentes	651	548	516	459	144	32	32	27	25	1	1
Violência doméstica AND jovens	292	268	212	187	118	7	7	5	5	0	0

Quadro 3: SciELO

Descritores	Busca inicial	Últimos 10 anos	Tipo de material – artigos	Revisados por pares	Idioma - português	Principal variável no título e/ou palavras chave	Gratuito e disponível na íntegra	Apenas empíricos	Excluídos (outras formas de violências, outros sujeitos e/ou repetidos)	Selecionados para leitura	N final (artigos sobre VI contra adolescentes e/ou jovens)
Violência intrafamiliar AND adolescentes	82	58	57	X	36	12	12	12	8	4	2
Violência intrafamiliar AND jovens	8	4	4	X	2	1	1	1	1	0	0
Violência familiar AND adolescentes	184	150	148	X	88	27	27	25	25	0	0
Violência familiar AND jovens	29	23	22	X	20	1	1	1	1	0	0
Violência doméstica AND adolescentes	127	89	88	X	70	41	41	37	37	4	4
Violência doméstica AND jovens	15	9	9	X	7	1	1	1	1	1	1

Quadro 4: LILACS

Descritores	Busca inicial	Últimos 10 anos	Tipo de material - artigos	Revisados por pares	Idioma - português	Principal variável no título e/ou palavras chave	Gratuito e disponível na íntegra	Apenas empíricos	Excluídos (outras formas de violências, outros sujeitos e/ou repetidos)	Selecionados para leitura	N final (artigos sobre VI contra adolescentes e/ou jovens)
Violência intrafamiliar AND adolescentes	291	139	124	X	82	69	69	54	48	6	5
Violência intrafamiliar AND jovens	190	85	77	X	55	41	41	40	40	0	0
Violência familiar AND adolescentes	4739	2021	1919	X	313	141	139	135	134	1	1
Violência familiar AND jovens	4555	2336	2256	X	295	113	112	110	110	0	0
Violência doméstica AND adolescentes	2687	1256	1167	X	239	122	120	108	105	3	3
Violência doméstica AND jovens	2599	1351	1283	X	231	79	76	70	70	0	0

Seleção dos artigos pelos juízes

Após a seleção dos artigos, foi aplicado o teste de relevância (3ª etapa) por dois juízes independentes. Para que os juízes pudessem avaliar os artigos selecionados, foi assegurado que ambos conhecessem o objetivo do estudo, os critérios de inclusão e exclusão, bem como o Teste de Relevância (AZEVEDO, 2010). Dadas as devidas orientações, os artigos selecionados foram encaminhados e avaliados pelos juízes de forma independente, aplicando rigorosamente os critérios pré-determinados para a avaliação de relevância.

O teste de relevância consiste em três perguntas objetivas com vistas a fazer o refinamento do conteúdo dos artigos, bem como possibilitar a avaliação da relevância, onde o mesmo foi aplicado aos resumos e métodos dos artigos. Este teste contém possibilidades de respostas positivas e negativas e contempla as seguintes questões: O objetivo do estudo tem relação com o que está sendo estudado? O método está descrito com clareza? O estudo deve ser incluído na revisão sistemática? (ANEXO E)

Para isso, foi elaborado um quadro no Word para o registro das seguintes informações: ‘sim’ para os artigos que contemplavam o critério avaliado e ‘não’ para os que não o atendiam. Cada juiz realizou seu registro e a permanência do artigo para a análise se deu a partir de pelo menos duas concordâncias.

Posterior à aplicação do teste de relevância, foi calculado o índice de confiabilidade (IC) para verificar o grau de semelhança nas respostas de ambos os juízes. Desse modo, quanto maior for o grau de concordância entre as respostas dos juízes, maior será o índice de confiança.

Este índice é realizado através do seguinte cálculo:

$$IC = A \times 100 / A + D$$

De acordo com este cálculo, considera-se IC = índice de concordância; A = concordância; D = discordância. Esta é uma técnica de triangulação de pesquisadores que visa aumentar a probabilidade de que os resultados de um estudo sejam confiáveis e dignos de credibilidade. É aceitável quando $IC > 80\%$ (RAMOS, SILVA & PONTES, 2015). Dentre os 26 artigos selecionados, houve concordância (IC) dos juízes em 22 artigos.

Procedimentos de análise dos artigos selecionados

Após o resultado do índice de concordância, deu-se início à coleta de dados nos artigos que foram selecionados (4ª etapa). Para tanto, foram extraídas e organizadas em uma planilha do Excel as seguintes informações dos artigos analisados: título; ano; autores; revista; avaliação da revista; palavras-chave; objetivo; tipo do estudo (bibliográfico ou empírico); tipo da pesquisa (quanti/quali/quanti-quali); participantes; instrumentos de coleta; procedimentos da coleta; técnica de análise, principais resultados, limitações do estudo e sugestões para futuras pesquisas.

Cabe assinalar que, levando em consideração que o objetivo deste estudo é verificar o panorama das pesquisas acerca da temática de investigação, optou-se por fazer a análise dos artigos a partir dos objetivos dos mesmos, os quais foram analisados através do software N-VIVO. Ademais, visando caracterizar este estudo de revisão sistemática, foi feita a análise do ano e da metodologia dos artigos, por meio do Excel, com vistas a caracterizar os resultados desta RSL.

O N-VIVO é um software de análise qualitativa de dados, o qual possibilita organizar e analisar tais dados em documentos, áudios, vídeos, imagens e fotografias, bem como tabelas de base de dados ou do Excel. O N-VIVO possibilita ainda fazer a organização, classificação e codificação de dados por meio da criação de “nós”, os quais estabelecem e definem relações entre os diferentes dados.

3. 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Resultado das buscas

No levantamento inicial, ou seja, sem nenhum refinamento, foram encontrados 19.397 artigos a partir dos termos de busca pré-definidos e seus respectivos cruzamentos. Na medida em que os critérios de inclusão e exclusão eram aplicados, este número foi reduzindo, gradativamente. Ao final restaram 10 publicações correspondentes ao diretório da CAPES; 7 do SciELO e 9 da LILACS, respectivamente, totalizando assim 26 artigos, os quais foram encaminhados para apreciação dos juízes. No Quadro 5 estão condensados todos os procedimentos de refinamentos utilizados nos três diretórios.

Procedimentos de refinamento nos diretórios	Valor absoluto
Busca inicial	19.397
Últimos 10 anos	10.869
Tipo de material: artigos	10.208
Revisado por pares (CAPES) ³	2.715
Idioma Português	2.359
Principal variável no título e/ou palavras-chave	762
Gratuito e disponível na íntegra	748
Artigos empíricos	692
Excluídos (outras formas de violência, outros sujeitos e/ou repetidos)	670
Selecionados para leitura	26
Artigos submetidos ao teste de relevância dos juízes	26
Resultado final após índice de concordância dos juízes	22

Quadro 5: Valor absoluto dos artigos encontrados

É comum nos estudos de revisão sistemática a exclusão de um número significativo de publicações e isso pode ocorrer por diversos fatores, dentre eles a sua duplicação nas bases de indexação e, sobretudo, tais exclusões ocorrem na medida em que são aplicados os critérios pré-definidos. (PEREIRA & BACHION, 2006; PUREZA, KUHN, CASTRO & LISBOA, 2012; RAMOS, SILVA & PONTES, 2015). No presente estudo houve um número bastante elevado de artigos excluídos por não estarem em consonância com os critérios de inclusão, principalmente, e por não discutirem a violência intrafamiliar contra adolescentes e/ou jovens, objeto deste estudo.

Nesta direção, foram excluídos, sobretudo, artigos que discutiam violência intrafamiliar contra crianças, crianças e adolescentes, idosos, mulher e exposição à violência comunitária em jovens. Ademais, houve a exclusão de artigos repetidos nos diretórios de busca. A esse respeito, cabe frisar que alguns estudos apareciam repetidos tanto ao utilizar os descritores equivalentes, (exemplo: violência familiar AND adolescentes; violência doméstica AND adolescentes) quanto em dois ou mesmo nos três diretórios.

Segundo, Ramos, Silva e Pontes (2015, p. 37), “devem-se considerar os diferentes tipos de abordagens que dão ao constructo investigado uma variedade de perspectivas de análise, já

³ Somente o diretório da CAPES tem esta opção, os demais diretórios são revisados por pares.

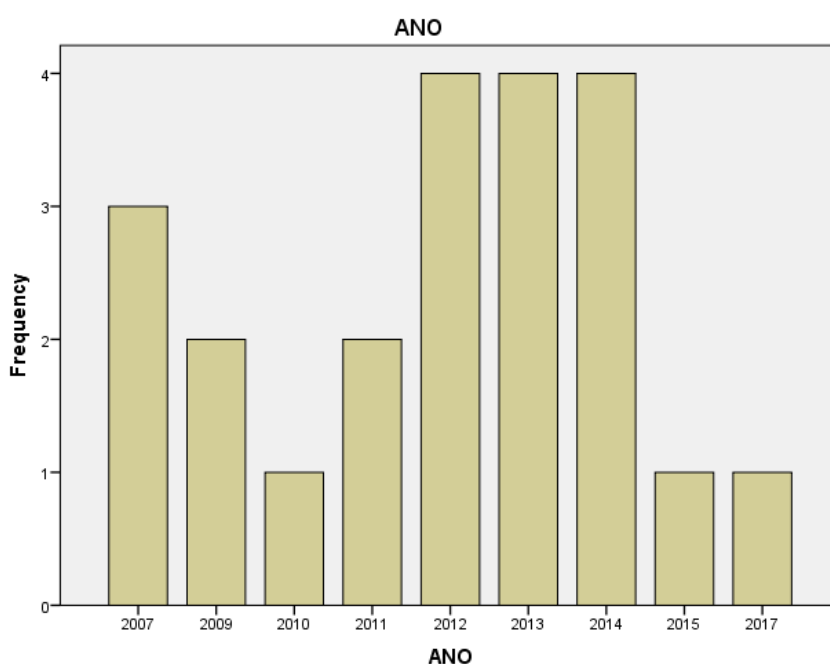
que isto influencia a seleção dos objetos”. Ademais, no caso da temática investigada neste estudo, observou-se que a violência intrafamiliar, sobretudo contra jovens, tem sido pouco explorada, necessitando, portanto, de maior atenção. Com isso, justifica-se o número limitado de publicações selecionadas.

No teste de relevância foi calculado o Índice de Concordância (IC) que variou entre 88% e 100%. Adotaram-se tais procedimentos de modo a garantir a consistência e a confiabilidade do trabalho de análise. Após o resultado do Índice de Concordância, pôde-se perceber que não houve grandes discordâncias entre os juízes no que diz respeito à seleção dos artigos para a presente revisão sistemática. Assim, o quantitativo de publicações submetido ao teste de relevância sofreu alteração, dos 26 artigos selecionados nos procedimentos de busca, 4 foram excluídos tendo em vista que seus métodos não estavam claros, resultando, assim, em 22 objetos para análise.

Caracterização dos estudos

Foi feita uma caracterização para delimitar o perfil das publicações que investigaram a violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens. Desse modo, utilizou-se: ano; tipo de pesquisa; instrumento de coleta de dados; técnica de análise e participantes, conforme apresentados abaixo:

Período temporal



Acerca do ano de publicação dos artigos, verificou-se que o período com maiores frequências foram os anos de 2012 (18,2%), 2013 (18,2%) e 2014 (18,2%), compreendendo 54,6% do total da amostra, em contrapartida, 2010 (4,5%), 2015 (4,5%) e 2017 (4,5%) foram os anos com menor publicações, representando um total de 13,5%. É importante ressaltar que o ano de 2017 não é completo, visto que as buscas desse ano consideraram apenas o mês de janeiro.

Os artigos que corresponderam aos anos com maiores publicações investigaram diferentes perspectivas de abordagem acerca da violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens, a saber: como a violência familiar sofrida na infância implicou na adolescência (GARBIN et al., 2012); os fatores de risco e proteção associados à violência sexual (PALUDO & SCHIRÒ, 2012); a atuação dos profissionais da saúde diante da violência intrafamiliar (OLIVEIRA et. Al., 2012); exposição à violência em diferentes contextos (BRAGA & DELL'AGLIO, 2012); percepções de mães e adolescentes sobre a violência intrafamiliar (SANTOS, MARIN & CASTOLDI, 2013); o acolhimento institucional como fator de proteção (CARLOS et al., 2013); violência psicológica no contexto familiar (ABRANCHES, ASSIS & PIRES, 2013); exposição de adolescentes com HIV/AIDS à violência intrafamiliar; apoio social recebido à vítimas de violência (CARLOS, et al., 2014); opiniões e vivências de adolescentes acerca da violência física (SOUZA, LAUDA & KOLLER, 2014); padrões intergeracionais da violência (TONDOWSKI, et al., 2014) e; exposição à violência intrafamiliar após a revelação da homossexualidade (SOLIVA & SILVA JUNIOR, 2014).

Tipo de pesquisa



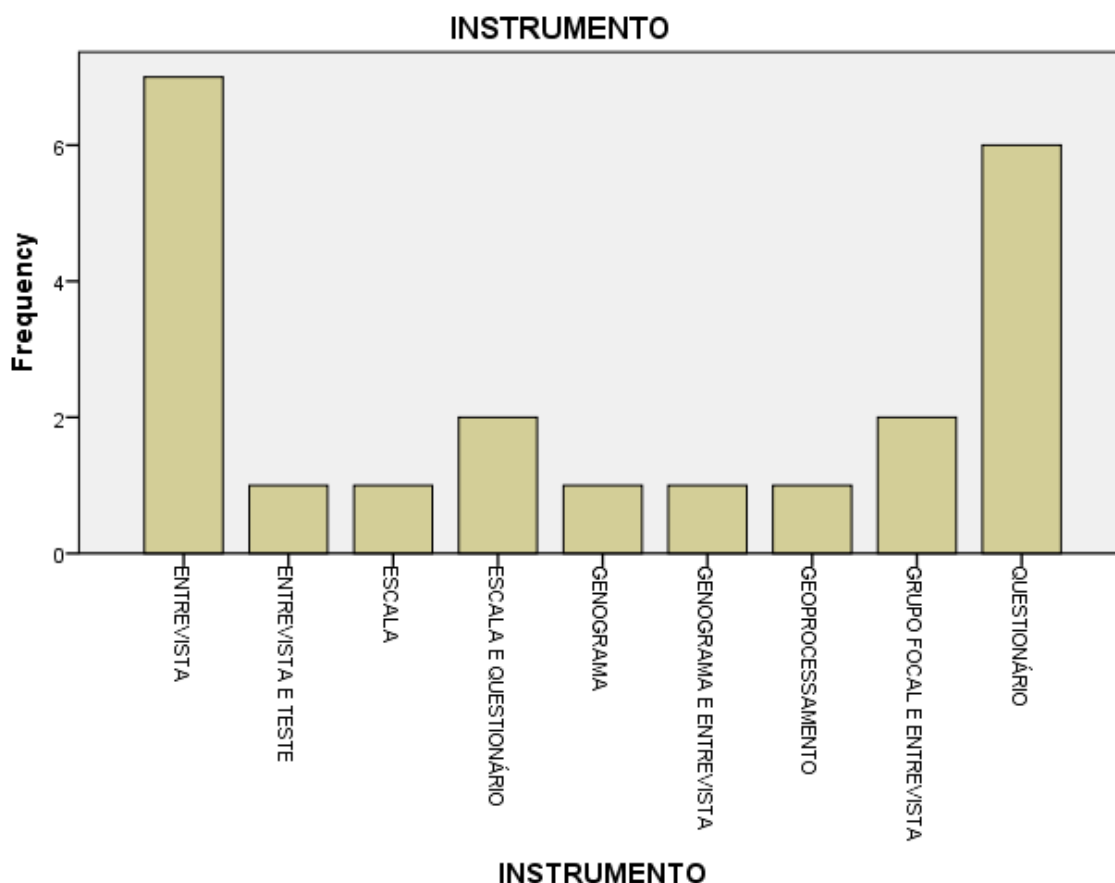
Com relação ao tipo de pesquisa, os estudos com abordagem qualitativa (50%) prevaleceram, seguida das pesquisas quantitativas (40,9%). É possível identificar que as pesquisas mistas, ou seja, com abordagem quantitativa e qualitativa (9,1%) ainda são poucas quando comparadas às publicações de que fizeram uso de apenas um tipo de pesquisa. Embora o baixo percentual de pesquisas multimetodológicas, por se tratar de um fenômeno complexo, a violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens necessita de um olhar que possibilite compreender a dimensão desta problemática, visto que a dinâmica familiar envolve diversos fatores que influenciam no desenvolvimento dos sujeitos.

No estudo de Pelisoli, Teodoro e Dell’Aglio (2007), cujo objetivo foi investigar as percepções de família de duas meninas gêmeas vítimas de abuso sexual intrafamiliar, foram aplicados testes sobre a família (FAST, FIT e Familiograma) com vistas a identificar a coesão e a hierarquia familiar das mesmas, bem como a entrevista semiestruturada para verificar as percepções das adolescentes sobre família. Dentre os resultados, os testes indicaram “baixa coesão familiar, alta hierarquia com alto poder dos abusadores, baixa autocongruência e identificação com o agressor em ambas as meninas, assim como a escolha da mãe como modelo a ser seguido. A afetividade foi descrita em relação a cada membro da família e variou de baixa a média. Já o conflito variou de baixo a alto” (PELISOLI, TEODORO & DELL’AGLIO, 2007, p. 257). No que concerne à entrevista, os resultados apontaram tendência ao isolamento, atividades agressivas, sentimentos de medo, vergonha e culpa e baixa autoestima.

Assim, pode-se observar que a utilização de pesquisas mistas são essenciais para compreender fenômenos que afetam o desenvolvimento dos sujeitos, visto que possibilitam um

olhar mais amplo acerca da dimensão dos fatores que envolvem os processos aos quais estes estão submetidos.

Instrumentos e técnicas de coleta



A entrevista (31,8%) e os Grupos focais e entrevista (9,1%) foram as técnicas de coleta de dados mais utilizadas (31,8%) nas publicações. A noção de grupos focais está apoiada no desenvolvimento de entrevistas em grupo, a diferença está no tipo de abordagem e no papel do entrevistador, onde este assume uma função mais diretiva no grupo, visto que sua relação é mais diádica, isto com cada participante. Neste caso, o moderador assume “uma posição de facilitador do processo de discussão e sua ênfase está nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema” (GONDIM, 2003, p. 151).

Os entrevistadores de grupo focais buscam ouvir a opinião de cada um e comparar as respostas, deste modo a análise consiste no nível do indivíduo no grupo e a unidade de análise de tais grupos é o próprio grupo. Neste sentido, se uma opinião é colocada, mesmo não sendo

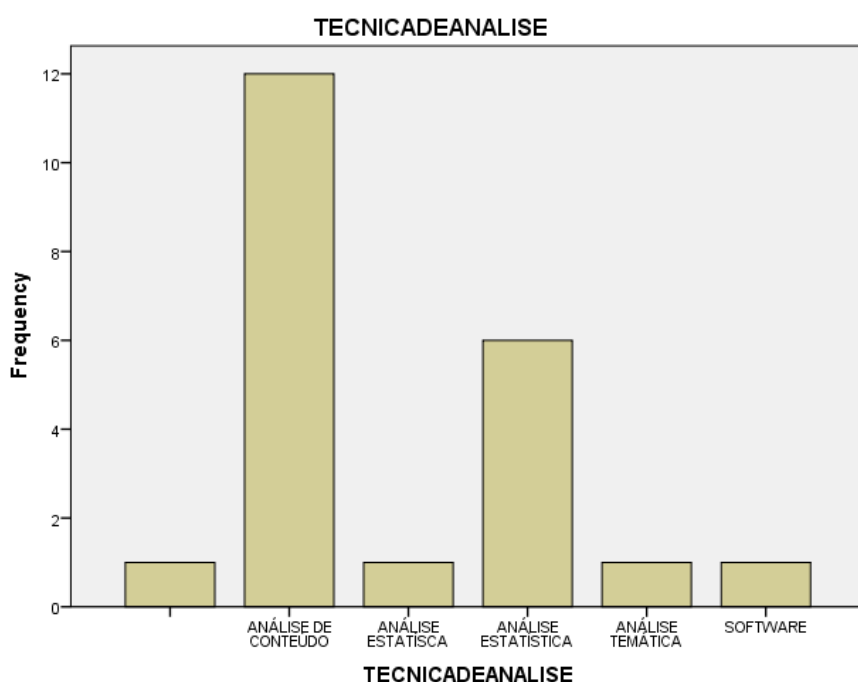
aceita por todos, para efeito de interpretação de análise, ela é referida como sendo a opinião do grupo (GONDIM, 2003).

O Geoprocessamento corresponde a um conjunto de tecnologias de coleta, tratamento, manipulação e apresentação de informações espaciais (PINA, 1998), sendo utilizado na área das ciências humanas por meio de fichas de notificação.

Quanto aos instrumentos de coleta, os mais utilizados foram a aplicação de questionário (27,3%) seguido da combinação de escala mais aplicação de questionário (9,1%). Estes instrumentos correspondem às pesquisas de cunho quantitativo.

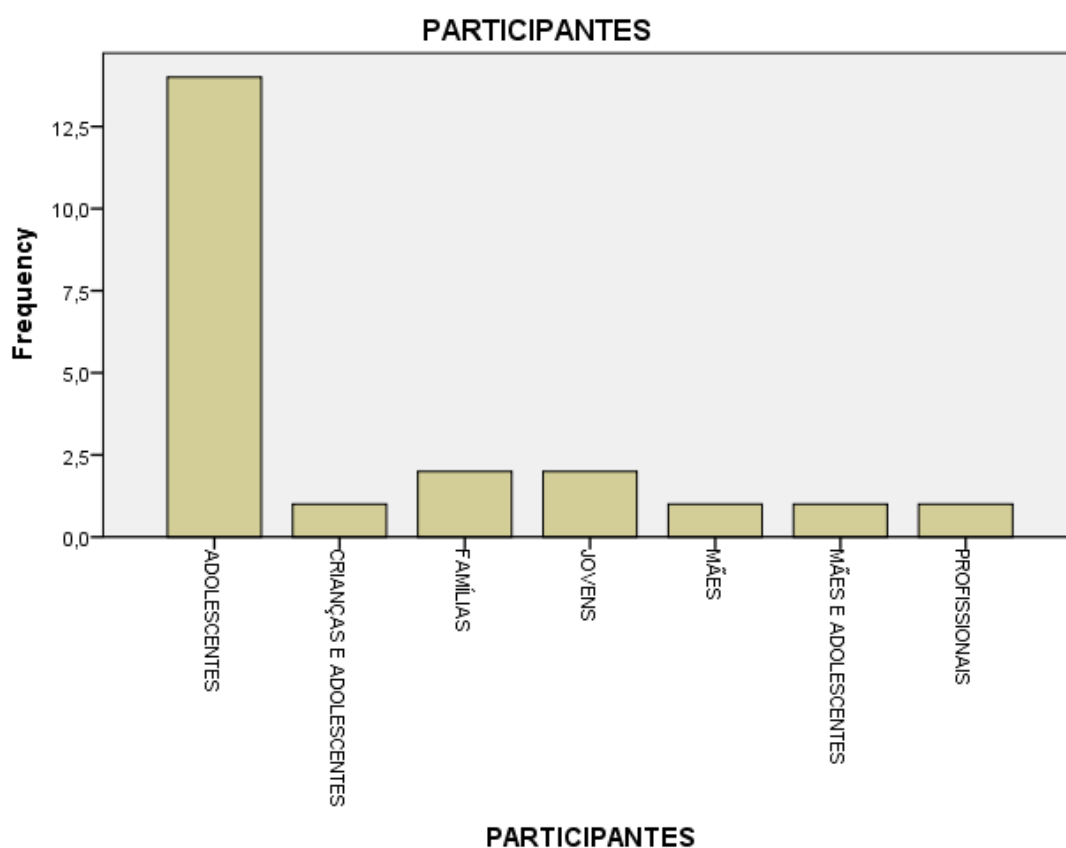
Embora não tenham sido tão representativos os dados referentes à utilização do genograma, cabe assinalar que este é um instrumento que consiste em uma representação gráfica acerca do mapa ou desenho da família, sendo um instrumento muito utilizado na terapia familiar e em pesquisas (SANTOS, MARÍN & CASTOLDI, 2013; TONDOWSKI et al., 2014), cujo objetivo consiste em “destravar o sistema, rever dificuldades familiares, verificar a composição familiar, clarificar os padrões relacionais familiares e identificar a família extensa”. De acordo com Tondowski et al, (2014, p. 808), “a construção do genograma, ao longo da entrevista, facilita a interação do entrevistador com o entrevistado, encorajando-o a contar sua história” (*idem*), favorecendo ainda a análise de conteúdo.

Técnica de análise



Houve predomínio da análise de conteúdo (54,5%) enquanto técnica de análise das publicações, isso pode estar relacionado com o fato de que a maioria dos artigos fizeram uso de pesquisas com abordagem qualitativa. A análise estatística também se sobressaiu, correspondendo a 31,8%. As pesquisas que utilizaram esta técnica de análise fizeram uso, principalmente, do SPSS (FATORI DE SÁ et al., 2009; OLIVEIRA et al., 2011; BRAGA & DELL'AGLIO, 2012; JUSTINO et al., 2015), objetivando verificar frequência e correlações das variáveis investigadas. Em 4,5% dos resultados não houve descrição da técnica de análise utilizada.

Participantes



Quanto aos participantes, os adolescentes foram os principais sujeitos das pesquisas, correspondendo a 63,6%, seguido de jovens (9,1%) e de famílias (9,1%). Com relação a crianças e adolescentes (4,5%), cabe frisar que as crianças aparecem nas publicações por terem

resultado por ter se dado em função dos descritores utilizados no processo de busca desta revisão sistemática. Ademais, as palavras *fatores*, *proteção*, *risco*, *sexual*, *abuso*, *física* e *psicológica* aparecem com menor ocorrência, mas representam de modo claro e evidente as variáveis que estão associadas à violência intrafamiliar.

Esta nuvem acompanha a análise de frequência de palavras gerada no Excel, correspondendo à percentagem de frequência dessas palavras na base de dados, ou seja, dos artigos selecionados. Nesta análise, o Excel atribui a frequência absoluta e percentual das palavras na base de dados. O quadro 6 consta um recorte da frequência absoluta e percentual das palavras:

Palavra	Extensão⁴	Contagem⁵	Percentual ponderado (%)
violência	9	17	3,76
adolescentes	12	16	3,54
Analisar	8	7	1,55
Familiar	8	5	1,11
Fatores	7	5	1,11
intrafamiliar	13	5	1,11
Proteção	8	5	1,11
Abuso	5	4	0,88
Contra	6	4	0,88
doméstica	9	4	0,88
investigar	10	4	0,88
Sexual	6	4	0,88
Situação	8	4	0,88
associação	10	3	0,66
Física	6	3	0,66
identificar	11	3	0,66
Risco	5	3	0,66
Vítimas	7	3	0,66
acolhidos	9	2	0,44
associados	10	2	0,44
atendimento	11	2	0,44
conhecer	8	2	0,44
descoberta	10	2	0,44
descrever	9	2	0,44
Estimar	7	2	0,44
exposição	9	2	0,44
Família	7	2	0,44
intra	5	2	0,44
prevalência	11	2	0,44

⁴ Corresponde à quantidade de letras que contém a palavra

⁵ Corresponde à quantidade de vezes que a palavra aparece no banco de dados

psicológica	11	2	0,44
sexualmente	11	2	0,44
situações	9	2	0,44
vivem	5	2	0,44
vivências	9	2	0,44
âmbito	6	2	0,44
abusadas	8	1	0,22
acesso	6	1	0,22
agreste	7	1	0,22
ambulatoriais	13	1	0,22
antissocial	11	1	0,22
apoio	5	1	0,22
associada	9	1	0,22
atenção	7	1	0,22
ativa	5	1	0,22
avaliar	7	1	0,22
brasil	6	1	0,22
brasileiros	11	1	0,22
busca	5	1	0,22
campinas	8	1	0,22
caracterizar	12	1	0,22

Quadro 6: Frequência absoluta e percentual das palavras na base de dados

Através da frequência absoluta e percentual das palavras na base de dados, é possível identificar a importância destas palavras e/ou a sua ocorrência nos objetivos dos estudos selecionados para esta revisão.

Já a figura 3 consiste na árvore de palavras, sendo esta uma técnica que utiliza a palavra mais frequente da base de dados, ou seja, dos objetivos dos estudos, e, através desta palavra é possível fazer uma série de conexões textuais em que a mesma está inserida. Ademais, com esta técnica é possível verificar quais são os contextos (variáveis) que esta palavra integra, possibilitando assim identificar o panorama geral dos objetivos.

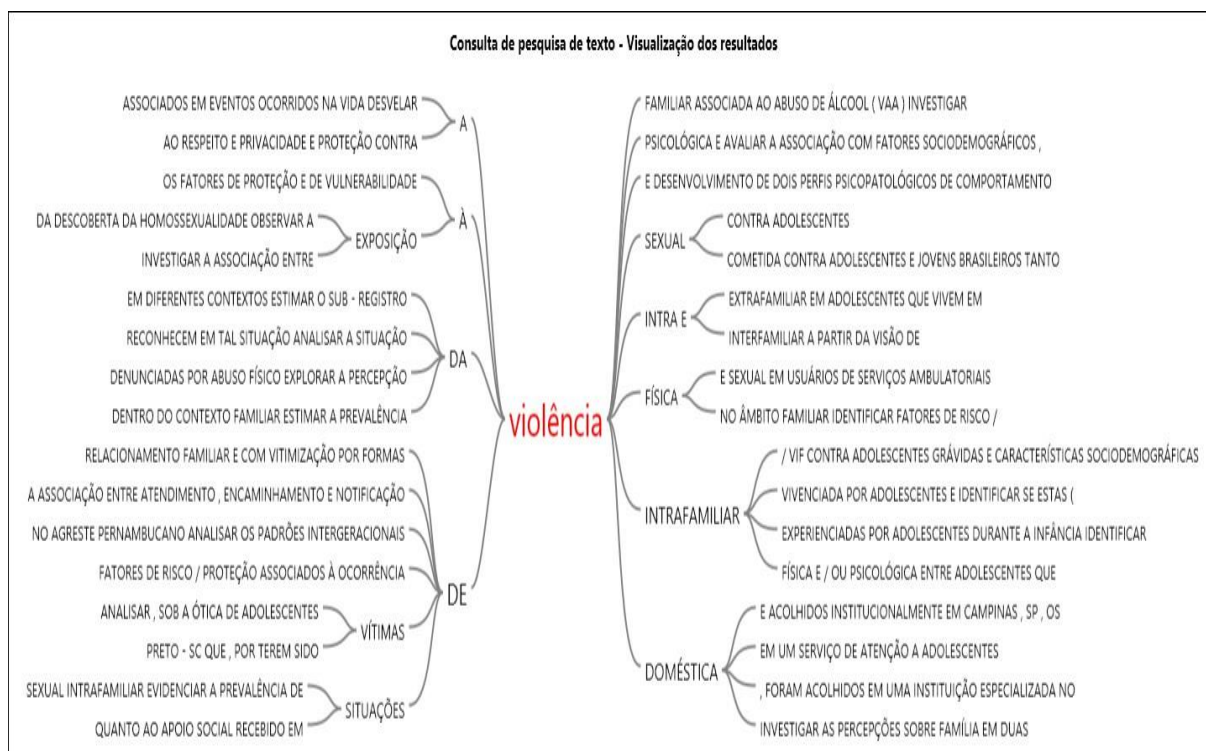


Figura 3: Árvore de palavras (análise exploratória dos objetivos)

Na Figura 3, a palavra *violência* está conectada aos núcleos centrais dos objetivos dos estudos, evidenciando os tipos de violência, ou seja, física, sexual e psicológica, bem como os contextos intra e extrafamiliar. Além disso, por meio da árvore de palavras é possível visualizar os objetivos propostos nos estudos. Cabe assinalar que, embora a violência extrafamiliar não contemple o objetivo desta revisão, optou-se por não excluir tal dado uma vez que esta violência pode implicar nas relações estabelecidas no contexto familiar.

Resultado do processo de codificação – Análise de Conteúdo

O processo de codificação (categorização manual) consistiu em quatro etapas, a saber: unidades de contexto, que, neste caso, correspondem aos próprios objetivos dos estudos; categorias intermediárias, as quais são extraídas dos objetivos dos artigos, tendo estas tomadas como base a literatura especializada na área; frequência das categorias intermediárias e; finalmente, as categorias finais que são resultantes do agrupamento de códigos similares. Todo o processo de codificação está apresentado no Quadro 7:

ID	Objetivo (Unidade de Contexto)	Categorias intermediárias	Frequência	Categorias finais
1	Investigar a associação entre exposição à violência e			Fatores de risco (f=36)

	desenvolvimento de dois perfis psicopatológicos de comportamento antissocial em adolescentes da periferia de São Paulo	Comportamento antissocial	*Violência intrafamiliar infantil (f=1)	Fatores de proteção (f=13)
2	Conhecer e descrever as vivências no espaço escolar de adolescentes do município de ribeirão PRETO-SC que, por terem sido vítimas de violência doméstica, foram acolhidos em uma instituição especializada no atendimento desta população	Relações escolares/ Acolhimento institucional	*Violência extrafamiliar (f=2) *Violência física intrafamiliar (f=4) *Violência psicológica intrafamiliar (f=2)	
3	Analisar a compreensão de adolescentes quanto ao apoio social recebido em situações de violência doméstica	Rede de apoio	*Violência sexual intrafamiliar (f=5)	
4	Investigar as percepções sobre família em duas meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar	Percepção sobre família/ Violência sexual intrafamiliar	**Rede de apoio (f=1)	
5	Evidenciar a prevalência de situações de violência intrafamiliar experienciadas por adolescentes durante a infância	Violência intrafamiliar infantil	**Rede de atendimento (f=1)	
6	Identificar e analisar indicadores de risco e de proteção em famílias denunciadas por abuso físico	Fatores de risco/ Fatores de proteção/ Violência física intrafamiliar	**Acolhimento institucional (f=3) *Fatores de risco (f=3)	
7	Explorar a percepção da violência intra e interfamiliar a partir da visão de três mães e seus filhos adolescentes por meio da construção de genogramas	Percepção sobre VIF	**Fatores de proteção (f=4) *Fatores de vulnerabilidade (f=1)	
8	Conhecer e analisar, sob a ótica de adolescentes vítimas de violência doméstica e acolhidos institucionalmente em campinas, SP, os fatores de proteção aos quais estão	Fatores de proteção / Acolhimento institucional	*Comportamento antissocial (f=1)	

	submetidos e/ou ao qual tem acesso.		**Percepção sobre VIF (f=3)	
9	Investigar a opinião e a vivência de adolescentes acerca dos direitos ao respeito e privacidade e proteção contra a violência física no âmbito familiar	Violação de direitos/ Violência física intrafamiliar	**Percepção sobre família (f=1) *Violação de direitos (f=1)	
10	Identificar fatores de risco/proteção associados à ocorrência de violência sexual cometida contra adolescentes e jovens brasileiros tanto no âmbito familiar como comunitário	Fatores de risco / Fatores de proteção/ Violência sexual intrafamiliar/ Violência extrafamiliar	*Relações familiares (f=3) *Relações escolares (f=1)	
11	Descrever como as adolescentes se relacionavam com seus familiares antes e após a descoberta da gravidez	Relações familiares/ Gravidez na adolescência	*Gravidez na adolescência (f=2)	
12	Analisar as vivências subjetivas das mães que tiveram suas filhas abusadas sexualmente dentro do contexto familiar	Percepção sobre VIF/ Violência sexual intrafamiliar	*Características sociodemográficas (f=1) *Abuso de álcool (f=2)	
13	Estimar a prevalência da violência psicológica e avaliar a associação com fatores sociodemográficos, estrutura e relacionamento familiar e com vitimização por formas de violência física e sexual em usuários de serviços ambulatoriais de um hospital público terciário	Relações familiares/ Violência física intrafamiliar/ Violência psicologia intrafamiliar/ Violência sexual intrafamiliar	*Situação de rua (f=1) *Abuso de drogas (f=) *Prostituição (f=1)	
14	Analisar os fatores de proteção e de vulnerabilidade à violência intrafamiliar física e/ou psicológica entre adolescentes que vivem com HIV/AIDS por transmissão vertical	Fatores de proteção/ Fatores de vulnerabilidade/ Violência física intrafamiliar / Violência psicológica intrafamiliar HIV/AIDS	*DST/AIDS (f=2) *Violência intergeracional familiar (f=1) *Homossexualidade (f= 1)	
15	Verificar a associação entre atendimento, encaminhamento e notificação de violência intrafamiliar/VIF contra	Rede de atendimento/ Gravidez na adolescência/		

	adolescentes grávidas e características sociodemográficas de 84 profissionais vinculados ao programa saúde da família/PSF no Agreste Pernambucano	Características sociodemográficas		
16	Analisar os padrões intergeracionais de violência familiar associada ao abuso de álcool (VAA)	Violência intergeracional familiar/ Abuso de álcool		
17	Investigar as condições de vida de adolescentes do sexo feminino em situação de rua, envolvidas com o abuso de drogas e com a prostituição, visando orientar estratégias de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis – DST/AIDS	Situação de rua/ Abuso de drogas/ Prostituição/ DST/AIDS		
18	Tratar da relação pai e filho diante da situação da descoberta da homossexualidade	Relações familiares/ Homossexualidade		
19	Observar a exposição à violência intra e extrafamiliar em adolescentes que vivem em diferentes contextos	Violência extrafamiliar		
20	Estimar o sub-registro da violência doméstica em um serviço de atenção a adolescentes (10 a 19 anos) no Recife/PE, Brasil, comparando as prevalências a partir dos prontuários clínicos e de busca ativa de casos no último ano e caracterizar a vítima e fatores de risco associados em eventos ocorridos na vida	Fatores de risco		
21	Desvelar a violência intrafamiliar vivenciada por adolescentes e identificar se estas(es) se reconhecem em tal situação	Percepção sobre VIF		

22	Analisar a situação da violência sexual contra adolescentes	Violência sexual intrafamiliar		
----	---	--------------------------------	--	--

Quadro 7: processo de codificação manual da análise de conteúdo

*Fatores de risco

**Fatores de proteção

Este processo de codificação foi feito para que a análise de conteúdo pudesse ser realizada no N-VIVO, gerando assim os resultados referentes à categorias finais da revisão sistemática.

A Figura 4 corresponde aos resultados da análise de conteúdo acerca dos fatores de risco sobre a violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens, as quais foram identificadas nas publicações selecionadas para este estudo. De acordo com este resultado, os dados demonstram que os fatores de risco mais frequentes são a violência sexual e física, respectivamente, seguido do abuso de álcool, DST/AIDS, gravidez na adolescência, violência psicológica, dentre outros, conforme apresentados na figura 4.

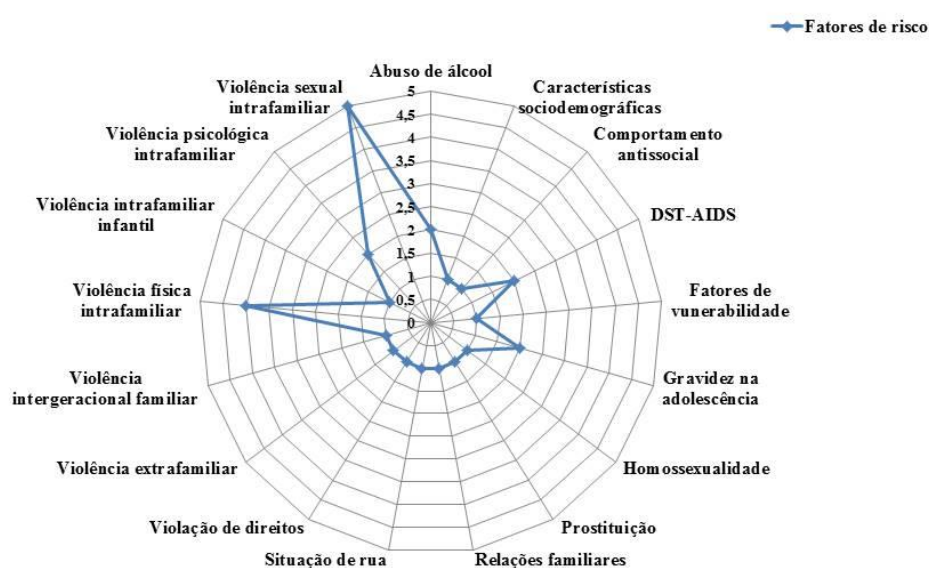


Figura 4: Fatores de risco

Com base nos estudos, a violência sexual intrafamiliar aparece com uma maior ocorrência nas publicações, ou seja, foi a variável mais investigada, representando

A Figura 5, assim como a anterior, consiste nos resultados da análise de conteúdo referente ao processo de codificação das publicações, no entanto, estas têm como categorias finais os fatores de proteção acerca da violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens, conforme demonstrados a seguir:

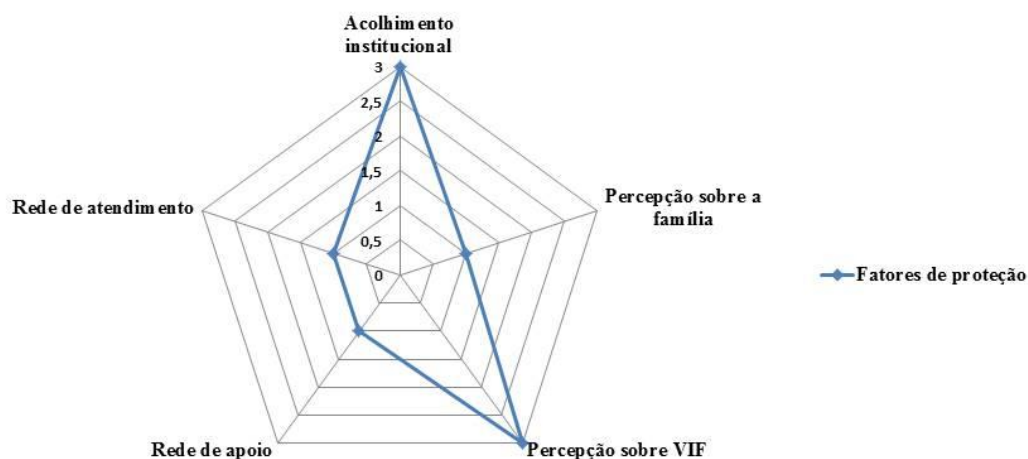


Figura 5: Fatores de proteção

Na Figura 5, o acolhimento institucional e a percepção sobre violência intrafamiliar aparecem como os fatores de proteção com uma ocorrência maior, seguidos da rede de apoio, rede de atendimento e percepção sobre a família.

A respeito das categorias referentes à percepção sobre a família e à violência intrafamiliar, cabe sublinhar que há uma dualidade com o fator de risco também, visto que ora os sujeitos percebem a violência sofrida e, dado o apoio social recebido, buscam romper com a mesma (CARLOS et al., 2014), ora os adolescentes e jovens, mesmo sendo vítimas, não se veem como tal (MAGALHÃES et al., 2017).

O acolhimento institucional aparece como o principal fator de proteção, visto que deve-se desenvolver como um espaço de cuidado para vítimas que tiveram seus direitos violados,

oferecendo assim, condições para a garantia ao respeito e a assistência às crianças e adolescentes.

Variáveis investigadas nos estudos

Considerando as Figuras 4 e 5 que correspondem às categorias finais, evidenciam-se que são diversos os fatores de risco e proteção os quais estão intrinsecamente ligados à violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens. Desse modo, levando-se em consideração que os mesmos são dinâmicos e relacionais, optou-se por analisar as categorias finais de acordo com as temáticas aos quais os objetivos dos artigos se assemelham, tendo em vista que algumas variáveis se cruzavam nas discussões e/ou objetivos dos mesmos. Desse modo, emergiram como categorias temáticas: violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens; percepção de mães, profissionais da saúde e/ou dos adolescentes e jovens sobre a violência intrafamiliar; e ainda; redes de apoio social e familiar, conforme demonstrado no Quadro 8, a qual corresponde às frequências e autores das categorias temáticas.

Categorias temáticas	Frequência	Autores
Violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens	(n=15)	FATORI DE SÁ et al., 2009; CARLOS et al., 2011; GARBIN et al., 2012; DE ANTONI, BARONE & KOLLER, 2007; PALUDO & SCHIRÒ, 2012; MONTEIRO, 2007; ABRANCHES, ASSIS & PIRES, 2013; BARROS et al., 2013; TONDOWSKI et al., 2014; NUNES & ANDRADE, 2009; SOLIVA & SILVA JUNIOR, 2014; BRAGA & DELL'AGLIO, 2012; OLIVEIRA et al., 2011; JUSTINO et al., 2015; OLIVEIRA et al., 2012
Percepção de mães e/ou dos adolescentes e jovens sobre a violência intrafamiliar	(n=5)	PELISOLI, TEODORO & DELL'AGLIO, 2007; SANTOS, MARIN & CASTOLDI, 2013; SOUZA, LAUDA & KOLLER, 2014; LIMA & ALBERTO, 2010; MAGALHÃES et al., 2017
Redes de apoio social e familiar	(n=2)	CARLOS et al., 2014; CARLOS et al., 2013

Quadro 8: Artigos quanto às categorias temáticas

Violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens

A respeito desta categoria temática, identificou-se que os artigos investigaram, principalmente, a violência sexual, a violência física e a violência psicológica, respectivamente. Embora a negligência seja a mais notificada nos serviços de atendimento (HAGE, SILVA & ARAÚJO, 2015), este tipo de violência não foi objeto de investigação dos estudos selecionados. Além disso, os estudos debruçaram-se a investigar os diversos fatores de risco para a perpetração da violência, bem como as implicações desta no desenvolvimento de adolescentes e jovens. O que os estudos apresentam em comum, apesar da variabilidade de objetivos, métodos e resultados encontrados é que a violência intrafamiliar, sobretudo o abuso sexual, configura-se como um potencial fator de risco ao desenvolvimento dos sujeitos que são vitimizados por esta violência (PELISOLI, TEODORO & DELL'AGLIO, 2007; JUSTINO et al., 2015; PALUDO & SCHIRÒ, 2012).

Nesta perspectiva, estudo de Nunes e Andrade (2009), cujo objetivo foi investigar as condições de vida de adolescentes do sexo feminino em situação de rua, envolvidas com o abuso de drogas e com a prostituição, visando orientar estratégias de prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST/AIDS, identificou que um dos motivos que as levaram às ruas foi a exposição à violência doméstica, dentre as quais as adolescentes relataram: violência física pelos irmãos; violência física pela mãe; violência física pela madrasta; e violência física por familiares.

Estudos semelhantes (PALUDO & KOLLER, 2008; DUTRA-THOMÉ, SANTOS & KOLLER, 2010) demonstraram que os adolescentes saíram de suas casas devido à violência intrafamiliar sofrida, principalmente devido o abuso sexual, bem como brigas familiares. Neste sentido, pode-se dizer que os conflitos que ocorrem nas famílias atuam como potenciais fatores de risco ao desenvolvimento dos mesmos, tendo em vista que nas ruas estes sujeitos ficam expostos a diversas formas de violência, aumentando com isso a exposição aos fatores de risco. Isso leva-nos a questionar qual tem sido o papel da família na garantia de proteção aos adolescentes e jovens?

Dentre os fatores de risco mais frequentes investigados nas publicações, a violência sexual se sobressaiu. Os estudos que investigaram esta variável tiveram como foco de abordagem, principalmente, as seguintes questões: ocorrência tanto no âmbito familiar quanto no âmbito comunitário; as vivências maternas subjetivas e; a incidência da violência sexual (principais vítimas e agressores).

No que concerne à violência sexual intra e extrafamiliar, o estudo de Paludo e Schirò (2012), que teve como objetivo investigar a ocorrência de violência sexual contra adolescentes e jovens brasileiros, estudantes na faixa etária de 14 a 24, revelou que dos 7.316 participantes, 6,6% foram expostos à violência sexual intrafamiliar e 6,0% à violência sexual extrafamiliar.

Apesar da pouca diferença entre os contextos, cabe ressaltar que o contexto familiar é significativamente favorável a todo tipo de relações sejam elas protetivas ou não. Desse modo, estudos demonstram que o abuso sexual intrafamiliar configura-se como uma prática mais recorrente nesse contexto quando comparado ao extrafamiliar, uma vez que há relações de confiança entre o agressor e a vítima. Assim, a literatura aponta que o contexto familiar pode acabar favorecendo para uma maior incidência da violência sexual, tendo em vista que há um maior controle de manter esta violência silenciada (PIRES FILHO, 2007; PALUDO & SCHIRÒ, 2012; COSTA, 2015).

Outro aspecto identificado nos estudos, foi a exposição à violência intrafamiliar em grupos vulneráveis. No estudo de Monteiro et al. (2007) a violência intrafamiliar foi desencadeada a partir da revelação da gravidez aos pais. As adolescentes participantes deste estudo afirmaram que foram expostas a atos violentos após a gravidez ter sido revelada. Em pesquisa de Oliveira et al. (2012), com adolescentes grávidas, identificou-se que houve predomínio de exposição à violência psicológica. No estudo de Barros et al. (2013) com adolescentes vivendo com HIV/AIDS, foi identificada alta prevalência de violência física e psicológica dos pais.

Desse modo, os fatores de risco assumem uma configuração multidimensional na medida em que se relacionam à exposição de adolescentes e jovens à violência intrafamiliar. Estes fatores configuram-se, portanto, como risco ao desenvolvimento de tais sujeitos, visto que os mesmos são expostos pela violência, onde esta permeia os processos proximais (BRASIL et al., 2006). Esse caráter multidimensional se dá na medida em que a violência que ocorre no contexto familiar se caracteriza como um fenômeno complexo.

Com base no predomínio da violência intrafamiliar, identificaram-se artigos que apontam para as diversas formas de violências que ocorrem no contexto familiar, sendo o abuso sexual o que aparece com a maior frequência, como já mencionado anteriormente. No entanto, as outras formas de violência também aparecem, como a violência física (GARBIN, QUEIROZ & SALIBA, 2012; DE ANTONI, BARONE & KOLLER, 2007; SOUSA, LAUDA & KOLLER, 2014) e a violência psicológica (ABRANCHEZ, ASSIS & PIRES, 2013; BARROS et al., 2013).

Cabe assinalar que um tipo de violência pode ter associação com outro, como demonstrou o estudo de Garbin, Queiroz e Saliba (2012), no qual investigou a prevalência de situações de violência intrafamiliar vivenciadas por adolescentes na infância. Os resultados indicaram que houve associações entre violência física e emocional; física e sexual; física e negligência emocional; emocional e negligência emocional; sexual e emocional.

Neste sentido, os estudos reforçaram que o contexto familiar parece se configurar como modelos para a manutenção da violência intrafamiliar, uma vez que são recorrentes a exposição de adolescentes e jovens a esta violência, configurando-se em risco ao desenvolvimento desses sujeitos, dada a sua magnitude.

Os resultados indicam que a violência física aparece como a segunda mais investigada nas publicações. Estes estudos apontam para diversas perspectivas de abordagem, a saber: associação de violências, sendo a física e a emocional as mais prevalentes (GARBIN, QUEIROZ & SALIBA, 2012); vivências e opiniões sobre a proteção contra a violência física (SOUSA, LAUDA & KOLLER, 2014) e; abuso físico como uma prática educativa (DE ANTONI, BARONE & KOLLER, 2007). O que os achados apresentam em comum é que a maioria dos adolescentes sofreram abusos físicos, sendo, portanto, necessário compreender como se configura a dinâmica familiar.

Ainda no âmbito da violência física, a transgeracionalidade da violência aparece como uma das questões investigadas nas publicações (TOWNDOWSKI et al., 2014), onde a violência perpetrada nas relações entre os pais é reproduzida por meio de abuso físico nos filhos, com destaque para o abuso de álcool, o qual se configura como um fator desencadeador desta violência.

Conforme os dados dos estudos apresentados, a problemática da violência intrafamiliar contra crianças, adolescentes e jovens aponta para a necessidade de proteção destes sujeitos, bem como para recuperar o papel protetivo da família, uma vez que dinâmica familiar tem apontado para potenciais fatores de risco ao desenvolvimento dos mesmos através da exposição à violência intrafamiliar.

Percepções de mães e/ou dos adolescentes e jovens sobre a violência intrafamiliar

A questão central nesta categoria é verificar quais as percepções das mães e dos próprios adolescentes e jovens sobre família e sobre esta violência, após a vitimização dos mesmos. Observa-se que ao realizar estudos acerca desta temática, principalmente em casos de abuso

sexual, as mães são as figuras que aparecem com maior frequência nos estudos, sendo apontada também como a principal rede de apoio familiar e referência na vida de tais sujeitos.

Na pesquisa de Lima e Alberto (2010), na qual visou analisar as vivências subjetivas das mães que tiveram suas filhas abusadas sexualmente no contexto intrafamiliar, identificou que tais vivências são experienciadas através de sentimentos de culpa, desconfiança e desamparo. Estes sentimentos potencializam-se na medida em que as mães também foram vitimizadas na infância, aumentando assim a carga emocional negativa das mesmas e implicando em sofrimento.

Através do estudo supracitado, os autores identificaram que, embora a mãe tenha sido vítima de abuso sexual na infância, ela foi determinante para atuar como rede de apoio e proteção diante do abuso sexual intrafamiliar sofrido pela filha. No entanto, é importante destacar que muitas crianças e adolescentes que sofrem violência sexual intrafamiliar, não recebem assistência efetiva e isso ocorre devido à falta de preparo da equipe de assistência social, à falta de informação dos pais e/ou responsáveis ou ainda por outras questões familiares, como por exemplo quando o agressor é pai da vítima e a mãe passa a considerar a filha como uma ameaça ao relacionamento do casal (ARAÚJO, 2012).

Neste sentido, é importante destacar também que a figura materna diante de tal situação reage de forma confusa e paradoxal, pois de um lado ela se sente culpada por não ter protegido a filha e do outro ela sente ciúmes perante a traição de seu companheiro, convivendo assim com tal conflito: “se negar, desmentir a filha ou culpá-la pela sedução é uma forma de suportar o impacto da violência, da desilusão e da frustração diante da ameaça de desmoronamento da unidade familiar e conjugal” (ARAÚJO, 2002, p. 7). Araújo (2002) revela que pode ocorrer de esta negação estar relacionada a uma cumplicidade silenciosa, que ocorre com muita frequência com casais que possuem conflitos sexuais, onde a criança ocupa um lugar (função sexual) que não é dela, amenizando assim o conflito conjugal” (ARAÚJO, 2002, p. 7).

No entanto, independente das circunstâncias, o processo de revelação do abuso sexual intrafamiliar à formalização da denúncia é considerado um momento extremamente delicado, no qual a cada nova etapa a dor é revivida por parte da vítima, bem como da figura materna, principalmente, que muitas vezes se culpabiliza pelo ocorrido, ou seja, pela falta de proteção às filhas (LIMA & ALBERTO, 2010).

Os estudos sobre a percepção dos adolescentes e jovens acerca da família e da violência intrafamiliar demonstram algumas significações que estes sujeitos lhes atribuem após a exposição à violência doméstica (SANTOS, MARÍN & CASTOLDI, 2013; SOUZA, LAUDA

& KOLLER, 2014, MAGALHÃES et al., 2017). No estudo de Magalhães et al. (2017) os resultados apontaram que os participantes tiveram uma infância e adolescência marcadas por privações de afeto, econômica, culpabilização, rejeição, ofensas, agressões físicas e humilhações, no entanto, os adolescentes não se consideram como vítimas de violência intrafamiliar.

Este resultado está de acordo com a literatura na medida em que os sujeitos expostos à violência doméstica consideram normal os abusos sofridos e muitas vezes acabam justificando e julgando-se merecedores, principalmente devido aos seus comportamentos (ASSIS & DESLANDES, 2006; ROCHA & MORAES, 2008).

De forma geral, apesar de terem sido expostos à violência, adolescentes e jovens consideram a família como sua principal fonte de apoio, isso ocorre principalmente nos casos de abuso físico, visto que não percebem a violência como um fator que pode acarretar prejuízos no seu desenvolvimento.

Rede de apoio familiar e social

A respeito desta temática, apenas dois artigos investigaram sobre a rede de apoio familiar e social de adolescentes e jovens vitimizados pela violência intrafamiliar. O primeiro buscou analisar a compreensão de adolescentes quanto ao apoio social recebido em situações de violência doméstica (CARLOS et al., 2014). Os resultados apontaram que este apoio foi oferecido pelos membros familiares da família extensa, de vizinhos, bem como da instituição escolar na figura do professor, os quais os incentivaram a romper com a violência sofrida. Ademais, o Conselho Tutelar foi a rede de apoio social mais procurada pelos adolescentes para realizarem a denúncia e acompanhamento dos casos.

A rede de apoio social, especialmente as redes de atendimentos para vítimas de violência intrafamiliar, embora tenha a obrigação de resguardar os direitos dos sujeitos, estudos têm demonstrado que nem sempre é isso que ocorre, principalmente devido à falta de conhecimento dos profissionais. A esse respeito, no estudo de Luna et al. (2010) que investigou os processos de notificação de maus tratos em crianças e adolescentes por profissionais da saúde (médicos, enfermeiros e cirurgiões dentistas), os resultados apontaram que pouco mais da metade (52%) não conhece a ficha de notificação de violência e 69% nunca participaram de nenhum treinamento acerca da temática.

A partir do estudo supracitado, pode-se perceber que a qualidade do atendimento às vítimas de violência intrafamiliar está diretamente relacionada à falta de formação, tendo em

vista que muitos profissionais encontram-se despreparados quando lidam diante de casos de violência ocorridos no contexto familiar.

Ainda nesta perspectiva, no estudo de Aciole et al. (2011) os resultados demonstraram que 43,8% dos profissionais atenderam casos, que na sua grande maioria foram de violência física e negligência/abandono. Além disso, 70 casos foram relatados e destes, apenas 2,9% foram denunciados junto aos órgãos de proteção, todavia 14 profissionais (fonoaudiólogos) não tomaram nenhuma conduta quanto à violência relatada acerca dos demais casos. A estes tiveram seus encaminhamentos para o serviço de atendimento social ou psicológico. Conforme pode-se observar, houve um número significativamente reduzido de encaminhamentos dos casos notificados, o que nos leva a questionar sobre o descumprimento do papel destes profissionais enquanto atores sociais diante de casos de violência intrafamiliar e, sobretudo, como sujeitos que deveriam atuar como uma rede de apoio e proteção de direitos das vítimas deste fenômeno.

É importante ressaltar que a identificação da violência intrafamiliar é complexa em decorrência dos limites atribuídos às práticas educativas parentais, já que, tais práticas são relacionais e seus limites diferem tanto socialmente quanto culturalmente. Desse modo, pode-se inferir que a falta de encaminhamentos de casos de violência física do estudo supracitado pode também estar relacionada a essa complexidade e dificuldades de estabelecer limites daquilo que os profissionais consideram ou não violência.

Com base nisso, em estudo realizado por Andrade et al. (2011) que objetivou compreender a experiência dos profissionais da área da saúde a respeito da violência contra crianças e adolescentes, descrevendo a identificação e a assistência dos casos, identificou que são várias as dificuldades que estes profissionais encontram para lidar com a violência contra crianças e adolescentes, dentre as quais as autoras apontam:

O medo de se envolver com pessoas criminosas, a falta de resguardo nas unidades de saúde e a falta de comprometimento dos familiares. Um dos motivos da dificuldade de denúncia seria a reprodução de padrões culturais da população em que se aceita a punição física como uma prática educativa. Além disso, não se sentiam responsáveis ou capacitados para lidar com o problema (ANDRADE et al., p. 148).

A partir do que a literatura demonstra, fica cada vez mais evidente que a violência intrafamiliar se reproduz nas famílias com a justificativa de prática educativa e que, por faltarem profissionais capacitados e comprometidos a atuarem frente a esta problemática, acabam reproduzindo as mesmas atitudes e valores da sociedade.

O segundo estudo identificado nesta temática, foi sobre o acolhimento institucional como fator de proteção em adolescentes vítimas de violência doméstica (CARLOS et al., 2013).

Dentre os resultados deste estudo, os participantes consideraram um exagero a falta de liberdade e práticas disciplinares, por meio da retirada de atividade e controle coercitivo por meio de castigos. Por outro lado, os adolescentes consideram um fator de proteção sobretudo “as quatro paredes” e não as regras estabelecidas pela instituição, visto que a liberdade é restringida neste contexto, diferente do que ocorria antes do acolhimento.

É importante discutir o acolhimento como um contexto de desenvolvimento, visto que esta medida protetiva faz parte das políticas públicas de proteção às crianças e adolescentes e é um dos meios utilizados quando há violação de direitos dos adolescentes, com vistas a garantir a segurança e bem-estar de crianças e adolescentes, principalmente em casos de vitimização de violência intrafamiliar (BRAGA & DELL’AGLIO, 2012; FERREIRA, LITTIG & VESCOVI, 2014; BOTELHO, MORAES & LEITE, 2015). A questão em comum que os estudos sobre adolescentes abrigados revelam é que a exposição à violência intrafamiliar ocasiona a quebra dos vínculos familiares, resultando em abrigamento ou até mesmo em situação de rua, sendo esta última um fator de risco.

Neste sentido, em estudo realizado por Ferreira, Littig e Vescovi, (2014) com adolescentes abrigados, foi frequente nos seus relatos a questão relativa à ruptura familiar em decorrência da violência física e moral perpetradas pela família, configurando em risco ao desenvolvimento dos mesmos.

As redes de atendimento, através do acolhimento institucional, bem como dos órgãos de garantia de direitos funcionam como uma rede de apoio social e como fatores de proteção para as vítimas da violência intrafamiliar. Essa discussão torna-se importante uma vez que visa garantir um ambiente que atente minimamente para as singularidades dos sujeitos e se configure como fatores de proteção aos adolescentes acolhidos (CARLOS et al., 2014), contribuindo assim para a promoção de saúde e bem-estar deste grupo.

Com base nos achados, pôde-se perceber que a maioria dos artigos encontrados discutem a violência intrafamiliar contra adolescentes. Ao se fazer uma busca exploratória, o quantitativo de publicações dessa temática contra crianças e adolescentes é significativamente superior. Essa discussão tomou corpo, principalmente após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). No entanto, levando-se em consideração que a violência intrafamiliar configura-se como um potencial fator de risco ao sujeito submetido à ela, faz-se necessário que sejam investigadas a sua exposição nos diversos grupos.

Em decorrência do crescente aumento de denúncias de violência intrafamiliar, os sistemas e/ou indicadores de notificação são importantes ferramentas para o mapeamento dessa

violência. Através desses indicadores é possível caracterizar quais são os principais tipos de violência que ocorrem nesse contexto, quem são os principais agressores, bem como quais as medidas adotadas. Desse modo, torna-se necessário uma maior ampliação de sistemas de notificação da violência intrafamiliar nos estados brasileiros de modo a atender as vítimas, garantindo os seus direitos à rede de proteção integral, bem como dar visibilidade a esta violência, que precisa deixar de ser silenciada.

Com base na literatura científica, é importante ressaltar que houve um avanço no que diz respeito à maneira como a violência intrafamiliar era tratada, especialmente se levarmos em consideração que por muito tempo esta violência foi silenciada e tida como um tabu na sociedade. Na atual conjuntura, esta temática tem ganhado vez e despertado cada vez mais o interesse de pesquisadores nos últimos anos, cujos estudos têm buscando verificar, principalmente, como se configuram os fatores de risco e proteção que permeiam a dinâmica familiar e quais são as suas implicações no desenvolvimento humano.

CAPÍTULO IV

MÉTODO

4.1 Delineamento

Este estudo utilizou a abordagem qualitativa, com delianeamento transversal e retrospectivo sobre as questões que envolvem a configuração da exposição à violência intrafamiliar em adolescentes e jovens. Nesse tipo de abordagem, evidencia-se a aproximação do sujeito com o objeto investigado, buscando reflexões e análises acerca da realidade através de método e técnicas de investigação (MINAYO & SANCHES, 1993).

Na abordagem qualitativa, “o pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais” (CHIZOTTI, 2013, p. 80). Para Chizotti (2010), o sujeito-observador atua como integrante do processo e o objeto está carregado de relações e significações que os sujeitos concretos criam em suas ações. Ainda segundo Severino (2007), a abordagem qualitativa possibilita fazer o levantamento de informações sobre o objeto investigado de modo a auxiliar o pesquisador a delimitar o seu campo de trabalho, bem como mapear as condições de como esse objeto se manifesta.

A premissa da abordagem qualitativa é de que existe um elo dinâmico entre mundo real e sujeito, uma ligação recíproca entre sujeito e objeto, uma indissociabilidade entre o objetivo e o subjetivo. Por meio da abordagem qualitativa, buscar-se-á identificar, nas trajetórias de vida desses sujeitos, questões relativas à exposição à violência intrafamiliar e as percepções sobre aos fatores de risco e proteção nas suas trajetórias de vida.

Pensa-se, assim que a abordagem qualitativa permite compreender as configurações da exposição à violência intrafamiliar em adolescentes e jovens, as percepções destes sobre esta violência e quais as possíveis implicações que esta exposição pode causar nas trajetórias de desenvolvimento destes sujeitos.

4.2 Local da pesquisa

A busca pelos participantes foi feita em escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio do município de Belém – Pará. Estas escolas estão localizadas no bairro do Guamá, região periférica da cidade, que se encontra permeada por altos índices de violência e com

escassez de investimentos públicos, resultando em fatores de exposição à violência em suas diversas formas de expressão.

Os participantes são estudantes de escolas localizadas no bairro do Guamá, área periférica do município. A escolha pelas escolas deu-se em razão das mesmas já terem participado, anteriormente, de pesquisas realizadas pelo GEPJUV: a primeira correspondente à Pesquisa Juventude Brasileira Fase I (2013) na qual foi aplicado um questionário biossociodemográfico composto por 77 questões para 658 jovens de ambos os sexos; e a segunda referente à Pesquisa Juventude Brasileira Fase II (2015), onde algumas variáveis da primeira pesquisa (exemplo: eventos estressores, violência intrafamiliar, drogas, sexualidade, dentre outros) foram apresentadas aos alunos e utilizada através da realização de grupos de diálogos com vistas a identificar as suas percepções acerca das referidas variáveis. A relevância de tais escolas para esta pesquisa dá-se pela aproximação dos pesquisadores com as instituições, bem como dos jovens com as temáticas investigadas, visto que a equipe da pesquisa, da qual faço parte, ainda está em processo de coleta de dados do estudo que está em desenvolvimento.

4.3 Participantes

Participaram deste estudo cinco adolescentes e jovens de ambos os sexos, na faixa etária 16 a 19 anos, estudantes de escolas públicas do município de Belém. No Quadro 8 consta a caracterização dos participantes da pesquisa:

Participantes	P1	P2	P3	P4	P5
Sexo	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Idade	16	18	19	19	16
Cor/Etnia	Pardo	Pardo	Parda	Pardo	Negra
Escolaridade	9º ano Ensino Fundamental	2º ano Ensino Médio	2ª etapa	2ª etapa	1º ano Ensino Médio
Religião	Evangélico	Católico	Evangélica	Católico	Evangélica
Ocupação	Estudante	Estudante	Estudante	Estudante	Estudante
Tipo de violência sofrida	Violência física e violência psicológica	Violência física	Violência física	Violência física	Violência física, psicológica, negligência e maus tratos.
Agressor	Mãe	Mãe	Pai e Mãe	Pai, mãe, avô, avó, tio	Pai, mãe e madrastra

Idade em que iniciou a exposição à VIF	A partir dos 5 anos	7 anos	Não lembra, talvez 6 ou 7 anos	A partir dos 3 ou 4 anos	Não sabe
Período de exposição à VIF ⁶	Apanhou uma vez aos 13 anos e ainda sofre ameaça da mãe, esporadicamente	Apanhou duas vezes: uma com 7 anos e a outra com 12/13 anos	Sempre apanhou, até os 17 anos	Sempre apanhou, até os 16/17 anos	Sempre apanhou, principalmente e quando foi morar com o pai devido os conflitos que a madrasta causava nas relações familiares, segundo a adolescente. Sofreu violência psicológica por parte da madrasta enquanto a mesma esteve casada com o pai, ou seja, por aproximadamente 7 anos.

Quadro 8: Caracterização biossociodemográfica dos participantes da pesquisa

Como primeiro passo para selecionar os participantes da entrevista, foram apresentadas brevemente as variáveis contidas no questionário da pesquisa “*Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)*”, como uma forma de provocar a discussão acerca das mesmas e identificar quais os adolescentes e jovens haviam sido expostos à violência intrafamiliar. Ao serem identificados no processo de apresentação das variáveis do referido instrumento e após os mesmos terem respondido ao questionário, os jovens eram convidados para as entrevistas individuais, procedimento básico desta dissertação. Ao sinalizarem interesse, foi esclarecido o objetivo da pesquisa, bem como a natureza da entrevista. Os critérios de seleção para a entrevistas foram: concordar em participar do estudo, assinar o TCLE (quando

⁶ Com base nas entrevistas, os participantes atribuem à VIF, sobretudo a violência física e a violência psicológica, respectivamente.

maior de 18 anos) ou obter a autorização dos pais ou responsáveis (quando menor de 18 anos), ser estudantes de turmas diferentes.

A seleção dos participantes para a entrevista ocorreu em função da disponibilidade de horários vagos nas turmas onde foram aplicados os questionários e/ou através da autorização da coordenação pedagógica e do professor.

4. 4. Instrumentos

Entrevistas

Optou-se por utilizar como instrumento para a coleta de dados a entrevista semiestruturada. O instrumento foi aplicado individualmente, com duração aproximada de uma hora, na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), cedida pelas coordenadoras pedagógicas e/ou diretoras das escolas.

O roteiro (ANEXO F) para guiar a entrevista semiestruturada teve como objetivo compreender as percepções sobre família, as interfaces da exposição à violência intrafamiliar no desenvolvimento de adolescentes e jovens, bem como fatores de risco e proteção presentes nas suas trajetórias de desenvolvimento. Desse modo, este roteiro é composto, sobretudo, por perguntas acerca das percepções dos participantes sobre infância, adolescência e/ou juventude, percepções sobre família, exposição à violência intrafamiliar e implicações da exposição à violência intrafamiliar no desenvolvimento dos sujeitos.

Diário de Campo

No diário de campo foram registrados dados relevantes do estudo, a saber: inserção da pesquisadora nas escolas, percepção da coordenação pedagógica acerca de determinados alunos, bem como sobre a pesquisa em curso, o comportamento dos alunos durante a aplicação do questionário e, sobretudo, o comportamento dos participantes no transcorrer das entrevistas.

4. 5 Procedimentos

Procedimento preliminar

Na primeira etapa, foi apresentada às escolas a pesquisa “Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)” sendo este um projeto guarda-chuva ao qual este estudo está vinculado. Houve o compromisso por parte dos pesquisadores de realizarem oficinas sobre algumas temáticas (eventos estressores, violência intrafamiliar, violência entre pares, violência comunitária, dentre outros), bem como apresentarem os resultados dos estudos em forma de palestras e grupos de diálogos após a coleta de dados. Obteve-se então a autorização das escolas para a aplicação do questionário da pesquisa supracitada, bem como a realização de entrevistas com adolescentes e jovens que aceitassem participar do estudo para esta dissertação. Após a autorização das escolas, as coordenadoras pedagógicas verificaram a disponibilidade de turmas com horários vagos para que fossem realizadas as referidas pesquisas. No primeiro momento os adolescentes e jovens participaram da aplicação do questionário, objetivando assim aproximá-los das variáveis acerca da violência intrafamiliar e, no segundo momento da entrevista, levando em consideração que os participantes responderam primeiramente ao questionário, as entrevistas com os adolescentes e jovens só foram realizadas no mesmo dia nos casos em que houve mais de um horário vago nas suas respectivas turmas e/ou quando a coordenação pedagógica comunicou ao professor de que tais sujeitos estariam participando de entrevista no horário da aula.

Procedimento de coleta de dados

Inicialmente foi feita uma breve exposição das variáveis contidas no questionário referente à pesquisa “*Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)*”, para que os adolescentes e jovens pudessem se aproximar das temáticas investigadas. A partir disso emergiram algumas narrativas das violências que os estudantes haviam sido expostos. Houve ainda relatos de que os mesmos tinham vizinhos e/ou parentes que foram vitimizados pela violência. Tais narrativas foram essenciais para o processo de seleção dos participantes.

Posterior à exposição das variáveis e breve relatos dos adolescentes e jovens, foi feita a aplicação do referido questionário, o qual contém 83 questões biossociodemográficas, com variáveis relacionadas à violência comunitária, exposição à violência intrafamiliar, dentre outras. Após o término deste, a pesquisadora convidou os estudantes que haviam relatado sua exposição à VIF para a entrevista deste estudo. Foram selecionados um participante de cada

turma, abrangendo estudantes do 9º ano do ensino fundamental, 2º e 3º ano do ensino médio, bem como da 4ª etapa.

Na medida em que os sujeitos aceitaram participar da entrevista, foi comunicado à coordenação pedagógica da escola que, além de ceder o espaço para a realização da pesquisa, comunicou ao professor sobre a participação do estudante para que o mesmo não ficasse prejudicado (com falta e/ou conteúdo ministrado). Após concordarem, primeiramente, foi feita a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, solicitada a assinatura, quando maiores de 18 anos, e em seguida iniciada a entrevista. Para os menores de 18 anos, foi entregue o TCLE aos adolescentes e, no dia seguinte, mediante a assinatura dos pais ou responsáveis, foi realizada a entrevista.

Procedimentos éticos

A pesquisa Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade), a qual este estudo está vinculado, foi submetida e aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Hospital Universitário João de Barros Barreto da UFPA, conforme o CAAE 67268317.5.0000.017 (ANEXO D).

Procedimentos de análise de dados

No primeiro momento os dados foram tratados no software N-VIVO através de uma análise de caráter exploratório com vistas a identificar quais as palavras mais frequentes nas entrevistas dos adolescentes e jovens. A justificativa para o uso do referido software, dá-se na medida em que possibilita verificar, por meio dos seus resultados exploratórios, as relações estabelecidas entre as diferentes variáveis, bem como organizar a forma de apresentação das mesmas, contribuindo assim para a análise dos resultados.

Ademais, a análise dos dados foi feita através da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) que compreende três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Após a coleta de dados, procedeu-se a transcrição das entrevistas e, posteriormente, a pré-análise das mesmas. Na medida em que os dados eram transcritos, palavras-chave e frases foram destacadas. Estes foram organizados a partir das categorias temáticas identificadas, às quais foram dada especial atenção, principalmente no que diz respeito aos fatores de risco e proteção na trajetória de vida dos sujeitos. As categorias temáticas foram analisadas e discutidas com base na Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER,

1996, 2011). A análise teve como foco, predominantemente, o microssistema familiar, para compreender, de maneira mais ampla, como a violência intrafamiliar pode afetar o desenvolvimento dos sujeitos, no entanto não foi ignorado os demais sistemas, visto que podem exercer influência no contexto da família. Além disso, levando em consideração a ABDH como lente para compreender os processos que permeiam a temática investigada, a violência intrafamiliar foi analisada através das relações estabelecidas na família, no decorrer do tempo histórico, cultural e social.

CAPÍTULO V

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção de resultados e discussão está dividida em duas partes. Apresenta-se, inicialmente a caracterização dos participantes da pesquisa, com ênfase nas suas configurações familiares e exposição à violência intrafamiliar, com apresentação sucinta dos tipos de violência e principais agressores. Posteriormente, são expostas as categorias resultantes dos processos de análise das entrevistas.

5. 1 Caracterização dos participantes da pesquisa

Participante 1

Adolescente de 16 anos, do sexo masculino, morou com a avó materna até os cinco anos de idade, depois passou a morar com a mãe. Atualmente mora com a mãe, o padrasto e dois irmãos. Foi exposto à violência psicológica e física por parte da mãe, a primeira como uma forma de adequação do comportamento (corrigir e educar) e a segunda devido não ter obedecido o horário de chegada em casa. Teve três primos jovens, moradores da periferia, assassinados pela milícia no início do ano de 2015.

Participante 2

Jovem de 18 anos, do sexo masculino. Morou com a mãe, tia, irmão e avós. Atualmente mora com a tia materna. Os pais se separaram quando ele tinha, aproximadamente, um ano de idade. Mantém contato com o pai, mas não possui uma boa convivência com ele. Quando criança, sofreu violência física do pai como uma forma de adequação (corrigir e educar) do comportamento e na adolescência foi exposto à violência física por parte da mãe após a descoberta da homossexualidade. Foi usuário de drogas.

Participante 3

Jovem de 19 anos, do sexo feminino, morou com os pais e a avó materna até os cinco anos de idade. Atualmente mora com os pais e o irmão. Sofreu violência física severa por parte do pai, principalmente porque o mesmo não a deixava interagir com os amigos e, tampouco namorar. Segundo a jovem, ela vivia em cárcere privado. A mãe foi vítima de violência doméstica. O pai fazia uso abusivo de álcool.

Participante 4

Jovem de 18 anos, do sexo masculino, sempre morou com a avó paterna. Sofreu violência física e psicológica na infância e adolescência por parte dos avós paternos e dos pais devido ao comportamento na escola, na rua e em casa. O pai é policial e já foi preso duas vezes, a primeira por assassinato em legítima defesa e a segunda acusado de ter participação na milícia (sentenciado a 29 anos). Considera o pai inocente desta última acusação.

Participante 5

Adolescente de 16 anos, do sexo feminino, morou com os pais até, aproximadamente 7/8 anos, a partir de então passou a morar com os avós, irmãos e primos após a separação dos pais, para evitar conflito entre eles. A mãe foi vítima de violência doméstica. À época, o pai fazia uso abusivo de álcool. Sofreu maus tratos por parte da madrasta e violência física por parte do pai, devido aos conflitos com a madrasta, e da mãe.

5.2 Análise Exploratória

Assim como no estudo da Revisão Sistemática de Literatura, neste estudo, antes iniciar a apresentação e discussão das categorias temáticas, foi realizado no Excel e no N-VIVO uma análise exploratória com vistas a identificar as palavras mais frequentes acerca dos dados relativos às entrevistas dos participantes. Desse modo, foi gerada a nuvem de palavras, conforme apresentada na Figura 6.



Figura 6: Nuvem de palavras

Na Figura 6, sobressaem as palavras *família* e *violência*, por terem aparecido com maior frequência nas narrativas dos participantes. Tais ocorrências são melhor descritas no quadro 9 (recorte), que corresponde a uma análise referente à frequência simples de palavras, resultante dos dados gerados no Excel.

Palavra	Extensão	Contagem	Percentual ponderado (%)	Palavras similares
família	7	68	0,43	família, famílias
violência	9	35	0,22	Violência
conversar	9	29	0,18	Conversar
criança	7	28	0,18	criança, crianças

Quadro 9: Frequência absoluta e percentual das palavras na base de dados

Através da nuvem de palavras e da frequência destas no Excel, identifica-se que as palavras *família* e *violência* são as mais frequentes nas entrevistas dos participantes, confirmando assim que a violência está presente no contexto familiar e, conseqüentemente, nas trajetórias de vida dos sujeitos da pesquisa, como serão melhor apresentadas e discutidas por meio das categorias temáticas levantadas.

5. 3 Análise das categorias temáticas

Os dados coletados por meio da entrevista semiestruturada foram submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 1977) por meio de categorização manual, visto que utilizar o software N-VIVO para fazer esta análise demandaria um tempo maior para o tratamento de todas as entrevistas.

As temáticas selecionadas para a análise encontram-se fundamentadas nos referenciais da análise de conteúdo (ANEXO G). A análise de conteúdo e possibilitou a valorização da linguagem oral (através das entrevistas), bem como da escrita (diário de campo) favorecendo assim, as percepções acerca dos participantes. Cabe assinalar que os dados das entrevistas foram transcritos na íntegra sem nenhuma alteração de conteúdo, o que pode ocorrer erros de coerência e coesão textual nos discursos.

Na Figura 7 estão apresentadas as categorias de análise resultantes da análise de conteúdo das entrevistas realizadas, seguida da análise e discussão das mesmas.

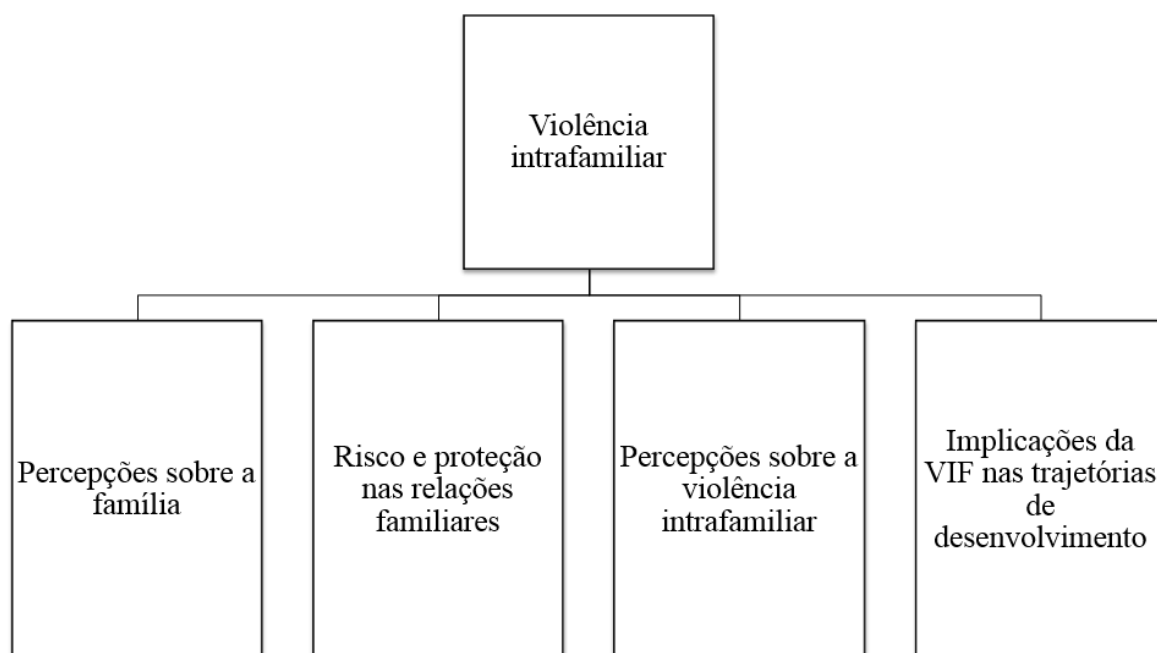


Figura 7: Categorias de análise

Percepções sobre a família

Os resultados demonstraram que as percepções dos adolescentes e jovens sobre família são tecidas na presença da afetividade, união e no cuidado. De forma geral, eles têm uma visão positiva de família, tal como é ilustrado nos seguintes relatos:

Hoje era melhor do que antes, evoluiu, né, tipo alguns se consertaram, alguns viraram evangélico, o vovô que era agressivo agora é evangélico. A minha família, eu agradeço a Deus por ela (P1).

Égua, é uma família boa assim porque eu vejo assim, né, que meus amigos, tipo, sobre a violência, né?! que meus amigos sofreram, uns contam que eles apanhou dos pais, ainda mais quando teve orientação sexual descoberta, o pai quebrou, bateu, começou a dar desprezo, humilhou, mandou embora. Então eu vejo, a minha família é uma ótima, ótima concepção, bem unida. Égua, eles são ótimos, aí não tenho do que reclamar. Sempre falo pra minha mãe que não tenho do que reclamar deles, não tenho nem do que falar mal, porque quando eu preciso,

eles tão lá, posso desabafar, a gente conversa, quando tá precisando de alguma coisa eles tão lá (P2).

Era uma família unida mermo (P3).

Eu saía muito pra passeio, viagem, viajando, quando tem aniversário assim, a família viaja, vai tudo lá, se reúne, eu tinha minha bisavó que, aí todo mundo se reunia, era unido (P4).

[...] são muito boas pessoas, são bons coração, eles cuidam muito de nós. Tipo, se tiver faltando comida eles dão um jeito deles de dar comida pra nós. E se, tipo assim, tanto na escola, são eles que mais que se preocupam (P5).

Nestes relatos, é possível identificar o microssistema familiar como importante nas relações interpessoais entre os familiares. Esse modo de perceber a família como uma rede de apoio corrobora a literatura na medida em que os adolescentes consideram que a família é essencial às suas vidas, principalmente nos momentos de dificuldades (GONÇALVES et al., 2008; DE ANTONI & KOLLER, 2000). Assim, pode-se perceber que a família possui grande valor na construção da subjetividade e do desenvolvimento em formação da criança devido aos papéis e funções que são exercidos por cada um de seus membros.

As percepções dos adolescentes e jovens são importantes para identificar e compreender os níveis de afetividade e a presença ou ausência de conflitos entre os membros familiares e, com isso verificar o funcionamento da dinâmica da família. De acordo com os dados, a palavra que aparece com maior frequência nos discursos da maioria dos participantes quando estes descrevem suas relações familiares é união, como demonstram os seguintes excertos:

[...] ficou mais unida (P1).

[...] eles são uma família muito unidas, muito mesmo. Ontem todos eles tavam em casa (P2).

Minha família é unida agora (P3).

[...] quando tem aniversário assim, a família viaja, vai tudo lá, se reúne, eu tinha minha bisavó que, aí todo mundo se reunia, era unido são essas lembranças boas que eu tenho (P4).

[...] no primeiro momento que eu achei que foi bom foi essa união (P5).

Esta percepção positiva sobre a família é fundamental para entender as relações familiares, uma vez que se apresentam como um dos fatores mais relevantes a ser considerado no desenvolvimento do sujeito. Apesar dessas percepções baseadas, principalmente, em união, os membros familiares são percebidos pelos estudantes de formas diferenciadas. Esta

diferenciação está refletida na forma como são estabelecidas as relações no contexto familiar, influenciando assim, no modo como os sujeitos passam a perceber a família.

Não me lembro de conversar. Nunca sentou assim com a gente pra saber se a gente tá bem, se tá mal, se tá doente, sempre assim, desde grande agora não liga muito pra mim, pro meu irmão, quem liga muito pra gente é mais a minha mãe (P3).

Eu queria que meu pai fosse mais próximo assim, meu pai e minha mãe, mais próximo assim, se entendessem, mas não deu certo, eles se separaram. Outra coisa que eu queria mudar, queria ter mais atenção, atenção assim. Eles deixam eu viver a minha vida. O que eu quiser fazer eles não estão nem aí (P4).

As narrativas ajudam a revelar que na dinâmica familiar nem sempre ocorre o compromisso com o bem-estar que as pessoas devem ter umas para com as outras no contexto familiar, sendo este compromisso um motor para o desenvolvimento dos sujeitos, conforme afirma Bronfenbrenner e Morris (1998).

Os dados revelaram que os adolescentes e jovens que demonstram percepção positiva acerca da família são os que foram menos expostos a violência no contexto familiar, evidenciando que esta violência reflete na maneira como a dinâmica familiar se configura, reverberando-se, portanto, nas díades familiares.

Risco e proteção nas relações familiares

Levando em consideração que os fatores de risco são variáveis relacionadas à alta probabilidade de ocorrência de resultados negativos ou indesejáveis (REPPOLD et al., 2002), dentre os quais encontram-se comportamentos que podem comprometer a saúde, o desempenho social ou o bem-estar do sujeito, os resultados apontam exposição aos fatores de risco as relações familiares, o uso de drogas e álcool, a violência doméstica contra a mulher, bem como a própria exposição dos adolescentes e jovens à violência intrafamiliar.

As relações familiares tornam-se peças-chave para compreender os fatores que podem favorecer um contexto de risco ou proteção no que diz respeito à perpetração da violência na família. Desse modo, é de suma importância investigar como são estabelecidas as relações familiares.

Nessas relações, o modelo de família nuclear (pai, mãe e filhos) não tem sido suficiente para compreender a nova realidade familiar, tendo em vista que na atual conjuntura, são incorporadas outras pessoas sejam elas ligadas por laços consanguíneos, afinidade ou pela rede de relações (PALUDO & KOLLER, 2008; OSÓRIO, 2002; BRASIL, 2006; DE ANTONI & KOLLER, 2000; SARTI, 1995; SOUZA & JORGE, 2006). Nessas (re)configurações, a figura da mulher, principalmente no papel da avó e da mãe, aparecem como as principais provedoras, bem como a maior referência em relação à rede de apoio para os adolescentes e jovens e isso decorre, sobretudo, em função de separação/conflito entre os pais e a falta de condições financeiras para cuidar dos filhos. Nesta perspectiva, os dados evidenciam que a separação dos pais acarretou mudanças na vida da adolescente, conforme a narrativa de P5:

“[...] a parte que meu pai arranhou uma nova mulher pra ele, que a partir que os dois arranjaram um homem e uma mulher pra eles conviverem, foi um baque, porque eu ainda queria os dois juntos, mas entre dessa coisa de eu queria, eu não queria também por causa da agressão, porque eu sabia que a mamãe ia sofrer de novo, então eu não queria, mas uma parte eu queria que meu pai e minha mãe tivessem juntos pra me apoiar porque um tá lá o outro tá cá, aí a gente não sabe, porque eu sempre morei com eles, a partir que eles se separaram eu não teve pra onde eu ir, aí eu teve que morar na casa da minha vó e do meu vô. Porque se eu fosse, tipo assim, com a minha avó era mais coisa possível, porque se eu fosse morar com algum deles, ainda tava rolando a briga entre os dois se eu vou pra um lugar o outro ia ficar com raiva porque eu fui pra esse lugar, aí se eu for, tipo assim pra casa do meu pai, a minha mãe ia ficar sentida, eles iam falar que eu preferia o meu pai de que ele e a mesma coisa com o papai” (P5).

A separação, o divórcio e o recasamento são períodos de transição na vida da família que podem ocasionar implicações diretas para os membros familiares envolvidos. Neste sentido, “esses períodos não devem ser entendidos como algo que caracterize o fim ou a dissolução da instituição da família, mas como um período de reestruturação de papéis e de sistemas de valores” (DELL’AGLIO, SIQUEIRA, OLIVEIRA & LOPES, 2008, p. 96), tendo em vista que as diferentes configurações familiares em detrimento do recasamento, da separação e/ou divórcio estão cada vez mais presentes e isso está refletido nas diversas pesquisas que têm sido realizadas (GOLDANI, 1994; DELL’AGLIO, SIQUEIRA, OLIVEIRA & LOPES, 2008). A tendência é, portanto, a uma maior diversidade nos arranjos familiares e domésticos (GOLDANI, 1994).

Para além disso, a hierarquia familiar e a coesão são fatores fundamentais para compreender as relações familiares. A hierarquia familiar está associada a diversas conceituações, tais como dominância, poder de decisão, autoridade, influência ou soma exercida por algum membro familiar sobre os demais, enquanto que a coesão está relacionada ao apego ou à proximidade emocional entre os membros familiares (GEHRING, 1993), estando esta diretamente ligada ao desenvolvimento positivo de família e de adolescentes (GEHRING, 1993). De acordo com Pelisoli, Teodoro e Dell’Aglío (2007, p. 258) “um desenvolvimento saudável é associado linearmente à coesão, mas não se associa de mesma forma à hierarquia.

As narrativas revelam que a hierarquia familiar se faz presente nas relações entre os participantes, estando esta em especial relacionada à autoridade dos pais sobre os filhos, como segue o trecho:

Não podia falar com os amigos, conversar, não podia falar no telefone porque perguntava quem era, senão pegava o telefone, jogava no chão, quebrava. Aí me proibia de tudo. Nem passar assim na porta de casa pra ir pra rua falar com os amigos não deixava [...] Ficava com medo. Assim dele falar alguma coisa [...] (P3).

A partir do excerto, fica bem explícita a rigidez na fronteira do subsistema parental, evidenciando a absoluta restrição de contato com os subsistemas externos. Esta rigidez implica na dificuldade de estabelecer relações familiares nas quais possam se constituir proteção, afeto e proximidade, como fica demonstrado na fala da participante.

Levando em consideração que a adolescência e a juventude são fases permeadas de transformações de ordem psicossociais, é necessário que os membros familiares possam auxiliar os adolescentes e jovens neste período, contribuindo assim nos processos desenvolvimentais dos mesmos e ajudar na definição de seus papéis sociais, visto que a família é central no que diz respeito às estruturas geracionais e familiares. Entretanto, tais estruturas podem estar em tensão, implicando em entraves para o desempenho da dinâmica familiar. Neste sentido, a família deve ser compreendida não somente na sua função ideológica, mas nas suas contradições internas (SILVA, 2014).

Outro fator de risco que aparece nas relações familiares é o abuso de álcool e drogas. Estes riscos se mostram cada vez mais presentes na adolescência e podem trazer diversas consequências ao desenvolvimento do sujeito. O uso de drogas ilícitas e lícitas prejudica o desenvolvimento biopsíquico dos sujeitos e está ainda relacionado a outros fatores de risco,

tais como baixo desempenho escolar, baixa autoestima, vulnerabilidade social e relações sociais pobres (COSTA, 2009).

Diversos estudos já foram realizados com vistas a identificar os fatores de risco e proteção no que concerne ao uso de drogas por adolescentes (NUNES & ANDRADE, 2009; DOTTA et al., 2000; NARDI, JAHN & DELL'AGLIO, 2014; MARTINS & PILLON, 2008; SCHENKER & MINAYO, 2005).

Segundo Sudbrak (2003), quanto mais frequentes os fatores de risco, maiores podem ser a prevalência do consumo de drogas. No que diz respeito aos fatores de proteção a relação é inversamente proporcional, ou seja, quanto mais frequentes os fatores de proteção, menor poderá ser o consumo de drogas pelo sujeito. Algumas relações entre pares têm sido vista como um dos principais prenúncios para o uso de drogas, configurando-se como fator de risco quando os pares consomem drogas, demonstram aprovação ou toleram o seu uso (SCHENKER & MINAYO, 2005). Os dados vão de acordo com a literatura, como demonstra o seguinte trecho:

Eu tinha uns amigos que eu sempre saí, mas eu sempre falava que não, que aquilo não era pra mim. Aí eles falavam: “Não, prova que é bom. É, tu faz esquecer os problemas” e nem problema eu tinha (risos). “Pra esquecer os problemas, pra ti ficar viajando praí, pra não ficar ligado. Aí eu falava que não, aí eles falavam que sim que era pra usar, mandavam dar um pega, eu dava. Aí foi, foi por influência, porque os amigos queriam. Depois minha mente ficou aberta, aí foi nesse vacilo que comecei a fumar. Mas já acabou (P2).

O uso de drogas pelos adolescentes e jovens é uma questão complexa e multidimensional que ultrapassa os diversos subsistemas da vida social e individual do sujeito. Entretanto, o cerne da questão não é do uso da droga em si, mas as relações que o sujeito estabelece com a droga e que, conseqüentemente, influencia o universo das interações (SCHENKER & MINAYO, 2005).

Embora a família seja considerada fundamental na prevenção ao uso de drogas, há outros contextos que igualmente o são, visto que o sujeito está envolto de uma rede de relações dado o fato de viver num contexto histórico e sociocultural. Segundo Schenker e Minayo (2005), a família exerce papel fundamental na prevenção ao uso de drogas se for afetiva, amorosa, cuidadora e comunicativa, potencializando a probabilidade de promover condições favoráveis ao desenvolvimento dos filhos.

Para além do uso de drogas, verifica-se que a violência doméstica contra a mulher é outro fator de risco que está presente nas famílias dos participantes, conforme demonstrados a seguir.

[...] era o meu avô, ele batia que só na minha avó (P1).

[...] ele ficava esperando ela sair da festa pra rolar a briga, até chegar em casa, ela já chegava em casa chorando porque o papai já tinha batido nela e tal (P5).

[...] ele batia muito nela, às vezes minha avó falava que ia dar parte dele, ia mandar a polícia. Assim, ela apanhava às vezes (P3).

A violência contra a mulher é um problema de saúde pública e considerada ainda um problema global dada a magnitude do fenômeno o qual todos os países enfrentam. Além disso, a violência doméstica aparece como uma questão bem disfarçada e escondida por meio das diversas concepções atribuídas às concepções macrosistêmicas que são baseadas na subordinação e opressão das mulheres características da sociedade patriarcal (PASCAL, 2013).

O uso e abuso de álcool se configura como um fator de risco no ambiente familiar e potencializa a perpetração da violência contra a mulher. Nesta direção, os dados revelam a violência doméstica associada ao uso/abuso de álcool:

Às vezes ela ficava cuidando da gente em casa e ele saía pra curtir com outras mulher, pra beber, sair com os amigos, aí ela ficava com a gente. Aí quando ele chegava só era discussão, batia, mandava ela ir embora, aí a gente ficava com ele, mas a gente chorava por causa dela. Era mais por causa de bebida, porque ele chegava porre. Ele batia sem motivo (P3).

Só que meu pai era muito, tipo assim, bebia, fumava, ele chegava tarde, quando ele chegava queria brigar com a mamãe. Aí isso foi meio perturbador na minha infância. Acho que pior coisa que aconteceu foi isso, porque toda vez que ele chegava, ele vinha e queria brigar (P5).

Segundo Narvaz e Koller (2006), fatores como o uso abusivo de álcool, a pobreza e as repetições de relações abusivas intergeracionais aparecem associados à dinâmica de violência doméstica. Esta relação não é direta, mas é compreendida na visão de processo e contexto, apontando uma perspectiva dinâmica. O uso, abusivo ou não, de álcool acaba se tornando uma justificativa para a prática da violência, configurando-se “como um dos pilares que sustentam e favorecem a manutenção da violência” (TONDOWSKI et al., 2014, p.812).

Para Schenker e Minayo (2005), o alcoolismo tem uma função destrutiva no contexto familiar e essa disfunção desempenha um papel na transmissão intergeracional de comportamentos. Neste sentido, no estudo de Tondowski et al. (2014) que investigou os padrões intergeracionais de violência familiar ao uso abusivo de álcool, foram identificados padrões de violência que vinham de gerações anteriores, onde alguns participantes afirmaram acreditar que tal violência estava na genética, através da hereditariedade e/ou pelo próprio aprendizado ao ver as práticas violentas sendo utilizadas pelos pais.

No que se refere aos filhos de mulheres vitimizadas pela violência doméstica, estudos demonstram que podem ser mais incidentes as consequências emocionais em crianças e adolescentes ao serem expectadores e não vítimas diretas da violência (FILMUS et al., 2003; BRANCALHONE et al., 2004; REICHENHEIM et al., 2006; FALCKE et al., 2009). Neste sentido, os filhos que assistem a violência doméstica podem apresentar problemas comportamentais e emocionais, bem como reprodutores de padrões familiares violentos (DAY et al., 2003; SANTOS & COSTA, 2004).

Os resultados demonstraram ainda a exposição aos fatores de risco no contexto extrafamiliar através da violência comunitária. A violência comunitária corresponde à violência interpessoal na comunidade perpetradas por outros sujeitos que não sejam da família e que tenham intenção de causar dano (GUERRA & DIERKHISING, 2011). Nesta direção, os dados revelam que os adolescentes e jovens foram expostos por pessoas que deveriam ter papel protetivo, como é possível observar no seguinte relato:

Já apanhei da policia, já briguei da rua, vizinho já me agrediu. Da polícia apanhei, porque polícia eles são, polícia é foda, né?! O cara te vê na rua, pensa que tu é vagabundo quer te dar porrada. Mas só uma vez apanhei da polícia (P4).

A violência comunitária não ocorre de maneira isolada, frequentemente ocorrem outros tipos de violência concomitantemente. Neste sentido, “em especial no caso de crianças pequenas, a família é a fonte primária de exposição à violência, embora essa exposição frequentemente seja maior entre crianças que vivem em comunidades com alto índice de violência” (GUERRA & DIERKHISING, 2011, p. 3). Esta violência do Estado revela a negação do direitos, conforme demonstrada na falar de P1:

[...] num país que a gente paga tantos impostos, tanta contribuição ao governo, não tem segurança nem pra sentar na porta de casa, né? É revoltante! (P1). [Referindo-se à morte dos primos, os quais foram assassinados pela milícia] (Diário de campo, 03/04/2017).

Este excerto revela como está sendo marcada a vida dos jovens no município de Belém, estando estes expostos à violência e contribuindo para os índices referentes ao extermínio da juventude. No entanto, a temática acerca da violência contra adolescentes e jovens tem sido tratada de forma descontextualizada em muitos espaços, como na comunidade e nos meios de comunicação, principalmente. Neste sentido, Souza e Goldmeier (2008) afirmam que a imprensa coloca em destaque a violência que os jovens praticam, enfatizando indícios de uma periculosidade que é vista como inata.

As comunidades onde o sujeito cresce pode ter efeito significativo nos adultos que eles se tornarão. Muitas crianças crescem em contextos com abundância de recursos, em contrapartida, milhões de crianças crescem em adversas condições (GUERRA & DIERKHISING, 2011).

Outro contexto que deveria ser protetivo e aparece como fator de risco para o desenvolvimento dos adolescentes e jovens é a escola, onde tais sujeitos são expostos à violência, conforme a narrativa de P5:

Na escola que eu sofria bullying, eu sofria, tipo assim por causa eu usava óculos e tal, porque na minha infância eu era gordinha, aí só por causa disso as pessoas não me aceitavam, só porque eu era gordinha, aí por isso que eu me tornei agressiva também por causa disso, que as pessoas queriam ficar me humilhando e pela parte da doença que caiu meu cabelo, na quinta série (P5).

No que concerne à exposição à violência comunitária, o estudo de Moura (2013) com 658 jovens paraenses demonstrou que 61,8% dos jovens já sofreram algum tipo de violência fora de casa. Analisando as ocorrências separadamente, mesmo aparentando pouca frequência nos tipos de violência, como mostram as seguintes situações: “soco e surra” (15%); “ameaça ou humilhação” (30,3%); “agressão com objeto” (8,9%) “mexeu no meu corpo contra minha vontade” (5,3%) e “relação sexual forçada (2,3%)”.

Ao se considerar pouco que 30,3% de jovens ameaçam e humilham seus pares, é não ter a noção de como se sente a pessoa que sofre tais violências e o que estas podem acarretar ao desenvolvimento humano. Os dados revelam que a humilhação é a variável com maior frequência entre os jovens e há a presença de agressores nas relações entre pares. Estes resultados confirmam o estudo de Berger (2007) que demonstra que os jovens se configuram como agressores e como vítimas de violência, com grandes variações de frequências e tipos de violência, com destaque para o *bullying*, que ocorre nos mais diferentes locais ou regiões, tanto

a nível mundial e nacional quanto a nível regional e local, e em escolas de um mesmo local específico.

Ainda nesta direção, estudo de Fante (2005) aponta como fatores de risco nas relações entre pares, atos que podem vir a culminar em manifestações de violência, dentro ou fora do contexto escolar, ou seja, “todo ato, praticado de forma consciente ou inconsciente que fere, magoa, constrange ou causa dano a qualquer membro da espécie humana” (p. 157), originando o surgimento de casos específicos de violência, como o Bullying.

No estudo de Poletto e Koller (2008) o espaço escolar e a relação entre pares foram identificados como um local mais propício para estes tipos de manifestações. Percebe-se que um fator de risco presente nas experiências destes jovens é a presença da violência em suas relações, denominada *Bullying*, que de maneira mais simplificada é conceituada como “um tipo específico de agressão que ocorre entre os pares” (CANTINI, 2004).

Apesar dos fatores de risco estarem presentes no contexto familiar dos participantes, os fatores de proteção igualmente o estão seja em maior ou menor frequência, e são enaltecidos significativamente, principalmente quando relacionados à ajuda, ao diálogo, ao cuidado, aos vínculos afetivos e/ou ao suporte emocional e financeiro.

Os fatores de proteção são considerados elementos essenciais para o desenvolvimento do sujeito, uma vez que podem minimizar os riscos presentes no contexto familiar, bem como as suas implicações nas trajetórias desenvolvimentais dos indivíduos. De acordo com Hanbigzang et al. (2006), os fatores de proteção podem ser identificados:

No cuidado estável oferecido pela família, que reforça a identificação com modelos e papéis; nas características pessoais, como a habilidade para resolver problemas, a capacidade de cativar pessoas, competência social, crenças de controle pessoal sobre os eventos de vida e senso de auto-eficácia; e na possibilidade de contar com o apoio social e emocional de grupos externos à família, diante de eventos estressores (p. 380).

Nos relatos dos participantes, identificou-se alguns fatores de proteção no ambiente familiar claramente explicitados, a saber:

Minha avó sempre tava em cima de mim lá, queria um curso, ela pagava, fazia muita coisa, isso foi tudo importante pra mim, que ela queria meu futuro, até hoje ela quer me botar no bom caminho, quando tem concurso, ela vai e paga pra eu fazer. Ela quer investir, isso foi uma coisa importante que ela quer fazer meu futuro (P4).

[...] é ela (mãe) que me ajuda mais, tanto de escola, igreja, qualquer lugar é ela que ajuda. Agora meu pai também ajuda, porque ele tem um comércio dele, aí ele me ajuda mais nessas coisas [...] ele é o único que aconselha (P5).

Este modo de perceber os membros familiares como um fator de proteção está relacionado às características do segundo elemento do modelo PPCT, ou seja, a Pessoa, por meio das características da disposição, do recurso e da demanda, tendo em vista que o primeiro coloca os processos proximais em movimento; o segundo coloca em funcionamento as habilidades e experiências para que ocorram os processos proximais e; o último promovem reações nos ambientes sociais, favorecendo os processos proximais.

Os fatores de risco e fatores de proteção não são categorias estáticas, dessa forma devem ser considerados como processos, sendo estes definidos por suas implicações nos resultados específicos, bem como nas relações que os sujeitos estabelecem (DE ANTONI & KOLLER, 2010).

As narrativas evidenciam que diante dos riscos presentes no contexto familiar, os adolescentes e jovens conseguem localizar pessoas que os ajudam a enfrentar as adversidades, configurando-se em relações de apoio e proteção. Os excertos a seguir revelam quais são as pessoas com as quais os estudantes mais podem contar em todos os momentos de suas vidas:

Minha avó e minha mãe, porque eu confio nelas, elas me apoiam em tudo, não tudo, mas no que elas acham certo, que ela vê que é certo ela me apoia. Aí ela me dá conselho, se tiver errado ou coisa assim,. ela chama atenção quando eu tô errado. Essas duas pessoas só, que eu mais confio, minha avó que é mãe duas vezes e minha mãe (P1).

A minha mãe. E minha avó (P2).

É ela. É a única pessoa que eu sempre posso contar é ela, porque o papai assim não é muito de ligar pros filhos (P3).

Minha avó (P4).

Nesse momento é meu avô e minha avó (P5).

Apesar dos membros familiares configurarem-se como fatores de proteção ao desenvolvimento dos estudantes, o risco aparece bem marcado e com maior frequência nas relações familiares dos adolescentes e jovens, sendo a exposição à violência intrafamiliar o principal deles, influenciando no seu desenvolvimento.

A violência faz parte do dia a dia de muitas famílias brasileiras, sendo os adolescentes e jovens os mais afetados, grupos nos quais a principal causa de mortes são os eventos violentos. Na faixa etária de 1 a 19 anos, os acidentes e violência se colocam como a primeira causa de morte. E estes são apenas o ápice da pirâmide, onde os casos não fatais, ou seja, as lesões e traumas físicos, sexuais e psicológicos sofridos deixam sequelas em seus corpos e mentes por toda a vida (CARLOS, 2010, p. 32).

Segundo Abranches, Assis e Pires (2013), existem diferentes formas de violência que causam impacto direto sobre as famílias, exercendo tanto cuidado e proteção sobre os filhos como também podem ser agentes desencadeadores da violência, sendo o contexto familiar um local privilegiado para a perpetração de grande parte de atos violentos que vitimizam crianças e adolescentes, principalmente.

No transcorrer dos relatos evidenciou-se que todos os adolescentes e jovens foram expostos à violência física, principalmente, à violência psicológica e/ou à negligência, seja na infância e/ou na adolescência/juventude. Em contrapartida, a violência sexual não aparece nos discursos dos participantes, embora tenha sido questionada, como por exemplo no trecho abaixo:

Você acha que a violência sexual é um tipo de violência que pode acontecer dentro da família?

Sim, porque a gente vê muito no jornal pai abusando de criança, tio, pessoas próximas (P1).

No decorrer das entrevistas, identificou-se que a violência sexual, embora não seja, mais velada como há muito tempo já foi e casos desse tipo estejam cada vez mais estampando manchetes de jornais impressos e televisivos, os resultados apontaram que esta violência não contempla os tipos de violência citados pelos estudantes, com exceção de um participante, a saber:

[...] assim, tipo assim de acariciamento, passar a mão assim no corpo, não (P3). [referindo-se que foi exposta à violência física, mas não à violência sexual] (Diário de campo, 30,03, 2017).

Em contrapartida, a violência física foi apontada como a mais perpetrada no contexto familiar, onde todos os participantes foram expostos e, alguns deles, indicaram objetos utilizados para a agressão física, como demonstrados nos trechos seguintes:

Com uma garrafa, seca, de água, sabe?! garrafa de água (P2)

Foi que, uma vez, meu pai me deu de cinto (P3).

Com o que tinha na frente (P4) [referindo-se às agressões físicas sofrida na infância] (Diário de campo, 03/04/2017).

Os dados corroboram a literatura, tendo em vista que a violência física é praticada inclusive por meio da agressão com objetos (ASSIS & DESLANDES, 2008; MAIA, 2013). Assim, presença da violência intrafamiliar denota a fragilidade das relações e as vulnerabilidades da família, bem como a dificuldade de vinculação dos seus membros do contexto familiar com baixa coesão entre eles e estrutura hierárquica com centralização de poder parental (DE ANTONI, BARONE & KOLLER, 2007).

A violência intrafamiliar não é uma problemática atual visto que além de atravessar várias gerações, atinge, de diversas formas, as diferentes classes sociais, culturas e etnias. Segundo Magalhães et al, (2017, p. 2) “choca-nos o fato de que os principais agressores são, justamente, pessoas que deveriam zelar por sua proteção e deixá-los a salvo de ações desumanas e violentas”. No entanto, devido a sua magnitude, a violência atinge de forma significativa a vida dos indivíduos, como demonstrado na fala de P3:

[...] me deu um soco, um soco de mão fechada no meu olho que eu caí e desmaiei na cama. Última vez que apanhei foi com dezessete anos [...] Foi das piores que eu tive, que eu nunca tinha levado um soco na cara do meu próprio pai (P3) [emociona-se – choro intenso - ao relatar a violência física sofrida pelo pai] (Diário de Campo, 27 de abril de 2017).

Nesta perspectiva, a violência intrafamiliar carrega em suas origens processos multicausais e dinâmicos na medida em que as relações ocorridas no microsistema familiar se dá de maneira desigual de poder e autoridade entre os seus membros e expõe adolescentes e jovens à experiências que podem deixar marcas tanto visíveis quanto invisíveis no desenvolvimento da pessoa, marcas estas que, muitas vezes, são ignoradas por serem consideradas superáveis na medida em que o sujeito cresce e se desenvolve. Além de que, este microsistema é fortemente afetado pela grande violência que também caracteriza o macrocontexto de desenvolvimento destes jovens.

Corroborando o estudo de revisão sistemática de literatura apresentado nesta dissertação, bem como de outras pesquisas, a violência física é um dos tipos de violência que aparece com maior ocorrência na trajetória de vida dos adolescentes e jovens (GARBIN et al.,

2012; SOUZA, LAUDA & KOLLER, 2014), sendo a figura materna a principal agressora ASSIS & DESLANDES, 2008; ROCHA & MORAES, 2011; MAIA, 2013), conforme demonstrado nos seguintes excertos:

[...] A mamãe falou, ela falou que eu ia apanhar, que tinha horário pra voltar, pra mim comer, aí ela me bateu (P1).

[...] ela chegou, me bateu, primeira vez que ela me bateu (P2).

[...] meu pai me batia muito, ficava de castigo (P3).

Acho que desde pequeno eu apanho, desde os três, quatro anos. Aí foi até uns doze, treze (P4).

[...] a mamãe só quando eu aprontava aí ela me batia (P5).

É importante compreender a dinâmica que leva a mãe a se configurar como a principal perpetradora da violência física contra adolescentes e jovens no contexto familiar, visto que a figura materna possui maior tempo de permanência e grau de proximidade com os filhos (ROCHA & MORAES, 2011). Cabe ressaltar ainda que as famílias monoparentais são chefiadas, principalmente, pelas mães.

A violência intrafamiliar é um fenômeno complexo e multicausal de difícil entendimento devido às inúmeras controvérsias problematizadas, sendo considerada uma prática abusiva que transgride os direitos dos sujeitos, sobretudo de crianças e adolescentes (MARTINS et al., 2007), estando relacionada ao macrosistema na medida em que a violência é justificada como uma prática cultural, entretanto tal prática pode acabar influenciando o desenvolvimento do sujeito.

Segundo Abranches, Assis e Pires (2013), a violência psicológica é uma das formas de maus tratos contra crianças e adolescentes, sendo esta de difícil detecção por não deixar marcas visíveis nos corpos das vítimas, no entanto, não deixa de causar lesões no desenvolvimento dos submetidos a este tipo de violência. Segundo os autores, a violência psicológica ocorre quando os adultos demonstram falta de interesse, induzem culpa, ignoram sentimentos, fazem excessivas críticas, humilham crianças e adolescentes. Neste sentido, os dados revelam, a mãe e a madrasta como as agressoras da violência psicológica, conforme os excertos da entrevista de P5:

[...] a mamãe tipo assim, falava assim, que às vezes que ela não era mais nossa mãe [...] a mulher dele que chamava a gente de um monte de coisa [referindo-se à exposição à violência psicológica] (Diário de campo, 30/03/2017).

[...] eu me via uma pessoa muito humilhada, era muito humilhada.

Ainda nesta perspectiva, a madrastra aparece como uma das principais agressoras da violência psicológica, corroborando assim a literatura (MAIA, 2013; ABRANCHES, ASSIS & PIRES, 2013), conforme os relatos de P5:

[...] eu não comia por causa da cebola e ela me deixava com fome. Mas quando chegava o papai, ela falava que eu não tinha comido, aí o papai queria me bater, aí era tipo isso. Ele aceitava mais as coisas que ele falava pra ele e ele não ouvia o nosso lado (P5).

Tipo ela chegava, maltratava nós, fazia nós, tipo assim, coisas absurdas para a nossa idade, a gente não conseguia, mas a gente tinha que fazer porque era uma obrigação, era uma obrigação ela tinha que falar pro papai e o papai queria bater em nós (P5).

É importante considerar que um tipo de violência pode, frequentemente, vir acompanhado de outro, como por exemplo a violência física e a violência psicológica, como exemplificado no excerto da adolescente:

[...]a mamãe fala, fala, fala, mas quando a gente passa do limite, que ela tá no limite dela, ela parte pra agressão. Ela conversa, conversa, chama uma, duas, três vezes, se a gente não escutar ela parte pra agressão. Aí o papai não, o papai já é direto, não teve conversa (P5).

A associação de violências é considerada frequente, uma vez que um tipo de violência, geralmente vem acompanhado de outro, onde a emocional ou psicológica e a física são as mais prevalentes, dado que coincide com o de Garbin, Queiroz e Saliba (2012).

Os pais e/ou responsáveis que utilizam a violência contra crianças e adolescentes, seja ela física e/ou psicológica como uma estratégia de disciplina, configura-se como uma prática educativa parental. Estas práticas são definidas como medidas usadas pelos pais como um meio de atingir determinados fins específicos e em diferentes contextos sejam eles acadêmico, social ou afetivo, onde as punições e recompensas exemplificam tais práticas.

As agressões ocorridas no ambiente familiar são pouco valorizadas, naturalizadas e muitas vezes banalizadas, isso está atrelado às questões culturais e históricas do Brasil (MOURA et al., 2014). No entanto, o rompimento da violência intrafamiliar é essencial para

impedir que a violência se reproduza por meio de gerações (ABRANCHES, ASSIS & PIRES, 2013).

Neste sentido, no estudo de Santos, Marín e Castoldi (2013), os resultados apontaram que houve reprodução intergeracional da violência na família entre os pais, bem como nas relações das mães com os filhos, as quais reproduziram a violência com os mesmos, sendo estes tanto expectadores quanto vítimas da violência.

A exposição à violência intrafamiliar não pode ser negligenciada, visto que denota uma relação de poder dos pais e/ou responsáveis sobre os filhos, culminando na perpetração da violência. Embora o caminho para a desconstrução dessa prática tão arraigada culturalmente seja longo e tortuoso, é necessário que esta temática esteja cada vez mais em discussão de modo que dê visibilidade a todos os fatores de riscos que a violência intrafamiliar pode acarretar no desenvolvimento dos sujeitos.

Percepções sobre a violência intrafamiliar

A experiência de ser exposto à violência intrafamiliar através de abusos físicos é recorrente entre os estudantes, sendo estes vítimas, sobretudo dos pais, evidenciando que a prática de bater e apanhar ainda é uma forma frequentemente utilizada para a resolução de conflitos familiares ou como uma maneira de corrigir e educar.

De acordo com os dados, os adolescentes e jovens, muitas vezes justificam os abusos físicos sofridos, seja como merecimento ou como naturalização da violência, como demonstram os excertos abaixo:

[...] aprontava muito, brigava assim com os outro na rua, aí apanhava dentro de casa, quando aprontava na rua, apanhava, aí pronto (P3)

Aí depois que a gente vai pegando consciência, a gente vai entendendo que a gente tá errado, que a gente merece mesmo (P4) [referindo-se aos momentos em que apanhava] (Diário de campo, 27 de março).

Ah, eu errei eu merecia e pronto (P5).

Os dados estão em consonância com a literatura, na medida em que os estudantes acabam justificando, na maioria das vezes, as agressões sofridas pelos pais como uma forma de merecimento. Nesta perspectiva, no estudo de Assis e Deslandes (2008), os resultados

indicaram que os adolescentes “chegam a dizer que merecem apanhar, que não sentem dor quando são batidos, que os pais têm o direito de bater e que a criança tem que apanhar por fazer coisa errada” (ASSIS & DESLANDES, 2008, p. 51). As autoras apontam que esta conformidade acaba reafirmando a aceitação social da violência com finalidade educativa e, com isso, podem contribuir para a manutenção do ciclo da violência.

A violência física é considerada a forma mais visível de identificar a violência intrafamiliar, tendo em vista que as probabilidades de deixar lesões corporais são maiores, podendo resultar em apoio médico-social em decorrência do seu impacto psicológico (SACROISKY, 2003).

Embora a naturalização da violência intrafamiliar apareça bem marcada nos discursos dos estudantes, a exposição a esta violência é percebida também como algo negativo, principalmente devido ser praticada pelas pessoas com estreito laços afetivos e que deveriam ser sua maior rede de apoio e proteção, como demonstra a fala de P5:

[...]Não sei, é um momento tipo assim triste, é um momento triste que a gente fica. Até aquela dor da porrada, do machucado às vezes não foi tão ruim, mas pela decepção, decepção (P5).

Ficava assim com remorso, quando ficava passando na minha mente, ficava lembrando às vezes (P3).

Apesar das legislações vigentes (ECA,1990; Lei 13.010 – Lei da Palmada), os atos violentos, sobretudo contra crianças e adolescentes, ainda são uma prática recorrente dentro contexto das famílias, sendo utilizados como uma prática educativa de cunho punitivo, principalmente . No entanto, observa-se que não é levado em consideração as marcas que esta violência pode acarretar no desenvolvimento dos sujeitos. Neste sentido, Cecconelo, De Antoni e Koller (2003) assinalam que o processo de conscientização acerca dos danos decorrentes da exposição à violência física é lento.

As narrativas revelam que houve uma certa dificuldade em levar em consideração as violências que ocorrem neste contexto, haja vista que, num primeiro momento, os adolescentes e jovens só conceberam como violência, aquela que ocorre na rua, especialmente no que diz respeito ao assalto e ao assassinato, sendo considerados, portanto os casos mais graves de violência. Esta visão parcial pode estar relacionada ao bairro que os mesmos residem, sendo este na periferia de Belém e que está marcado, desveladamente, pelo tráfico de drogas, pela violência comunitária e, cada vez mais pela presença de milícias.

Com base nisso, pode-se perceber que há a necessidade de promover diálogos no contexto educacional para que os estudantes possam compreender que violência é algo muito mais amplo e complexo. E, no caso da violência intrafamiliar, as causas da violência perpetradas contra as crianças, adolescentes e jovens são diversas, pois variam desde as condições socioeconômicas dos pais, da cultura em que estão imersos, até a baixa escolaridade, sendo caracterizadas como multifatoriais e devem ser compreendidas ecologicamente, como resultantes da interação de fatores sociais, familiares e pessoais (CECCONELO et al., 2003; GARBARINO & ECKENRODE, 1997; PELCOVITZ et al., 2000; SEPTIMUS-BERGER, 1999).

Implicações da exposição à violência intrafamiliar nas trajetórias de desenvolvimento

Ao serem questionados se a violência intrafamiliar sofrida influenciou de alguma forma a vida dos adolescentes e jovens, os participantes que responderam afirmativamente e levaram em consideração a adequação do comportamento, principalmente, como um modo a prevenir a violência sofrida, como demonstram as falas dos participantes:

A mamãe já brigou comigo por causa de estudo, ameaçou apanhar por causa de estudo, aí mudei o comportamento, aí voltou tudo ao normal (P1).

Depende do ponto, do palavrão, sim, porque, é, depois percebi que é feio chamar palavrão, uma criança [...] oito anos que eu tinha, então ficava feio chegar num local e chamar palavrão, as pessoas olhavam com cara feia, aí pensa “desobediente, daquele tamanho (P2)”.

No estudo de Moura et al, (2014), cujo objetivo consistiu em investigar as implicações da violência na infância e adolescência, os resultados indicaram:

[...] agravos à saúde física, evidenciada por lesões que vão desde escoriações leves, hematomas, lacerações, queimaduras, até acometimentos graves como as fraturas em várias áreas do corpo, inclusive na cabeça, e comprometimento neurológico, além da necessidade de longos períodos de internação decorrente dessas lesões. Ficaram evidentes também os agravos de ordem psicológica percebidos pelo desencadeamento de distúrbios de ansiedade, medo, comportamento agressivo, retraído, antissocial ou depressivo, problemas de atenção e dificuldade de relacionamento (p. 513).

Embora os participantes da pesquisa não consigam identificar as diversas formas que a violência pode implicar no seu desenvolvimento e isso pode ocorrer devido a sua naturalização

ou mesmo falta de conhecimento acerca da temática, a violência intrafamiliar se configura como um fator de risco e deve, portanto, ser prevenida e combatida para que a família de fato exerça seu papel de protetora e com isso, garanta o desenvolvimento dos adolescentes e jovens.

Levando em consideração a exposição dos adolescentes e jovens à violência intrafamiliar, as implicações desta nas suas trajetórias de vida aparece evidenciada na forma como eles projetam suas relações familiares, mais especificamente a forma de cuidado com seus filhos, sendo esta, pautada, essencialmente, por meio do diálogo e da não utilização da violência como uma forma de educação, conforme os excertos:

Assim, dar uma vida boa, não bater (choro intenso) (P3).

[...] por eles eu faria de tudo, mas o que eu passei na minha infância, na minha adolescência eu jamais iria fazer com eles (P5) [adolescente referindo-se que não faria com os filhos dela o que passou na sua família] (Diário de campo, 30/03/2017).

De acordo com os dados, a exposição à violência intrafamiliar implicou também na forma como os estudantes passam a perceber e considerar os membros familiares que se configuraram como agressores, onde a percepção sobre a família acaba se modificando em função da violência sofrida. Neste sentido, as marcas desta violência revelaram sentimentos ambíguos em relação ao agressor, como representado no seguinte trecho:

[...] tem hora que eu gosto dele, tem hora que eu odeio ele (P3) [referindo-se ao pai, ao recordar as lembranças da violência sofrida por ele. Cabe sublinhar que ao longo da entrevista com esta jovem, os relatos foram marcados por vários momentos de emoção, choro intenso, reflexão, pausa. Ora a estudante estava disposta a relatar acerca da sua vida, ora dizia que não queria mais falar, esta última ocorria sempre ao descrever as violências perpetradas pelo pai, figura que lhe remete a lembranças negativas]. (Diário de campo, 30/03/2017).

Os dados indicam que a violência intrafamiliar aparece como um potencial fator de risco ao desenvolvimento dos adolescentes e jovens. No entanto, a maioria dos participantes não percebe como risco, uma vez que os mesmos naturalizam e se acham merecedores desta violência, o que acaba influenciando no modo como os mesmos percebem a família e as suas relações familiares.

A violência intrafamiliar é uma realidade que cada vez mais se mostra presente, o que aponta a necessidade de maior compreensão da complexidade do fenômeno. Desse modo, considerando que a violência é resultado de uma complexa interação entre fatores que são culturais, sociais, ambientais, individuais e relacionais (Krug et al., 2002), o desafio que se

apresenta é encontrar formas de enfrentamento e prevenção às relações abusivas que ocorrem no contexto familiar de modo a romper com o ciclo da violência intrafamiliar impedindo que esta se perpetue nas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior com adolescentes e jovens do município de Belém, possuindo, portanto, grande relevância para a literatura acadêmica e para a sociedade, tendo em vista que por meio da caracterização biosociodemográfica dos mesmos, bem como através das diversas variáveis relacionadas à violência, possibilita-se conhecer um pouco do universo que rodeia a adolescência e a juventude e algumas situações vivenciadas e experienciadas nestas fases. Permite ainda, a partir desse universo, conhecer os diversos conceitos e construtos que fazem parte destes grupos, promovendo, assim, uma reflexão sobre como vem se configurando a exposição dos adolescentes e jovens à violência.

Esta dissertação investigou a exposição de adolescentes e jovens à violência no contexto familiar, identificando suas percepções sobre esta violência, sobre os fatores de risco e proteção, bem como as suas implicações nas trajetórias de desenvolvimento de estudantes de escolas públicas do município de Belém.

Para responder aos objetivos propostos, foi realizado um estudo de Revisão Sistemática de Literatura acerca da violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens, bem como uma pesquisa utilizando a abordagem qualitativa, com delineamento transversal e retrospectivo com cinco adolescentes e jovens na faixa etária de 16 a 19 anos de idade, estudantes de ambos os sexos de escolas públicas do município de Belém, Pará.

O primeiro identificou que as pesquisas investigam, principalmente, a violência intrafamiliar contra adolescentes, em contrapartida são escassos os estudos que se debruçam a pesquisar os adolescentes e jovens, mais escassos ainda são os estudos somente com jovens expostos a este fenômeno. Além disso, identificou-se que os tipos de violência mais frequentes são a violência sexual, física e psicológica, respectivamente, correlacionando-as com os fatores de risco e proteção. A partir do estudo, foi possível constatar ainda que, embora a negligência seja o tipo de violência mais notificado nas rede de atendimento, nos resultados não constaram estudos acerca desta violência.

No que concerne ao estudo realizado com adolescentes e jovens, estudantes de escolas públicas de Belém, as entrevistas apontaram para as seguintes categorias temáticas: percepções sobre a família, risco e proteção nas relações familiares, percepções sobre a violência intrafamiliar e implicações da violência intrafamiliar nas trajetórias de desenvolvimento de adolescentes e jovens. Os resultados indicaram que todos os sujeitos foram expostos à violência física e/ou psicológica na infância e/ou na adolescência e juventude. E, apesar da exposição, os sujeitos têm percepção positiva sobre a família, sendo esta a principal rede de apoio para os

mesmos. No entanto, cabe frisar que esta percepção positiva está diretamente relacionada à frequência com que os mesmos foram expostos a esta violência, ou seja, quanto mais expostos, menos os adolescentes e jovens têm percepção positiva sobre a família.

Identificou-se ainda que a violência intrafamiliar é naturalizada e justificada pelos estudantes, evidenciando que os fatores macrossistêmicos influenciam nas relações familiares e, conseqüentemente, no modo como os sujeitos passam a perceber a violência, não conseguindo, muitas vezes, identificar-se como vítimas deste fenômeno. As narrativas demonstraram ainda que a violência intrafamiliar é utilizada pelos pais e/ou responsáveis como práticas educativas parentais, as quais atuariam como fatores de proteção na medida em que as utilizam como um meio de mudar o comportamento dos estudantes, sobretudo na perspectiva de educá-los e corrigi-los.

No transcorrer da entrevista com a participante 3, houve inquietação por parte da pesquisadora ao passo que a estudante demonstrava sentimentos de tristeza e decepção em relação ao pai, o principal agressor da violência física. Neste sentido, tal inquietação girava em torno de alguns questionamentos: *Será que o pai sabe o quanto a violência praticada por ele afetou o desenvolvimento da filha? Como ele agiria ao ouvir tais relatos, ao ver a tristeza estampada no rosto da filha ao lembrar da violência cometida por ele? Por quanto tempo ainda as marcas da violência acompanharão esta jovem?*

Tanto na sociedade quanto na família, são ignorados os diversos riscos que a violência intrafamiliar pode causar ao desenvolvimento das crianças, adolescentes e jovens, pois não se considera que tal exposição pode ter risco de curto, médio ou longo prazo, ao contrário, considera-se que a violência é superada na medida em que a pessoa cresce e se desenvolve. Desse modo, é necessário que se proponham cada vez mais reflexões acerca da violência intrafamiliar, buscando com isso desnaturalizá-la e apontando os diversos riscos que a sua exposição pode acarretar no desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens, bem como nos demais familiares envolvidos, visto que estes fazem parte do microsistema da família e este contexto é um dos que operam os processos proximais, os quais são promotores de desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996).

A pesquisa identificou que os adolescentes e jovens foram expostos à violência intrafamiliar tanto na fase da infância e/ou adolescência/juventude, fases estas nas quais os sujeitos estão em potencial desenvolvimento, configurando-se como um fator de risco aos mesmos. Estes resultados podem contribuir para a fomentação de políticas públicas voltadas para esse público de maneira a prestar não só o apoio físico, social e psicológico às vítimas de

violência, bem como possibilitar o debate acerca deste fenômeno às escolas, visto que é um dos espaços que os adolescentes e jovens interagem. Ademais, é importante conscientizar a população dos riscos que os abusos sofridos podem implicar no desenvolvimento dos mesmos, possibilitando com isso que os fatores de proteção familiar sejam maximizados e, conseqüentemente, elevada a rede de apoio de tais sujeitos.

A pesquisa teve relevante contribuição pessoal, pois possibilitou dimensionar a violência dentro do contexto familiar e, principalmente, verificar qual a percepção dos adolescentes e jovens sobre a violência intrafamiliar e quais são as implicações desta nas suas trajetórias de desenvolvimento, identificando os riscos na vida dos mesmos. Além disso, contribuiu para corroborar a literatura, na medida em que a prática da violência intrafamiliar atinge de forma significativa os contextos familiares, com mais frequência na infância e na adolescência, mas também na juventude.

Em termos objetivos, esta pesquisa oferece importantes reflexões no campo da violência intrafamiliar, uma vez que demonstra que a forma como as relações familiares são construídas ainda são significativamente marcadas pela violência, principalmente na infância e adolescência, fases estas nas quais os sujeitos precisam de relações com equilíbrio de poder e coesão familiar para que os processos proximais sejam operados positivamente. Ademais, por terem sido submetidos à violência intrafamiliar, os participantes demonstraram que suas projeções familiares serão baseadas no diálogo e não na violência, deixando evidente a vontade de romper com o ciclo da violência no contexto familiar, no entanto não significa que eles romperão de fato tal ciclo.

Por fim, observou-se que houve limitação no estudo de Revisão Sistemática de Literatura, uma vez que em decorrência da delimitação de artigos no idioma português, acabou resultando em um pequeno alcance de publicações acerca da temática de investigação.

Esta pesquisa compromete-se com as escolas participantes em dar o retorno do estudo, aos estudantes, bem como aos pais, por meio da apresentação dos resultados, de modo a promover a discussão, de forma coletiva, acerca da violência no contexto familiar, e com isso provocá-los à reflexão sobre esta problemática e as formas de combatê-la, para que o desenvolvimento de tais sujeitos se dê de forma positiva.

Reitera-se a importância de estudos com adolescentes e jovens de forma contextualizada e com enfoque no desenvolvimento humano, de modo que sejam evidenciadas as relações que se estabelecem ao longo de suas trajetórias desenvolvimentais, possibilitando com isso

identificar os fatores de risco aos quais os sujeitos experienciam nos contextos nos quais eles interagem.

Ademais, é importante que novas pesquisas dentro do contexto de violência intrafamiliar e suas diversas correlações sejam realizadas com o intuito de alcançar políticas públicas e conscientizar a sociedade como um todo de que a violência interfere de forma significativa no desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens. Logo, sugere-se estudos de intervenção, através de oficinas e palestras nas escolas com as famílias sobre as implicações das práticas educativas parentais no desenvolvimento de adolescente e jovens, para que sejam avaliadas e verificadas estas implicações nas trajetórias desenvolvimentais de tais sujeitos.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W., LÉON, D. O. **Juventude e adolescência: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas** / Miriam Abramovay *et al* ii. – Brasília, UNESCO, BID, 2002.

ABRANCHES, C. D.; ASSIS, S. G.; AVANCI, T. O. **Violência psicológica e contexto familiar de adolescentes usuários de serviços ambulatoriais em um hospital pediátrico público terciário**. *Ciência & Saúde Coletiva*:18(10), p. 2995-3006, 2013.

ABRAPIA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO A INFÂNCIA E À ADOLESCÊNCIA. Maus tratos contra crianças e adolescentes. Proteção e prevenção: **Guia de Orientação para educadores**. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, ABRAPIA, 1997.

ANDRADE, E. M.; NAKAMURA, E.; PAULA, C. S.; NASCIMENTO, R.; BORDIN, I.; & MARTIN, D. **A visão dos profissionais de saúde em relação à violência doméstica contra crianças e adolescentes: um estudo qualitativo**. *Saúde Soc. São Paulo*, v.20, n.1, p.147-155, 2011.

ARAÚJO, Carla. As marcas da violência na constituição da identidade de jovens da periferia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.27, n.1, p.141-160, jan./jun. 2001.

ASSIS, S.; DESLANDES, S. **Abuso físico em diferentes contextos de socialização infanto-juvenil**. In: *Violência faz mal à saúde* / [Cláudia Araújo de Lima (Coord.) *et al.* – Brasília: Ministério da Saúde, 2006, p. 47-57, 2008.

ASSIS, S. G. & MARRIEL, N. S. M. **Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola**. IN: *Impactos da violência na escola*, ASSIS, SG., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., (orgs). Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010.

ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. (Org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação: Fiocruz, 2010.

AZEVEDO, R. S. **Sobrecarga do cuidador informal da pessoa idosa frágil: Uma revisão sistemática**. UFMG. 2010.

AZEVEDO M. A. & GUERRA V. N. A. **Vitimação e vitimização: questões conceituais**, pp. 25-47. In MA Azevedo & VNA Guerra (orgs). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. Iglu, São Paulo, 1989.

_____. **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. 4.ed. São Paulo: Cortez, (2005).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L. C.; & AVANCI, J. Q. **Coocorrência de violência física e psicológica entre namorados do Recife, Brasil:** prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1):233-243, 2011.

BARROS, A., BASTOS, O. M.; PONTE, M. V. S.; & DESLANDES, S. F. **A violência intrafamiliar e o adolescente que vive com HIV/Aids por transmissão vertical:** Análise dos fatores de proteção e de vulnerabilidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18 (5):1493-1500, 2013.

BARROS, N. V. **Políticas e Práticas de Proteção Social para o enfrentamento da violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente.** Social em Debate 03. Rev. do Departamento de Serviço Social. PUC-Rio, 2006.

BERGER, S.K. Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review*, 27,90 -126, 2007.

BIRUEL, E., & PINTO, R. **Biblioteca:** Um profissional a serviço da pesquisa. In Anais, artigo publicado em XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, Maceió, 2011.

BITTAR, D. B.; NAKANO, A. M. S.; SILVA, M. A. I, & ROQUE. **Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes na percepção de mães agressoras.** Rev. Eletr. Enf. [Internet]. oct/dec;14(4):771-8, 2012.

BOTELHO, A. P.; MORAES, M. C. M. B.; LEITE, L. C. **Violências e riscos psicossociais:** narrativas de adolescentes abrigados em unidades de acolhimento do Rio de Janeiro, Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, 20(1):7-16, 2015.

BRAGA, Luisa; DELL'AGLIO, Débora. Exposição à violência em adolescentes de diferentes contextos: família e instituições. *Estudos de Psicologia*, 17(3), setembro-dezembro/413-420, 2012.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei Federal nº 8069**, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial.

_____. Ministério da Saúde. **Violência Intrafamiliar:** Orientações para a prática em serviço. Cadernos da Atenção Básica, nº 8, Brasília, 2002.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. **Violência faz mal à saúde.** 1 edição. Brasília, DF, 2006.

_____. **Serviço de Proteção Social a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência, Abuso e Exploração Sexual e suas Famílias:** referências para a atuação do psicólogo / Conselho Federal de Psicologia. - Brasília: CFP, 2009.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.** Mapa CEPs. Abril de 2012.

_____. Presidência da República. Casa Civil. **Lei n. 13.010, de 26 de junho de 2014.** Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2014.

_____. Atlas da violência 2016. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Brasília, 2016.

BRANCALHONE, P.G.; FOGO, J.C.; WILLIAMS, L.C.A. **Crianças expostas à violência conjugal: avaliação do desempenho acadêmico**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, **20**:113-117, 2004.

BRASIL, K. T.; ALVES, P. B.; AMPARO, D. M.; FAJORGE, K. C. **Fatores de risco na adolescência**: Discutindo dados do DF. Paidéia, 6(35), 377-384, 2006.

BRITO, A. M. M.; ZANETTA, D. M. T.; MENDONÇA, R. C. V.; BARISON, S. Z. P.; ANDRADE, V. A. G. **Violência doméstica contra crianças e adolescentes**: estudo de um programa de intervenção. Ciência & Saúde Coletiva, 10(1):143-149, 2005.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos/Urie Bronfenbrenner; tradução: André de Carvalho-Barreto; revisão técnica: Sílvia H. Koller. – Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), **Handbook of child psychology: theoretical models of human development** (Vol.1, pp.993-1027). New York: John Wiley & Sons, 1998.

CAMARANO, A. A. KANSO, S.; & FERNANDES, D. Envelhecimento populacional, perda de capacidade laborativa e políticas públicas brasileiras entre 1992 e 2011. Texto de discussão (IPEA, Brasília), v. 1, p. 1-30, 2013.

CANTINI, N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, Brasil, 2004.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; DAYRELL, Juarez. **Jovens no Brasil**: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. Texto apresentado na 25ª reunião da ANPED, anais 2002.

Castro A. A. Revisão sistemática e meta-análise [texto na Internet] [citado 2006 Mai 21] Disponível em: <http://www.metodologia.org/meta1.PDF>

CECCONELO, A. M.; DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. **Práticas Educativas, Estilos Parentais e Abuso Físico no Contexto Familiar**. Revista Psicologia em Estudo. Maringá-SP. V.08. Número Especial (p.45-54), 2003.

CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. **Perspectivas antropológicas da mulher**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 23-62, 1985.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. RJ: Vozes, 2010.

_____. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e sociais.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

COSTA, M. C. O.; CARVALHO, R. C.; SANTA BÁRBARA, J. F. R.; SANTOS, C. A. S. T.; GOMES, W. A. & SOUSA, H. L. **O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares:** vítimas, agressores e manifestações de violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(5): 1129-1141, 2007.

COSTA, Letícia Graziela. **A rede de apoio social de jovens em situação de vulnerabilidade social e o uso de drogas.** Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

COSTA, L. P. **Características biopsicológicas de autores de agressão sexual de crianças e/ou adolescentes em contexto intrafamiliar e extrafamiliar.** Dissertação apresentação ao Programa de Pós-Graduação do Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Universidade Federal do Pará, 2015.

CORDEIRO AM, OLIVEIRA GM, RENTERIA JM, GUIMARÃES CA, GERSRIO. **Revisão sistemática:** Uma revisão narrativa. *Rev Col Bras Cir.* [periódico na Internet] 2007; 34(6).

DAY, V.P.; TELLES, L.E. de B.; ZORATTO, P.H.; AZAMBUJA, M.R.F.de; MACHADO, D.A.; SILVEIRA, M.B.; DEBIAGGI, M.; REIS, M. da G.; CARDOSO, R.G.; BLANK, P. **Violência doméstica e suas diferentes manifestações.** *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(supl. 1):9- 21, 2003.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. *A juventude no Brasil.* Belo Horizonte, 2007. Disponível em http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/SESI%20JUVENTUDE%20NO%20BRASIL.pdf

DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. **A visão de família entre adolescentes que sofreram violência intrafamiliar.** *Estudos de Psicologia* Visões de adolescentes sobre família 2000, 5(2), 347-381.

_____. **O psicólogo ecológico no contexto institucional:** Uma experiência com meninas vítimas de violência. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(1), p. 14-29, 2001.

DE ANTONI, C; BARONE, L; KOLLER, S. Indicadores de risco e de proteção em famílias fisicamente abusivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa:** Brasília, Abril-Junho, Vol. 23 n. 2, pp. 125-132, 2007.

DE ANTONI, C; KOLLER, Koller, Silvia. **Uma família fisicamente violenta:** uma visão pela teoria bioecológica do desenvolvimento humano. *Temas em Psicologia*, Vol. 18, no 1, 17 – 30, 2010.

DE ANTONI, C.; HOPPE, M. W.; MEDEIROS ; F. & KOLLER, S. H. **Uma família em situação de risco:** Resiliência e vulnerabilidade. *Interfaces: Revista de Psicologia*, 1999, V. 2(1), 81-85.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; SIQUEIRA, Aline Cardoso. **Preditores de Satisfação de Vida de Jovens em Situação de Vulnerabilidade no Sul do Brasil**. *Psicodebate* (Buenos Aires), v. 10, p. 213-230, 2010.

DELL'AGLIO D.; SIQUEIRA, A.; OLIVEIRA, D.; LOPES, R. **Impacto das configurações familiares no desenvolvimento de crianças e adolescentes**: Uma revisão da produção científica. *Interação em Psicologia*, 2008, 12(1), p. 87-98.

DINIZ, E.; KOLLER, S. H. **O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico**. *Educar*, Curitiba, n. 36, p. 65-76. Editora UFPR, 2010.

DOTTA, Renata Maria; ALVES, Paola Biasoli; KOLLER, Silvia Helena; & BRITO, Raquel Cardoso. **Sexualidade, AIDS e Drogas**: um relato de intervenção com adolescentes. *Rev. Bras. Cresc. Des. Hum. S. Paulo*, 10(2), 2000.

DUTRA-THOMÉ, Luciana; SANTOS, Elder; KOLLER, Silvia. **Exploração Sexual e trabalho na adolescência**: um estudo de caso. *Univ. Psychol. Bogotá, Colombia* V. 10 No. 3 PP. 881-896 sep-dic, 2011.

ESPINOZA-GÓMEZ, F.; Zepeda-Pamplona, V.; Bautista-Hernández, V.; Hernández-Suárez, C. M.; Newton-Sánchez, O. A.; Plasencia-García, G. **Violencia doméstica y riesgo de conducta suicida em universitários adolescentes**. *Salud Pública de M/ vol. 52, no. 3*, mayo-junio de 2010.

FALEIROS, V. O. (org.) **Circuito e curto-circuitos**: atendimento, defesa e responsabilização do abuso sexual contra crianças e adolescentes no Distrito Federal. São Paulo: Veras, 2001.

FALCKE, D.; OLIVEIRA, D.Z. de; ROSA, L.W. da; BENTACUR, M. **Violência conjugal**: um fenômeno interacional. *Contextos Clínicos*, 2(2):81-90, 2009.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

FATORI DE SÁ, D. G.; CURTO, B. M.; BORDIN, I. A. S.; & PAULA, C. S. **Exposição à violência como risco para o surgimento ou a continuidade de comportamento antissocial em adolescentes da região metropolitana de São Paulo**. *Psicologia: Teoria e Prática* –, 11(1):179-188, 2009.

FERREIRA, L.; SOUZA, D.; CIUFFO, L.; DINIZ, S. **A enfermagem e a violência intrafamiliar**. *R. pesq.: cuid. fundam. online* 2010. out/dez. 2(Ed. Supl.):339-342.

FILMUS, D.; ABRAMOVAY, M.; VISCARDI, N.; NAVARRO, L.H.; MALUF, N.A.; FURLÁN, A.; CASTAÑEDA, B.E.; VALERA, C. **Violência na escola**: América Latina e Caribe. Brasília, Unesco, 480 p., 2009.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto 256 Machado e Eduardo Morais, Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999, 158 p.

FREUD, S. **O ego e o id. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, (1923).

GEHRING, T. M. **Family System Test (FAST)**. Göttingen: Hogrefe & Huber Publishers, 1993.

_____; MARTI, D. **The Family System Test: differences in perception of family structures between nonclinical and clinical children**. Journal of Child Psychology and Psychiatry, v. 4, n. 3, p. 363-377, 1993.

GOLDANI, A. M. **As famílias brasileiras: Mudanças e perspectivas**. Cadernos de Psicologia, p. 07-22, 1994.

GONÇALVES, H.; SANTOS, T. B.; ANTUNES, M., S.; VILLAÇA, M., L.; NERY, I., L.; & GOMES, R. F. **Problemas da juventude e seus enfrentamentos: Um estudo de Representações Sociais**. Psicologia & Sociedade, 20 (2): p. 217-225, 2008.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Paidéia, 12(24), 149-161, 2003.

HAGE, S. M. SILVA, L. I. & ARAÚJO. N. **O programa disque 100 e a rede de proteção aos direitos humanos na Região Norte: configuração, dificuldades e indicadores de dinamização**. IN.: Direitos de Crianças e Adolescentes na Amazônia: Referências para a formação de Conselheiros Tutelares e de Direitos e outros atores do Sistema de Garantia/ HAGE, S. M. SILVA, L. I. & ARAÚJO. N. (orgs.). 1ª ed., -Belém-Pará-2015.

HANBGZANG, L. F.; RAMOS, M. S.; KOLLER, S. H. **A revelação do abuso sexual e as medidas adotadas pela rede de apoio**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, Out-Dez, Vol. 27, n.4, pp. 467-473, 2011.

HOHENDORFF, J. V.; HANBGZANG, L. F.; RODRIGUES, R. S.; KOLLER, S. H. **Produção e utilização de um documentário sobre violência sexual contra meninos**. Psico. v. 43, n. 2, pp. 228-236, abr./jun. 2012.

JUNIOR, A. A.; CASSEP-BORGES, V. & SANTOS, J. G. **Caracterização da violência doméstica contra crianças e adolescentes e as estratégias interventivas em um município do Estado do Rio de Janeiro, Brasil**. Cad. Saúde Colet., Rio de Janeiro, 23 (2): 124-131, 2015.

JUSTINO, L. C. L.; NUNES, C. B.; GERK, A. M. S.; FONSECA, S. S. O.; RIBERIRO, A. A.; & FILHO, A. C. P. **Violência sexual contra adolescentes em Campo Grande, Mato Grosso do Sul**. Revista Gaúcha Enfermagem (esp):239-46, 2015.

KOLLER, S. H. **Violência Doméstica: Uma visão ecológica**. In: Amencar (Ed.). **Violência Doméstica** (pp. 32-42). Brasília: UNICEF, 2000.

KOLLER, S. H., & DE ANTONI, C. **Violência Intrafamiliar**: Uma visão ecológica. In S. H. Koller (Org.), **Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil** (pp. 293- 310). Porto Alegre, RS: Casa do Psicólogo, 2004.

LIMA, J. A.; ALBERTO, M. F. P. **As vivências maternas diante do abuso sexual intrafamiliar**. Estudos de Psicologia, 15(2), Maio - Agosto/p, 129-136, 2010.

LYRA, G. F. D.; CONSTANTINO, P. & FERREIRA, AL. L. Quando a violência familiar chega à escola. IN: Impactos da violência na escola: um diálogo com professores ASSIS, S. G., CONSTANTINO, P., and AVANCI, JQ., orgs [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. 260 p. ISBN 978-85-7541-330-2.

MAIA, J. M. D.; WILLIAMS, L. C. A. **Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil**: Uma revisão da área. Temas em Psicologia, Vol. 13, no 2, 91, 2005. MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. Estudos e Pesquisa em Psicologia, 1(4), p. 66-77, 2004.

MAIA, Rosely Cardoso. **Violência intrafamiliar**: identificando manifestações e formas de exposição na juventude paraense. Trabalho de Conclusão de Curso 2013 - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

MARTINS, C. S. **A compreensão de família sob a ótica de pais e filhos envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes**. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, 2005.

MARTINS, Mayra Costa; & PILLON, Sandra Cristina. **A relação entre a iniciação ao uso de drogas e o primeiro ato infracional entre os adolescentes em conflito com a lei**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24(5):1112-1120, mai, 2008.

MARTINS, C. S.; FERRIANI, M. G. C.; SILVA, M. A. I.; ZAHR, N. R.; ARONE, K. M. B.; ROQUE, E. M. S. T. **A dinâmica familiar na visão de pais e filhos envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes**. Rev Latino-am Enfermagem, setembro-outubro; 15(5), pp. 334-344, 2007.

MANTINS, E.; SZYMANSKI, H. **A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias**. Estudos e Pesquisa em Psicologia, 2004, 1(4), p. 66-77.

MINAYO; M. C.; SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo**: Oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde Pública. Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262 jul./set, 1993.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2012.

MINUCHIN, S. **Famílias**: Funcionamento e tratamento. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1982.

MOREIRA, Maria, I. C. & SOUSA, Sônia Margarida G. **Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes**: do espaço privado à cena pública. O social em questão – Ano XV - , nº 28, 2012.

MOURA, Gisely Josiara Ferreira. Identificando risco e proteção na relação entre os jovens e seu contexto escolar. Trabalho de Conclusão de Curso 2013 - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

MOURA, J. P.; ALMEIDA, J. L. S.; ARAÚJO, J. P.; MENEZES, R. M. P.; & CHAVES, A. L. P. Implicações da violência na infância e adolescência. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 12, n. 1, p. 513-524, jan./jul, 2014.

NARDI, Fernanda Ludke; JAHN, Guilherme Machado & DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Perfil de adolescentes em privação de liberdade:** eventos estressores, uso de drogas e expectativa de futuro. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 116-137, abr. 2014.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. **Famílias e Patriarcado:** da Prescrição Normativa à Subversão Criativa. Psicologia & Sociedade; 18 (1): 49-55; jan/abr. 2006.

NUNES, Eliane Lima Guerra & ANDRADE, Artur Guerra de. **Adolescentes em situação de rua: prostituição, drogas e HIV/AIDS em Santo André, Brasil.** Psicologia & Sociedade; 21 (1): 45-54, 2009.

OLIVEIRA, M. T.; LIMA, M. L. C.; BARROS, M. D. A.; PAZ, A. M.; BARBOSA, A. M. F. & LEITE, R. M. B. **Sub-registro da violência doméstica em adolescentes:** (in)visibilidade na demanda ambulatorial de um serviço de saúde no Recife, PE, Brasil. Rev. Bras. Saúde Matern. Infant., Recife, 11 (1): 29-39 jan. / mar., 2011.

OLIVEIRA, Q., ASSIS, S., NJAINE, K., & PIRES, T. **Namoro na adolescência no Brasil:** Circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. Ciência & Saúde Coletiva, 19(3), 707-718, 2014.

OSÓRIO, L. C.. **Casais e famílias:** Uma visão contemporânea. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

PALUDO, S. S; KOLLER, S. H. **Toda criança tem família:** criança em situação de rua também. Psicologia & Sociedade; 20 (1): 42-52, 2008.

PALUDO, S. S. & SCHIRÒ, E. D. B. **Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos.** Estudos de Psicologia, 17(3), setembro-dezembro/p. 397-404, 2012.

PASCAL, Diana. **Atitude dos parceiros sobre o fenômeno da violência doméstica, dependendo da duração do relacionamento do casal.** Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Autônoma de Lisboa, 2013.

PATIAS, N. D.; SIQUEIRA, A. C.; & DIAS, A. C. G. **Bater não educa ninguém!** Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 38, n. 04, p. 981-996, out./dez, 2012.

PELISOLI, Cátula; TEODORO, Maycoln Leôni Martins & DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **A percepção de família em vítimas de abuso sexual intrafamiliar:** um estudo de caso. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 59, n. 2, 2007.

PERALVA, Angelina Teixeira. Juventude, tempo e movimentos sociais. In. Melucci, Alberto. Revista Young. Estocolmo: v. 4, nº 2, p. 3-14, 1997.

PEREIRA, A. L., & BACHION, M. M. **Atualidades em revisão sistemática de literatura, critérios de força e grau de recomendação de evidência.** Rev. Gaúcha Enferm. Porto Alegre (RS) 2006 dez; 27(4):491-8, 2006.

PESCE, R.P.; ASSIS, S.G.; SANTOS, N; OLIVEIRA, R.V.C. **Risco e proteção:** Em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. Psicologia Teoria e Pesquisa. v. 20, n. 2, p. 135-143, 2004.

PIMENTEL, A. S. G., ARAUJO, L. S. **Hermenêutica gestáltica de uma violência sexual intrafamiliar.** Psicologia em Estudo, Maringá , v. 14, n. 4, Dez. 2009.

PINA MFRP. **Potencialidades dos Sistemas de Informações Geográficas na Área da Saúde.** In: NAJAR AL & MARQUES EC. Saúde e Espaço: Estudos metodológicos e técnicas de análise. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998.

PIRES FILHO, Moacyr Ferreira. **Violência Intrafamiliar:** A compreensão de psicólogos que atendem em instituições. Crianças do sexo masculino, vítimas do abuso sexual. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria acadêmica. Curso de mestrado em Psicologia Clínica, 2007.

POLETTTO, Michele; KOLLER, Silvia. **Contextos Ecológicos:** promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. Estudos de Psicologia, Campinas, 25(3), p. 405-416, julho – setembro, 2008.

PUREZA, J. R.. KUHN, C. H. C., CASTRO, E. K & LISBOA, C. S. M. **Psicologia positiva no Brasil:** uma revisão sistemática da literatura. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas 8(2). pp. 109-117, 2012.

RAMOS, M.; SILVA, S; & PONTES, F. **Panorama das pesquisas sobre crenças coletivas de eficácia docente.** Revista Psicologia, Vol. 29 (2), 33-46, 2015.

REICHENHEIM, M.E.; DIAS, A.S.; MORAES, C.L. **Co-ocorrência de violência física conjugal e contra filhos em serviços de saúde.** Revista Saúde Pública, 40:595-603, 2006.

REPPOLD, C. T., PACHECO, J., BARDAGI, M., & HUTZ, C. **Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais.** In: C. S., Hutz, (Org.), Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção (pp. 7-51). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002

RISTUM, M. **A violência doméstica contra crianças e as implicações da escola.** Temas em Psicologia, 18 (1), 237-247, 2010.

ROCHA, Claudia; MORAES, Pedro. **Violência familiar contra a criança e perspectivas de intervenção do Programa Saúde da Família:** a experiência do PMF/Niterói (RJ, Brasil). Ciência e saúde Coletiva 16 (7): 3285-3296, 2011.

ROQUE, E. M. S. T.; FERRIANI, M. G. C. & SILVA, M. A. I. **A violência intrafamiliar e a justiça**. Revista latino-Americana de Enfermagem, setembro-outubro, 16(5), 2008.

SACROISKY, G. **Maltrato físico: um problema de salud que nos involucra**. Archivos Argentinos de Pediatría, 101(1), 64-72, 2003.

SAFFIOTI, H. I. B. No fio da navalha: **Violência Contra Crianças e Adolescentes no Brasil**. In: MADEIRA, F. R. Quem Mandou Nascer Mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 139 – 202, 1997.

SANCHES, R. N.; & MINAYO, M. C. S. **Violência contra crianças e adolescentes: questão histórica, social e de saúde**. In: Violência faz mal à saúde / [Cláudia Araújo de Lima (Coord.) et al. Ministério da Saúde (Série B. Textos Básicos de Saúde). Brasília, p. 29-38, 2006.

SANTOS, L.V.; COSTA, L.F. **Avaliação da dinâmica conjugal violenta e sua repercussão sobre os filhos**. Psicologia: Teoria e Prática, 6:57-72, 2004.

SANTOS, C. M. C.; PIMENTA, C. A. M.; & NOBRE, M. R. C. **A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências**. Rev Latino-Am Enferm. Mai/Jun;15(3):508-11, 2007.

SANTOS, Adriana Ribeiro; MARÍN, Angela Helena & CASTOLDI, Luciana. **Percepção de mães e adolescentes sobre a violência intrafamiliar por meio da construção de genograma**. Contextos Clínicos, 6(2):174-184, julho-dezembro, 2013.

SARTI, Cynthia Andersen. **O valor da família para os pobres**. In I. Ribeiro & A. C. Ribeiro (Eds.), Inovações culturais na sociedade Famílias em processos contemporâneos brasileira, (pp.131-150) São Paulo, SP: Loyola, 1995.

SCHENKER, Miriam; & MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência**. Ciência & Saúde Coletiva, 10(3): 707-717, 2005.

SENNA, S. R. & DESSEN, M. A. **Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 28(1), 101- 108, 2012.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, L. I. C. **Entre risco e proteção: o ser jovem em Belém do Pará**. Relatório final de pesquisa. ICED/UFPA, 2013.

SILVA, M. C. **As relações geracionais no contexto familiar e social: revisitando o debate**. 18º REDOR. Perspectivas feministas de gênero: Desafios no campo da militância e das práticas. Recife, 2014.

SIMKIN, D. R. **Adolescent substance use disorders and comorbidity**. Pediatr Clin N Am 49, (49): 463-77, 2002.

SIQUEIRA, Aline Cardoso. **Instituições de abrigo, família e rede de apoio social e afetivo em transição ecológica na adolescência**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SOUSA, E. L. A. & GOLDMEIER, P. **Juventude em tempos de violência**. Revista Mal-estar e Subjetividade, v.8, nº4, p.991-1020, 2008.

SOUZA, A. P. L.; POLETTO, M.; & KOLLER, S. **Direitos Humanos, prevenção à violência contra crianças e adolescentes e mediação de conflitos: manual de capacitação para educadores**. Editora IDEOGRAF, Porto Alegre: 2013.

SOUZA, C. S., COSTA, M. C. O., ASSIS, S. G., MUSSE, J. O., SOBRINHO, C. N., & AMARAL, M. T. R. **Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes/VIVA e a notificação da violência infanto-juvenil, no Sistema Único de Saúde/SUS de Feira de Santana-Bahia, Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, 19(3):773-784, 2014.

SOUZA, Edinilza; JORGE, Maria. H. **Impacto da violência na infância e adolescência brasileiras: magnitude da morbimortalidade**. In: Violência faz mal à saúde / [Cláudia Araújo de Lima (Coord.) et al. **Ministério da Saúde** (Série B. Textos Básicos de Saúde). Brasília, p. 23-28, 2006.

SOUZA, A. P. L.; LAUDA, B. V. M.; & KOLLER. **Opiniões e vivências de adolescentes acerca dos direitos ao respeito e privacidade e à proteção contra a violência física no âmbito familiar**. Psicologia & Sociedade, 26(2), 397-409, 2014.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação da família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Líber livro, 2011.

TEIXEIRA-FILHO, F. S., RONDINI, C. A., SILVA, J. M., & ARAÚJO, M. V. **Tipos e consequência da violência sexual sofrida por estudantes do interior paulista na infância e/ou adolescência**. Psicologia & Sociedade; 25(1): 90-102, 2013.

TONDOWSKI, C. S.; FEIJÓ, M. R.; SILVA, E. A.; GEBARA, C. F. P.; SANCHEZ, Z. M.; NOTO, A. R. **Padrões intergeracionais de violência familiar associada ao abuso de bebidas alcoólicas: um estudo baseado em genogramas**. Psicologia Reflexão e Crítica, 27(4), 806-814, 2014.

TRABBOLD, V. L. M. **Práticas discursivas e violência sexual infanto-juvenil**. Motricidade, v. 8, n S2, pp.901-908, 2012.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2010: Anatomia dos homicídios no Brasil**. /Julio Jacobo Waiselfisz. -- São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2010.

_____. **Mapa da violência 2015: Homicídios de mulheres no Brasil**/Julio Jacobo Waiselfisz. -- São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2015.

_____. **Mapa da violência 2015: Mortes matadas por armas de fogo** /Julio Jacobo Waiselfisz. -- São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2015.

_____. **Mapa da violência 2015:** Adolescentes de 16 e 17 anos o Brasil. /Julio Jacobo Waiselfisz. -- São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2015.

ZUMA, Carlos Eduardo. **A violência no âmbito das famílias:** identificando práticas sociais de prevenção. Curso de Especialização em Gestão de Iniciativas Sociais LTDS/COPPE/UFRJ e SESI/DN, 2004.

ANEXO A

TERMO DE CONCORDÂNCIA PARA A INSTITUIÇÃO

Somos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Adolescência, Juventude, Vulnerabilidade e Fatores de Proteção (GEPJUV), grupo de pesquisa ligado ao Instituto de Ciências da Educação – ICED/Faculdade de Educação – FAED e Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED. Desde 2010 desenvolvemos pesquisas sobre adolescência e juventude no Estado do Pará, especialmente na Região Metropolitana de Belém. Estas pesquisas nos possibilitaram construir um banco de dados sobre a juventude deste Estado e uma boa compreensão sobre o que é ser adolescente e jovem nesta região, compreendendo as inter-relações entre risco e proteção em diferentes contextos e dimensões.

Neste momento o GEPJUV está dando continuidade à pesquisa “Adolescência, juventude e violência: fatores de risco e proteção em diferentes contextos (escola, família e comunidade, pares e instituições de atendimento)” e se propõe a compreender o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens, partindo de uma visão ampla e diversificada dos diferentes atores da Rede de proteção, em especial escola e comunidade, discutindo ainda seus impactos no desenvolvimento destes sujeitos. É uma proposta pretende ampliar conhecimentos em nosso banco de dados e este sob coordenação da Profa. Dra. Lúcia Isabel da Conceição Silva (SILVA: 2013; 2014; 2015).

Esta fase inclui: 1) Devolução, em forma de rodas de conversas, dos resultados para as escolas e estudantes que participaram dos estudos anteriores e os que irão participar da nova pesquisa; 2) Aplicação de novos instrumentos de coleta de dados. Por este motivo, temos o prazer de convidar a vossa instituição para participar destes momentos, ao mesmo tempo em que solicitamos autorização para realiza-los nos espaços e com estudantes de 14 a 29 anos desta escola.

Esclarecemos que a adesão da escola absolutamente voluntária, sem nenhum custo e que Vossa Senhoria poderá solicitar quaisquer outras informações sobre o trabalho em qualquer momento. Informamos por fim que todos os cuidados éticos estão obedecidos na realização deste estudo, incluindo o anonimato dos dados coletados mediante observância na Res. 406/2012 do CNS.

Estamos realizando a pesquisa “Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)”, cujo objetivo consiste em construir uma compreensão abrangente sobre o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens e possibilidades de enfrentamento, identificando a exposição à violência, concepções dos sujeitos e instituições, atuação da rede de proteção e impactos nos processos de desenvolvimento. Tal pesquisa prevê a participação de adolescentes e jovens na faixa etária de x a x anos, de ambos os sexos. Para tanto, solicitamos a autorização para realizar esta pesquisa nesta instituição.

Os adolescentes e jovens participantes da pesquisa serão devidamente esclarecidos de que a sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer momento, sem prejuízo algum. Em qualquer fase, os participantes e/ou a instituição poderão solicitar informações acerca da pesquisa.

Profa. Dra. Lúcia Isabel da Conceição Silva
Coordenadora GEPJUV

ANEXO B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens: exposição e percepções sobre risco e proteção nas suas trajetórias de desenvolvimento

Você está sendo convidado para participar do estudo “Violência intrafamiliar contra adolescentes e jovens: exposição e percepções sobre risco e proteção nas suas trajetórias de desenvolvimento”, cujo objetivo consiste em **investigar a exposição à violência no contexto familiar de adolescentes/jovens, identificando suas percepções sobre esta violência e sobre os fatores de risco e proteção presentes nas suas trajetórias de desenvolvimento**”. A pesquisa será realizada através de entrevista semiestruturada.

Esclarecemos que a participação é totalmente voluntária, podendo o(a) senhor(a) solicitar a recusa ou desistência de participação do mesmo a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo. Esclarecemos, também, que as serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou para esta e futuras pesquisas) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade do adolescente ou do jovem.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

Ao concordar com esta pesquisa, o participante não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo possa evidenciar como se configura a exposição à violência intrafamiliar em adolescentes e jovens, quais as percepções destes sobre esta violência e ainda, como podem impactar nas suas trajetórias de desenvolvimento, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

O sujeito não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Belém, ____/____/____

Assinatura do sujeito /representante responsável

Belém, ____/____/____

Assinatura da testemunha
(para caso de sujeitos menores de 18 anos, analfabetos, semi-analfabetos ou portadores de deficiência auditiva ou visual, privados de liberdade e etc...)

Belém, ____/____/____

Assinatura do sujeito que colheu o TCLE

(Somente para o responsável do projeto) Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste paciente ou representante legal para a participação neste estudo.

Belém, ____/____/____

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome:

ANEXO C
TERMO DE ASSENTIMENTO PARA MENORES DE 18 ANOS

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)”. Nesta pesquisa pretendemos “construir uma compreensão abrangente sobre o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens e possibilidades de enfrentamento, identificando a exposição à violência, concepções dos sujeitos e instituições, atuação da rede de proteção e impactos nos processos de desenvolvimento”. A pesquisa consiste na aplicação de questionário e/ou entrevista. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Esta pesquisa apresenta risco mínimo (ou risco maior que o mínimo, se for o caso), isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler e etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade)”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confiabilidade e de esclarecimentos. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de acesso aos resultados do estudo quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Agradecemos a colaboração aos participantes e colocamo-nos à disposição esclarecimentos adicionais com a coordenadora Profa. Dra. Lúcia Isabel Silva (3233-0606). Caso tenha alguma dúvida, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário João de Barros Barreto estará à disposição no telefone (91) 3201-6754.

Belém, ____/____/2017

Assinatura do participante

Belém, ____/____/2017

Assinatura dos pais/responsáveis do participante

Belém, ____/____/2017

Assinatura do pesquisador responsável

ANEXO D

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violências contra crianças, adolescentes e jovens: percepções sobre risco e proteção e dinâmica de atuação das redes de proteção (escola, família e comunidade).

Pesquisador: LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67268317.5.0000.0017

Instituição Proponente: Universidade Federal do Pará

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.082.557

Apresentação do Projeto:

A Pesquisa tem por objetivo construir compreensão abrangente sobre o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens e possibilidades de enfrentamento, identificando exposição à violência, concepções dos sujeitos e instituições, atuação da rede de proteção e impactos nos processos de desenvolvimento. Para isto seguirá um desenho metodológico de associação de metodologias (quantitativa e qualitativa) que permitam tanto revelar padrões ou comportamentos mais grupais (dados quantitativos) quanto as dimensões de processos e significações, que podem ser acessados pelas metodologias qualitativas; além disso, acredita-se contribuir com a própria discussão da validade da multimetodologia na investigação dos processos de desenvolvimento humano (DESSEN & COSTA, 2005). Dessa forma, serão adotados os seguintes procedimentos e instrumentos: Instituições: O estudo será realizado em duas instituições da Rede de Proteção de Direitos: Escola e Conselhos Tutelares de um bairro da Periferia da cidade de Belém (Pará). Participarão deste estudo 650 adolescentes e jovens com idades entre 14 e 29 anos, de ambos os sexos, residentes na cidade de Belém, estado do Pará e estudantes de cinco escolas de um bairro da periferia da cidade (02 escolas de Ensino Fundamental e 03 escolas de Ensino Médio). Serão aplicados sete (07) instrumentos ou procedimentos diferentes, segundo a descrição a seguir: 1) Inventário sociodemográfico e de

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

identificação de eventos, exposição e percepções sobre a violência para adolescentes e jovens – ISD-IEEPV”, que será aplicado para 650 adolescentes e jovens; 2) Questionário de Redes Sociais Pessoais, com objetivo de coletar dados da rede pessoal dos sujeitos e será aplicado a 50 adolescentes e jovens (escolhidos por conveniência); Inventário de eventos estressores na adolescência, que será aplicado para 200 adolescentes (escolhidos por conveniência) com objetivo de compreender a frequência e o impacto de situações estressantes na adolescência; 4) Além disso, uma sub amostra de 60 adolescentes e jovens (escolhidos por conveniência) participarão de Grupos Focais (GFs). Serão realizados 04 Grupos Focais, com 15 adolescentes e jovens cada. Outra sub amostra de 08 jovens (sendo 04 do sexo masculino e 04 do sexo feminino), também escolhidos por conveniência, dos quais serão colhidos “relatos de vida” (RV), a partir de uma questão desencadeadora (fale de você e de sua vida até aqui, como cresceu, o que faz, como vive – comece por onde você desejar). Esta será aplicada com adolescentes e jovens, visando identificar trajetórias desenvolvimentais, exposição à violência e percepções e significados sobre risco e proteção nessas trajetórias. O objetivo desta metodologia é partir / provocar um relato reflexivo sobre as trajetórias de adolescentes e jovens, de forma a emergir suas vivências e junto com estas, as significações e sentidos construídos sobre estas. Este procedimento será desenvolvido em dois momentos: um primeiro onde se colhe os relatos, que após transcritos, serão devolvidos e discutidos com os sujeitos, momento no qual podem ser reafirmados ou reelaborados, caso desejem. Pensa-se que os “relatos de vida”, permitirão compreender as trajetórias dos sujeitos e os processos de transformações ocorridos, colocando os assim, em relação com o contexto cultural e social mais amplo. Assume-se assim, este processo ao mesmo tempo, como um momento de pesquisa e formação e reflexão identitária (JOSSO, 2014). Ainda na escola será aplicado um Roteiro de observação de espaço, práticas e rotinas na escola - ROEPR, visando uma leitura de contexto. Como momento final, os resultados e dados coletados serão, após sistematizados, apresentados e discutidos nas escolas em forma de oficinas e sessões de debates e encaminhamentos coletivos.

Objetivo da Pesquisa:

Construir compreensão abrangente sobre o fenômeno da violência contra crianças, adolescentes e jovens e possibilidades de enfrentamento, identificando exposição à violência, eventos estressores, concepções dos sujeitos e instituições, atuação das redes sociais frente ao apoio e proteção e os impactos nos processos de desenvolvimento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Em relação aos riscos, a pesquisa apresenta risco mínimo, ou seja, o mesmo risco existente em

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler, etc. Caso os participantes se sintam mal, apresentem algum desconforto e/ou coisa ruim durante a realização da pesquisa, será disponibilizado um profissional para prestar o atendimento necessário. Os participantes também poderão, a qualquer momento, solicitar alguém da equipe da pesquisa pessoalmente ou pelo telefone que está disposto no TCLE.

Benefícios:

Com este projeto espera-se contribuir para a compreensão do que é ser adolescente e jovem na Amazônia Brasileira, ampliando um banco de dados de variáveis sobre fatores de risco e proteção na adolescência e juventude, podendo inclusive servir para análises comparativas com amostras nacionais e internacionais. De forma geral, espera-se ampliar a compreensão acerca do contexto Amazônico e sua população, dando visibilidade às questões e problemas específicos da região, contribuindo para o enfrentamento destes; especificamente, contribuir com a produção de conhecimento sobre a garantia dos direitos de crianças, adolescentes e jovens na realidade brasileira e em contextos específicos. Espera-se que os resultados deste projeto ofereçam indicadores para a dinamização de rede de proteção e garantia de direitos e ainda subsídios às políticas públicas de implementação e fortalecimento das ações do Estatuto da Criança e do Adolescente. Espera-se ainda que os resultados deste projeto ofereçam subsídios às políticas públicas de atendimento a esta população e a projetos de intervenção e promoção de desenvolvimento saudável junto a adolescentes e jovens, em especial que possam contribuir com as escolas na construção de propostas pedagógicas de enfrentamento à violência que hoje se amplia dentro do contexto escolar. Além destes, pretende-se: Gerar a elaboração de monografias de conclusão de cursos de graduação, dissertações de mestrado e tese de doutorado. Introdução de dois alunos de graduação em Iniciação Científica e produzir dois Trabalhos de Conclusão de Curso; Apresentar os resultados em congressos científicos da área, promovendo o debate acadêmico sobre a juventude amazônica e produzir artigos em periódicos indexados. Realizar um Seminário Estadual sobre Adolescência, Juventude e Políticas Públicas. Por fim, a expectativa é que este estudo contribua na consolidação de um grupo de estudos sobre Infância, adolescência e juventude e seus processos e fatores de vulnerabilidade e de proteção na Amazônia, bem como a implantação de um observatório da Adolescência e Juventude, que acompanhe a implementação e o acesso às políticas públicas e promova o debate e a circulação de conhecimento sobre a temática.

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

Continuação do Parecer: 2.082.557

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante. Os resultados desta pesquisa poderão oferecer subsídios às políticas públicas de atendimento a esta população e a projetos de intervenção e promoção de desenvolvimento saudável junto a adolescentes e jovens, em especial que possam contribuir com as escolas na construção de propostas pedagógicas de enfrentamento à violência que hoje se amplia dentro do contexto escolar.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos foram apresentados e corrigidos, conforme parecer anterior.

Recomendações:

Recomendamos a coordenação que mantenha atualizados todos os documentos pertinentes ao projeto.

Deverá também ser informado ao CEP:

Relatório Semestral;

Relatório Final;

Envio de Relatório de Cancelamento;

Envio de Relatório de Suspensão de projeto;

Comunicação de Término do projeto na Plataforma Brasil.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências foram corrigidas. Aprovado neste Colegiado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, este Colegiado manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa por estar de acordo com a Resolução nº466/2012 e suas complementares do Conselho Nacional de Saúde/MS.

Ainda em atendimento a Res. 466/2012 esclarecemos que a responsabilidade do pesquisador é indelegável, indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais. Além de apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP ou à CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa; de elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

Cabe ainda ao pesquisador:

1- desenvolver o projeto conforme delineado;

2- Em acordo com a Resolução 466/12 CNS, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa. Os relatórios deverão ser

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

CEP: 66.073-000

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

inseridos no Sistema Plataforma Brasil pelo ícone "Inserir Notificação" disponível para projetos aprovados.

3- apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP, a qualquer momento;

4- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 05 anos após o término da pesquisa;

5- encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;

6- justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetopesquisasobreviolencias.doc	24/05/2017 11:06:40	Orlando da Gama Rodrigues	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_859303.pdf	07/05/2017 08:15:33		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeassentimentomaiorde18.pdf	07/05/2017 08:14:29	LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA	Aceito
Outros	termodeassentimentomenores.pdf	07/05/2017 08:12:47	LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_violencias_luciasilva.pdf	17/04/2017 12:05:48	LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	02/02/2017 14:48:00	LUCIA ISABEL DA CONCEICAO SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

UFPA - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO JOÃO DE
BARROS BARRETO DA



Continuação do Parecer: 2.082.557

BELEM, 25 de Maio de 2017

Assinado por:
Cleonardo Augusto da Silva
(Coordenador)

Endereço: RUA DOS MUNDURUCUS 4487

Bairro: GUAMA

CEP: 66.073-000

UF: PA

Município: BELEM

Telefone: (91)3201-6754

Fax: (91)3201-6663

E-mail: cephujbb@yahoo.com.br

ANEXO E

TESTE DE RELEVÂNCIA (aplicado aos artigos na íntegra)

Identificação do Estudo

QUESTÕES	SIM	NÃO
O objetivo do estudo tem relação com o que está sendo estudado?		
O método está descrito com clareza?		
O estudo deve ser incluído na revisão sistemática?		

Parecer do Avaliador: () inclusão; () exclusão

Pesquisador; _____

ANEXO F

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Infância

Me fale da sua vida pode começar por onde preferir – sua infância, onde morava, com quem morava. Como foi esse período?.

Fale-me da sua família (Explorar relações com os membros familiares: pais/responsáveis, irmãos e outros membros que conviviam na mesma casa);

Como era ser uma criança na sua família?

Como você acha que sua mãe/pai ou seus responsáveis descreveriam você quando era criança?

Que lembranças mais marcantes você tem da sua infância na sua família?

Conte-me três momentos bons que aconteceram na sua infância.

Conte-me três momentos ruins que aconteceram na sua infância (se não mencionar exposição à violência intrafamiliar, perguntar se já aconteceu alguma situação de violência na família).

Se houver sido exposto...

Você tinha quantos anos?

Como foi que aconteceu?

Como você se sentiu na hora? E depois?

Aconteceram outras vezes? Se sim, quantas?

Caso afirmativo a questão anterior, com o passar do tempo, como você se sentia sempre que se repetiam as situações de violência?

Você contou para alguém sobre a violência sofrida? Se sim, quem?

Mais alguém da sua família sofreu algum tipo de violência dentro da sua casa?

Você acha que a violência que você sofreu influenciou alguma coisa na sua vida quando você era criança (Exemplo: escola)? Se sim, o quê? Se não, por quê?

Adolescência/Juventude

Fale-me da sua família na sua adolescência (Explorar relações com os membros familiares: pais/responsáveis, irmãos e outros membros que conviviam na mesma casa);

Houve alguma mudança significativa da infância para a adolescência na sua família?

Como era ser um adolescente na sua família?

Como você acha que sua mãe/pai ou seus responsáveis descreveriam você enquanto adolescente?

Que lembranças mais marcantes você tem da sua adolescência na sua família?

Conte-me três momentos bons que aconteceram na sua adolescência.

Conte-me três momentos ruins que aconteceram na sua adolescência (se não mencionar exposição à violência intrafamiliar, perguntar se já aconteceu alguma situação de violência na família).

Se houver sido exposto...

Você tinha quantos anos?

Como foi que aconteceu?

Como você se sentiu na hora? E depois?

Aconteceram outras vezes? Se sim, quantas?

Depois da violência sofrida, como ficava a relação de você com a outra pessoa (agressor(a))?

O que é violência pra você? Qual(is) os tipos de violência que ocorrem dentro da família?

Na tua opinião, quem é a pessoa mais violenta na sua família?

Com quem você pode contar da sua família nos momentos difíceis? E com quem você não pode contar?

Analisando toda a sua vida, como você vê a sua família atualmente?

Quem faz parte da sua família?

Você acha que a violência que você sofreu influenciou alguma coisa na sua vida? Se sim, o quê? Se não, por quê?

ANEXO G
ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

	Recorte Textual	Categorias iniciais	Categorias intermediárias (f)	Categorias finais (f)
P1	Bom, eu, desde que eu nasci eu morei com a minha avó até os cinco anos de idade, depois minha mãe veio e me pegou e eu tô até hoje com ela morando.	Configuração familiar	Configuração familiar (f= 23)	Percepções sobre a família (f=119)
P1	Ah! Devido eu morar com ela, como é vó, né?! Já diz o ditado, é mãe duas vezes, eu tinha tudo que eu queria, ela tinha condições também, ela pagava escola particular. Aí já com minha mãe, que ela já não tem tanta condições, assim, aí é só às vezes que eu saio com a mamãe, pra praça, essas coisas. Acho que com a vovó eu tinha assim mais privilégio, entendeu?!	Relações no contexto familiar	Relações no contexto familiar (f=24)	Risco e proteção nas relações familiares (f=151)
P1	É, morava só eu e minha avó.	Configuração familiar	Fator de risco (f=22)	Percepções sobre a violência intrafamiliar (f=49)
P1	É, morava só eu e a mamãe. Aí como a mamãe teve mais um filho, aí foi a mesma situação. Avó cuidou até os cinco anos, depois de cinco anos a mamãe e pegou. Só esse último agora que ela tá cuidando.	Configuração familiar	Fator de proteção (f=5)	Implicações da VIF nas trajetórias de desenvolvimento (f=17)
P1	É, eu e mais dois irmãos. É, todos meninos.	Configuração familiar	Comportamento na infância (f=13)	
P1	Ah, eu era feliz. Como eu já disse, né, eu tinha tudo que eu queria, porque vó, né, tu já sabe, adula a criança. A gente ia pro shopping, eu chorava, ela me dava brinquedo, essas coisas, ela comprava brinquedo. Era bom, só que ela faleceu, né?!	Relações no contexto familiar	Exposição à violência no contexto familiar (f=69)	
P1	Na verdade, ela era minha bisavó, ela era mãe da minha avó. Aí ela faleceu, que ela era enfermeira, aí ela recebia, tipo, como é, uma aposentadoria bacana, aí tudo que eu queria ela me mimava.	Configuração familiar	Percepção após a violência no contexto familiar (f=27)	
P1	Quando eu fui morar com ela? Ah eu era sapeca. Devido, como é que eu posso dizer?! Muito mimado. Ah, mas depois de um tempo foi se acostumando. E, começa a se contentar com o que tinha, essas coisas.	Relações no contexto familiar	Percepção sobre a violência no contexto familiar (f=14)	

P1	De sair assim, de ir pro bosque, essas coisas. De sair pra se divertir pra ir pra praia. Mais de passeio.	Relações no contexto familiar	Percepção sobre adolescência (f=12)	
P1	A morte da minha avó, do meu pai e a morte do meu tio, é.	Fator de risco	Percepção sobre as relações familiares (f=24)	
P1	Eu não lembro que eu tinha três anos quando ele faleceu. Mas eu lembro assim por foto.	Fator de risco	Implicações da VIF (f=12)	
P1	Bons? Pode citar tipo, primeira vez que eu fui no bosque? Um foi a primeira vez que eu fui no bosque. Primeira vez que eu ganhei meu vídeo game e segundo, por incrível que pareça, primeira vez que eu ganhei, uma mochila, como é? dessas de desenho, sabe? com aquelas rodinhas assim. Tipo, com a minha avó eu tinha, entendeu? Aí depois que eu passei com a mamãe, a morar com a mamãe, era raro assim ter essas coisas assim de desenho.	Fator de proteção	Percepção sobre violência (f=8)	
P1	De apanhar, assim? De apanhar, não, graças a Deus. Só, tipo, de ameaçar, só como ameaça. Aí a gente ficava quieto. Tipo, só com o olhar assim.	Comportamento na infância	Percepção sobre os membros familiares (f=60)	
P1	Aprontava, quebrava assim. Como eu falei, era mimado.	Comportamento na infância	Percepção sobre a família (f=8)	
P1	A mamãe. A mamãe falava	Exposição à violência no contexto familiar	Comportamento de risco (f=13)	
P1	“Olha tu vai apanhar, não sei o quê...”	Exposição à violência no contexto familiar	Fatores potencializadores para a perpetração da VIF (f=5)	
P1	Aí eu logo se aquietava pra não apanhar	Percepção após a violência no contexto familiar	Projeção para a constituição familiar (f=5)	
P1	Fez. Fez, mas era raro assim, porque ela me mimava muito.	Exposição à violência no contexto familiar		
P1	Não. Acho que em toda a minha vida só apanhei uma vez, só.	Exposição à violência no contexto familiar		
P1	Na hora? Medo!	Percepção sobre a violência no contexto familiar		

	Ah, eu voltava, como é? Tipo, voltava a aprontar. O medo era só momentâneo.	Comportamento na infância		
P1	Era medo, aí sempre passava depois	Percepção após a violência no contexto familiar		
P1	Ah já, meus irmãos, eles apanharam.	Exposição à violência no contexto familiar		
P1	A mãe.	Exposição à violência no contexto familiar		
P1	Na minha adolescência eu moro com a mamãe. Mora eu, mais três pessoas. Mais dois irmãos, e mais a minha mãe. São quatro, na verdade.	Configuração familiar		
P1	É boa. É só assim com o meu irmão, o segundo irmão mais velho que a gente discute muito por, tipo, besteira. Eu quero ver nesse canal, eu quero assistir televisão, eu quero jogar videogame. Coisa de irmão, coisa boa.	Relações no contexto familiar		
P1	Eu me sinto normal, como qualquer outro adolescente. Tem umas pessoas que dizem que sou rebarbado.	Percepção sobre adolescência		
P1	Agora eu sou mais responsável, assim. Até tiro uns bicos lá com meu tio. Já trabalhei também numa padaria com meu outro tio, aqui na Cremação também, aqui na Pariquis. Pariquis acho que é o nome da rua, com Alcindo Cacela. É só isso.	Percepção sobre adolescência		
P1	Não, não acho ruim, é proteção né da minha mãe.	Percepção sobre as relações familiares		
P1	É, até demais, até demais	Percepção sobre as relações familiares		
P1	Tipo, às vezes eu quero sair pra um lugar assim, por exemplo, uma praça, aí se chegar tarde ela já fala. Ela ameaça “ah, tu vai apanhar” (risos)	Exposição à violência no contexto familiar		
P1	A morte de três primos meu, eram jovens, tinham tudo pela frente, nesse negócio de carro cinza, carro preto. O outro (pausa) quase ficar em dependência. Égua, lutei pra não ficar em dependência esse ano, só em uma matéria, por causa de meio ponto. Outra, ruim, que eu me lembro só essas.	Fator de risco		
P1	Foi praticamente só de uma vez, um em cada mês. Um foi no começo do ano, ano retrasado, também tava com esse negócio de carro preto, essas coisas. Aí ele veio a falecer. Aí o outro foi o tio dele, só que o tio dele não se metia com essas coisas, tava trabalhando, aí veio o carro preto, pensando que ele era ladrão só porque ele tinha umas tatuagens no corpo, aí assassinou ele. Aí o outro foi, tava sumido alguns dias, já com o velório do tio, entendeu? Tava acontecendo o velório do tio, aí foram reconhecer o corpo no IML, aí	Fator de risco		
	“Olha tem um menino aqui com o sobrenome de vocês”			

	Aí foram ver era meu outro primo que tava sumido uns dias			
P1	Foram. E era os dois de uma mesma mãe e o irmão dele tinha morrido por causa que pensaram que ele era ladrão. A família ficou em choque por causa disso.	Fator de risco		
P1	Só um assim que tinha envolvimento. O primeiro que morreu não tinha envolvimento, o que matou ele pensou que era o irmão dele que morreu depois, o que tava sumido, entendeu?	Fator de risco		
P1	Teve, o rapaz já foi até morto um tempo desse, o Pet, cabo Pet.	Fator de risco		
P1	Ninguém sabe quem foi que matou esse meu primo que sumiu e o tio dele também não, que foi o que tava com suspeita tipo de que ele era ladrão. Ele era trabalhador. Só o que morreu enganado, pensando que era o irmão dele que tava sumido	Fator de risco		
P1	Me senti indignado, né, porque num país que a gente paga tantos impostos, tanta contribuição ao governo, não tem segurança nem pra sentar na porta de casa, né? É revoltante!	Fator de risco		
P1	Como eu te falei, eu apanhei só uma vez na vida, né. Foi porque eu tinha ido pra rua de manhã e só voltei de tarde. Passei, tipo brincando na rua e se esqueci de voltar pra casa, esqueci o horário. Tipo eu fui de manhã cedo, nem fui em casa almoçar, só voltei à tarde.	Exposição à violência no contexto familiar		
P1	Foi uma peia	Exposição à violência no contexto familiar		
P1	A mamãe falou, ela falou que eu ia apanhar, que tinha horário pra voltar, pra mim comer, aí ela me bateu.	Exposição à violência no contexto familiar		
P1	Tipo, constrangido, porque tinha horário pra voltar, eu não voltei. Não foi nem pela porrada, foi mais constrangido, né, porque eu tinha horário pra voltar pra casa, eu tinha que comer, né, e eu esqueci de tudo isso.	Percepção após a violência no contexto familiar		
P1	Aí depois voltou tudo ao normal	Percepção após a violência no contexto familiar		
P1	É, não vou fazer mais isso	Percepção após a violência no contexto familiar		
P1	Que eu me lembre, só dos meus primos, só deles, que eu me lembre só deles. Só de vizinhos assim que aconteceram violência.	Exposição à violência no contexto familiar		
P1	Ameaça que vai bater.	Exposição à violência no contexto familiar		
P1	Ah, eu fico com medo, eu paro, igual quando eu era criança.	Implicações da VIF		

P1	Violência pra mim? Todo ato de agressão, é, tipo de constranger uma pessoa, verbalmente, fisicamente, socialmente também, por causa até da cor também as pessoas sofrem agressão, da, como é que pode falar, do gênero. Isso pra mim é violência.	Percepção sobre violência		
	Hoje? Física, aquilo de não aceitar o filho, tipo, do filho escolher outro gênero, né, aí tem pais que não aceitam, não tem respeito mais nas famílias de hoje em dia. É isso.	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P1	Sim, porque a gente vê muito no jornal pai abusando de criança, tio, pessoas próximas.	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P1	Hoje, não mais né, mas era o meu avô, ele batia que só na minha avó, na avó e nos filhos.	Exposição à violência no contexto familiar		
P1	Apanhou.	Exposição à violência no contexto familiar		
P1	Sim, porque acho que através do diálogo é melhor.	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P1	Hoje era melhor do que antes, evoluiu, né, tipo alguns se consertaram, alguns viraram evangélico, o vovô que era agressivo agora é evangélico. A minha família, eu agradeço a Deus por ela. Da minha família, ninguém assim mexe com droga mais, graças a Deus, como drogas, essas coisas.	Percepção sobre os membros familiares		
P1	Minha avó e minha mãe, porque eu confio nelas, elas me apoiam em tudo, não tudo, mas no que elas acham certo, que ela vê que é certo ela me apoia. Aí ela me dá conselho, se tiver errado ou coisa assim, ela chama atenção quando eu tô errado. Essas duas pessoas só, que eu mais confio, minha avó que é mãe duas vezes e minha mãe.	Percepção sobre os membros familiares		
P1	Não. Como eu falei, é quem eu mais confio, mas tem pessoas que eu confio, mas não tanto como elas.	Percepção sobre os membros familiares		
P1	Minha tia que me deu o primeiro videogame, porque quando eu passei a morar com a minha mãe a gente não tinha tanta condições assim, entendeu? Comprar esses brinquedos assim, aí minha tia foi e comprou, ela viajou, né, pra comprar, não sei pra onde ela foi, aí ela trouxe tipo um Nintendo assim, botava tipo uns negócio atrás do Mario, essas coisas. Até um tempo desse ainda tinha ele, aí a mamãe passou pro meu irmão, aí ele escangalhou.	Percepção sobre os membros familiares		
P1	O meu padrasto, que assim, logo que ele começou a namorar com a mamãe, tipo assim, eu era muito ciumento, não considerava ele da minha família. Meus colegas, tenho uns colegas que são como um irmão pra mim. Primos, lá em casa são sete casas, tudo junto, só é família, tipo uma vila. Tem uns primos que são criados comigo desde criança, são como irmão pra mim, são nem primo, são irmão.	Percepção sobre os membros familiares		

P1	Sim. Tipo, não fazer mais aquilo, fazer coisas erradas, estudar mais. A mamãe já brigou comigo por causa de estudo, ameaçou apanhar por causa de estudo, aí mudei o comportamento, aí voltou tudo ao normal	Implicações da VIF		
P1	Porque ela não quer nada de errado pra mim, ela quer tudo de melhor pra mim. Tipo ela não, ela tem até o segundo ano e eu já tô no segundo ano. Ela ainda não terminou o ensino médio dela, aí ela, no meu ponto de vista, ela quer ver eu formado. Ela quer o melhor pra mim.	Percepção sobre os membros familiares		
P1	Não. Já discuti com o próximo, com o colega, gritar assim, quando eu tava na quinta série, já sabe como é criança, né, aí ficava correndo na sala, aí não queria prestar atenção e só.	Comportamento na infância		
P1	Ficou todo mundo abalado porque eram jovens que tinham tudo pela frente. Ficou mais unida.	Fator de risco		
P1	Só que minha família é tudo pra mim e agradecer a Deus por essa família.	Percepção sobre a família		
P2	Eu sempre morei, sempre morei, mora eu, o meu avô, a minha tia, o meu irmão, a minha mãe e minha avó.	Configuração familiar		
P2	Sempre foi boa a relação. Sempre.	Percepção sobre as relações familiares		
P2	É, sempre uma família unida. Nunca me brigaram, a questão sobre o que eu fiz ou o que eu deixei de fazer.	Percepção sobre as relações familiares		
P2	Uma criança mimada (risos). Égua, eu sempre tive tudo o que eu queria, sempre fui educado, sempre tratei bem as pessoas e só fazia o que a mamãe queria ou quando, ou ela queria ou quando eu queria que não se tornasse algo grave.	Comportamento na infância		
P2	Ele se separou da minha mãe quando eu tinha, acho que um ano de idade.	Relações no contexto familiar		
P2	Eu falo com ele, mas não como, como fosse meu pai, tipo não tive uma boa convivência com ele, mas sempre morou perto de casa, mas nunca gostei de tá perto dele, sempre gostei de tá perto do meu avô.	Relações no contexto familiar		
P2	(Risos). Um menino exemplar (Risos). Égua, sempre fui um menino quieto, sempre, porque a mamãe, ela sempre me deu, assim, ela sempre falou quando chegasse na casa dos outros, em qualquer local, tinha que se comportar como uma criança normal, não era pra tá com inxirimento pro lado de ninguém. Um bom exemplo. Sempre gostei de ler. Com meus seis anos aprendi a ler, aí então. Até os dez eu lia livro, ficava mais na minha. Ficava no vídeo game, assistia televisão, ia pra escola, aula de reforço, brincava de vez em quando com os pessoal de lá da rua, mas era raro.	Comportamento na infância		

P2	O meu aniversário de cinco anos e o meu aniversário de dez anos e também quando eu, quando eu tava na primeira série que minha mãe ficou muito feliz que a professora ficava me elogiando que eu era um ótimo aluno, tinha uma habilidade rápida de aprender, que tinha que me passar pra segunda série no meio do ano.	Comportamento na infância		
P2	Quando a minha tia se formou, quando a mamãe se empregou e também quando a vovó conseguiu se aposentar.	Fator de proteção		
P2	Porque foi marcante pra elas, era isso que elas queriam, então me motivou a também	Fator de proteção		
P2	Quando o meu pai me bateu que ele não tinha moral pra me bater, quando meu primo começou a me apelidar que eu era gay e quando eu sofri bullying na escola, o menino me jogou na lama por ser esquisito, aí mudei de escola. Deu muita onda.	Exposição à violência no contexto familiar /Fator de risco		
P2	Sete anos.	Exposição à violência no contexto familiar		
P2	Porque eu tinha chamado palavrão	Exposição à violência no contexto familiar		
P2	Seis anos e o outro, aconteceu isso com oito anos, eu tava na segunda série.	Exposição à violência no contexto familiar		
P2	Da escola é melhor. Da escola foi que eu tava andando, aí o menino começou a me chamar de viado, aí eu nem liguei, porque sou uma pessoa calma, aí fui andando, aí sem querer ele tropeçou no meu pé, aí ele pensou que eu tinha feito de propósito. Eu nunca fiz isso, não gosto de fazer isso, brincadeira sem graça. Aí foi que ele me jogou na lama, aí invés da professora ajudar, ela não ajudou e ele ainda continuou me batendo porque ele falou que eu era uma aberração. Acho que ele era da sexta série, eu era criança, ele já era mais adolescente.	Fator de risco		
P2	Foi, porque eu chamei palavrão	Exposição à violência no contexto familiar		
P2	Com raiva dele, porque ele não poderia fazer isso, né? Porque chamei um palavrão	Percepção após a violência no contexto familiar		
P2	Bom, porque aquilo serviu pra aprendizado, porque a pessoa não vai morrer de apanhar e me sinto até melhor, porque é feio chamar palavrão	Implicações da VIF		
P2	É uma experiência da vida.	Implicações da VIF		
P2	Não, não porque minha família é tipo, minhas tias e meus tios sempre foram de conversar com os filhos, assim como meus avós sempre conversaram.	Relações no contexto familiar		

P2	Não mudou nada, porque acho que minha mãe sempre soube que eu ia ser gay, né? (risos). Então sempre continuou a mesma coisa. Já, se um vizinho ou alguém assim verem me mexendo, ela já me defende. Mas por eles não. Eles sempre chegam, conversam comigo que é pra mim focar nos estudos, pra mim não ficar sofrendo preconceito, não me baterem, não me agredirem, porque eles não querem isso pra mim. Morreu só meu tio que morava com a gente.	Configuração familiar		
P2	Abalou, porque a minha família é muito apegada, são sete irmãos, sete filhos dos meus avós e sete netos deles. Então, como a família era muito, ainda é muito apegada uma na outra, aí, longeaí mudou mais ainda, porque começaram a se apegar mais ainda um no outro, cada um mora perto do outro, ninguém mora longe. Então todo final de semana sempre tem uma churrascada assim, aí vão vir almoçar em família na casa da vovó.	Relações no contexto familiar		
P2	Comecei a sair. Aí ela descobriu que eu usava drogas, ela ficou muito chocada assim, porque uma pessoa que ia dar exemplo pra ela desde criança. Ela ficou meio que abalada.	Comportamento de risco		
P2	Mudou muito (enfaticamente), porque com doze eu me assumi, mas não tinha mudado, aí com os quinze foi, usei maconha durante um ano, aí ela descobriu, aí mudou a relação, a minha família mudou a relação comigo, toda a minha família. Isso eles falavam que ia dar o desprezo. Aí com dezesseis eu caí na realidade que aquilo não era pra mim, que o mais importante era a minha família me apoiando, porque se não fosse eles por mim eu ia tá ninguém.	Comportamento de risco		
P2	Eu tinha uns amigos que eu sempre saí, mas eu sempre falava que não, que aquilo não era pra mim. Aí eles falavam: “Não, prova que é bom. É, tu faz esquecer os problemas” e nem problema eu tinha (risos). “Pra esquecer os problemas, pra ti ficar viajando praí, pra não ficar ligado. Aí eu falava que não, aí eles falavam que sim que era pra usar, mandavam dar um pega, eu dava. Aí foi, foi por influência, porque os amigos queriam. Depois minha mente ficou aberta, aí foi nesse vacilo que comecei a fumar. Mas já acabou.	Comportamento de risco		
P2	Quando eles descobriram que eu era gay, eu pensei que eles iam ficar, sabe?! contra, contra o desejo, sei lá, me esqueci como se diz. Mas não, começaram a me apoiar, começaram a conversar comigo. E quando a família do meu pai também descobriu e aceitou, numa boa sem mudar, sabe?! a convivência. E quando eu passei pra segunda fase da olimpíada de matemática, quase fui pra terceira.	Relações no contexto familiar		

P2	A minha mãe tinha me dado um celular novo porque eu tinha passado, então, em 2010, 2011. Tinha passado de ano, aí eu ganhei um celular novo, tinha MSN, Orkut nele, aí pegava wifi. Aí eu botei wifi no celular, aí ficava um bom tempo. Aí foi que eu dormi e deixei o meu msn ligado no computador e no celular. Aí ela pegou, como tava ligado o computador, ela pegou o celular que tava vibrando quando chegava as mensagens e eu tava dormindo e ela entrou no meu quarto escondido (risos). Já tava imaginando já. Aí ela foi, pegou, começou a ler as conversas que eu tinha com amigos meu, da minha sala, aí foi que ela descobriu que, aí ela ficou assim. Qual mãe que vai aceitar, né?! Ficou assim meio que querendo entrar em depressão, mas ela falou que aquilo ela já sabia, que era pra Deus, era pra Deus, é, parece, libertar ela desse coisa que ela tinha preconceito com gay, que ela não queria isso, que ela queria, mesmo porque, mesmo sendo, mesmo eu sendo errado, mas eu era o filho dela. Então ela descobriu pelas mensagens que eu tinha no computador salvas e no celular que ela deu.	Relações no contexto familiar		
P2	Eu achei, mas sabe como é mãe, né? (risos) . Tu tem filhos? Quando tu tiver filhos tu vai entender.	Percepção sobre as relações familiares		
P2	A mamãe ligou pro papai. Aí o papai falou que queria conversar comigo, a família do meu pai é tranquila. Eles pegaram, chegaram conversaram comigo, perguntaram se eu queria mesmo isso pra mim, que não eram certo. Aí eu falei que queria, mesmo com aquela idade, doze anos. Aí eles falaram, não mas tudo bem, mas tu é muito novo, tu tem. Acho que vocês já perceberam desde crianças, porque eu era muito comportado, sabe?! eu preferia brincar com as meninas do que com os meninos.	Relações no contexto familiar		
P2	Ela foi trabalhar, minha avó me acordou pra ir pra escola que ela ia. Aí ela foi trabalhar, a vovó me acordou pra ir pra escola, aí ela falou que quando eu chegasse a mamãe queria conversar comigo, ela trabalha meio período. Eu falei tá bom. Mas eu já, eu já imaginava, eu já tinha imaginado, porque ela tinha levado o meu celular (risos). Aí foi que ela chegou, me bateu, primeira vez que ela me bateu. Aí depois ela, depois que passou três dias ela veio me pedir desculpa que aquilo que ela fez foi errado e que porrada não resolvia nada, que era só conversar mesmo. Ela sempre conversou comigo.	Exposição à violência no contexto familiar		
P2	Foi. Foi primeira e a última.	Exposição à violência no contexto familiar		
P2	Doze pra treze, parece. Nem me lembro mais. Mas eu tinha doze pra treze ou doze anos, porque, acho que era doze, quatorze	Exposição à violência no contexto familiar		

P2	Conversar, aí depois ela se aporrinhou, ficou com raiva, não falou mais nada e que ela já sabia, mesmo assim.	Percepção sobre após a violência no contexto familiar		
P2	Com uma garrafa, seca, de água, sabe?! garrafa de água.	Exposição à violência no contexto familiar		
P2	Sem entender, que aquilo não ia resolver, fiquei triste, mas eu sabia o que ela tava fazendo	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P2	Melhor, porque ela já sabia, porque ela chegou pra conversar comigo, depois de três dias, falou as coisas que era pra tomar cuidado com certas coisas, é, pra ter cuidado na rua porque isso, eles sofre preconceito, né verdade?! e que era pra mim estudar, focar nos estudos que não é pra seguir a cabeça de ninguém e mostrar pros outros que através de, do estudos que eu não preciso ficar sofrendo humilhação em nada por causa da minha orientação sexual.	Relações no contexto familiar		
P2	Não, porque tipo a minha família ela é muito de conversar, muito mesmo. É, é, e eles falam que porrada não dá jeito, eles mesmo fala se porrada, se porrada desse jeito não existia ladrão, gay, sapatão, não existia várias coisas, então eles não vão perder tempo machucando os filhos deles por causa disso, que é melhor sentar pra conversar, resolver em família, primeiro entre eles dois, o pai e a mãe do lado conversando e o filho no meio.	Percepção sobre as relações familiares		
P2	Tem vários tipos de violência. Égua! Tem violência verbal, tem violência, vários tipos de violência. Pra mim, quando bate, quando fala, quando fala com alguma palavra, agride a outra pessoa e mesmo sem motivo tá agredindo.	Percepção sobre violência		
P2	Ah! De vem em quando, qual a família que é perfeita, né?! Discute uma com a outra, as irmã, os primo. Mas é só discussão sabe?! quando um que acha que errado o outro acha que tá certo. É só discussão, só é isso.	Relações no contexto familiar		

P2	Não. Eras, se tu conhecer a minha família, todos são calmos, todos. A minha tia Selma, tia Elda, tio, minha mãe, principalmente, se tu conhecer. A mamãe é a pessoa mais maravilhosa do mundo assim. Ela tem tantas amigas, tantas amigas, vão só pra procurar ela pra conversar, porque assim, pra desabafar assim sobre a família delas. A mamãe fica conversando, falando assim, sobre Deus, o que é pra fazer, porque as pessoas falam, perguntam, como ela me aceitou, porque se fosse eles tinham me matado. Que matado, não, é meu filho. Um dia tu vai cair na realidade, tu vai ver que o mundo é outro, não é esse. A gente tem que abrir a mente pra várias coisas. Abrir a mente pro amor e paz, porque se tu for pregar o ódio, a vida, tua vida nunca mudará. E se tu tiver rancor ou coisa assim a tua vida nunca mudará, vai seguir em frente, então é esquecer isso e levar como se fosse meu filho normal, porque ele não é nenhum animal, nem animal é tratado mal, então eu não vou tratar ele mal por causa disso, se eu vou aceitar o que ele fez ou o que deixou de fazer. Se ele fez errado vou ter que dar lição. A mamãe é... Ela pega, conversa, eu e meu irmão, assim quando ele faz coisa errada. Eu não me lembro nada que eu tenha tipo eles sempre me educaram com bom exemplo, respeitar os mais velhos, ignorar certas coisas, certos comentários quando venham me criticar, a mamãe sempre fala “se um dia me vierem falar de gayzão é só olhar, sorrir e fingir que não era pra mim”. E eu sempre faço isso, quando eu ignoro, eles param e eles sempre falam comigo depois.	Percepção sobre os membros familiares		
P2	Todos. Todos, porque tipo assim, a minha família um sabe coisa do outro, então não adianta, porque tipo se eu contar pra minha tia e pra pedir segredo, ela não consegue. Ela tem que falar pra minha avó ou pras irmãs dela ou pra todo mundo vir conversar, sabe?! Então, todos, eles são uma família muito unidas, muito mesmo. Ontem todos eles tavam em casa, ontem. Quando eu sai, aí quando cheguei. Aí quando nasceu os dois bisnetos, as minhas sobrinhas, eles tavam tudo lá na casa da vovó.	Percepção sobre os membros familiares		
P2	Ah especial é a minha avó, minha avó, minha avó e minha tia e minha mãe, mas minha mãe não consigo, porque eu tenho vergonha dela, sabe, assim de conversar com ela, falar sobre a minha vida porque eu sou mais apegado com a minha avó, porque minha avó me conta as coisas e eu conto pra ela, não é esse negócio de ficar contando um pro outro, ela conta as histórias dela e eu conto as minha.	Percepção sobre os membros familiares		
P2	Minha mãe, minha tia, minha vó.	Percepção sobre os membros familiares		

P2	A minha tia que não tem filho que pensa que sou o filho dela (risos). É, ela tem trinta e cinco anos, ela não quer ter filho nem marido, mas ela tem namorado. Ela tem trinta e cinco e ainda namora (risos). Então ela pensa que sou o filho dela, porque já que ela me criou desde criança, que minha mãe saía pra trabalhar, aí ela pensa que eu sou filho dela, aí ela me dá as coisas, então quando eu peço ela me dá	Percepção sobre os membros familiares		
P2	A minha mãe. E minha avó	Percepção sobre os membros familiares		
P2	Égua, é uma família boa assim porque eu vejo assim, né, que meus amigos, tipo, sobre a violência, né?! que meus amigos sofreram, uns contam que eles apanhou dos pais, ainda mais quando teve orientação sexual descoberta, o pai quebrou, bateu, começou a dar desprezo, humilhou, mandou embora. Então eu vejo, a minha família é uma ótima, ótima concepção, bem unida. Égua, eles são ótimos, aí não tenho do que reclamar. Sempre falo pra minha mãe “não tenho do que reclamar deles”, não tenho nem do que falar mal, porque quando eu preciso, eles tão lá, posso desabafar, a gente conversa, quando tá precisando de alguma coisa eles tão lá.	Percepção sobre as relações familiares		
P2	Depende do ponto, do palavrão, sim, porque, é, depois percebi que é feio chamar palavrão, uma criança, oito, tinha oito, sete anos, era sete, oito anos que eu tinha, então ficava feio chegar num local e chamar palavrão, as pessoas olhavam com cara feia, aí pensa “desobediente, daquele tamanho”.	Implicações da VIF		
P2	Se eu passei, assim ... Ah! Já, na escola, na rua, o menino me bateu e eu não fiz nada porque eu nunca gostei.	Fator de risco		
P2	Já. Até hoje sofro aqui nessa escola	Fator de risco		
P2	Tem, muita. Tipo assim, eu fico mais triste quando eu sofro violência verbal quando vem assim de pessoas negras que poderiam tá combatendo comigo o preconceito e o racismo. Aí a pessoa me trata como se eu fosse pior do que ela, sendo que se ela fosse pegar um livro, os antepassados deles sofreram assim como eu tô sofrendo, como em todo canto eu vou sofrer ainda, mas, mas aí, né, enfim, porque sabe né que o Brasil não é um país bom pra isso. É o que mais se veste de mulher no carnaval, mas é o que mais mata no mundo por causa da orientação sexual. Então eu não entendo.	Fator de risco		
P2	Porque, tipo, ele era mais ignorante, então eu comecei a tratar ele na ignorância. Aí, depois, ele só “é, tu é, tu é um gay, tu vai se fuder na vida, porque tu ainda é pobre e tá estudando em escola pública”. Aí eu falei “vamos ver, se tu diz isso”	Fator de risco		

P2	Foi que, só porque, se eu fosse homem ou mulher, acho que ele nem ia reclamado, se eu fosse hétero, quer dizer, ou mulher, ele nem ia falar nada. Tipo, eu tava no final da sala, foi no primeiro ano mais ou menos que aconteceu, tava no final da sala, eu nem falei isso pra diretora, tava no final da sala, até hoje me arrependo, porque ele me ignora, sabe?! Tava na sala de aula, tava lá no final e tava frio, que eu não tinha levado meu casaco, aí eu botei minhas duas mãos, aí caiu meu lápis e ele tava explicando lá na frente, então, eu levantei, aí levantei minha camisa, aí ele falou que eu queria me exibir pra ele, que eu era gay, tinha que me comportar porque ele não queria me comer, ele falou um monte de coisa. Eu fiquei assim, assim sem entender o que ele tava falando e comecei a chorar e todo aluno olhando pra ele de cara feia e ele não parava. Aí depois quando levantaram pra ir pra diretoria os alunos falaram “a gente vai fazer um abaixo assinado do senhor, porque o senhor que estava errado, o senhor não tinha nenhum motivo pra falar aquilo, porque quem tava atrás viu que eu não fiz porque eu quis, porque eu tava fazendo graça, porque eu tava assistindo aula normal. Só que eu botei pra dentro a camisa, e eu tinha esquecido que ele se eu levantasse ia levantar a camisa. Então foi nessa parte e eu acabei sendo bobo	Fator de risco		
P2	Como se fosse, normal, já que no Brasil, o congresso ou a bancada, uma bancada lá ainda não aprovou que homofobia é crime, porque pra eles não tem motivo pra ser crime até porque eles nunca sofreram preconceito. Então, eu levo como se fosse	Fator de risco		
P3	Eu moro assim com os meus pais, antigamente, e eu morava assim com os meus tio, meus avós, eles faleceram, aí eu convivi com os meus tios, minhas primas, minhas tia, meus pais. Aí depois que eles faleceram nós saímos de casa e fomo morar no interior, aí passamos um ano morando no interior, aí voltamos pra Belém, aí a gente fomo, voltamos, aí a gente voltamos sem nada e depois a gente, eu cresci e assim	Configuração familiar		
P3	[...] convivi com meu pai, assim, assim uma vida ruim, entendeu? Porque até agora ele é ignorante, brabo um pouco, briga, discute, fala as coisas, aí pronto.	Relações no contexto familiar		
P3	Era uma família unida mermo	Percepção sobre as relações familiares		
P3	Assim, eu era muito sapeca. Assim, aprontava muito, brigava assim com os outro na rua, aí apanhava dentro de casa, quando aprontava na rua, apanhava, aí pronto (risos).	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Antigamente em casa era só castigo e assim, porrada, é assim, de castigo, pronto.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	[...] no tempo assim que eu era criança eu aprontava muito, batia nos menino, brigava na rua, dentro de casa com minhas prima, era assim.	Comportamento na infância		

P3	Desde o dia que meus avó morreram assim, minha família se se separou, foram embora, saíram de casa pra viver em outro lugar, morar fora do Brasil, alguns foram se afastando.	Relações no contexto familiar		
P3	Aprontava assim, mas não violência, assim tipo assim de acariacimento, passar a mão assim no corpo não.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	[...] uma vez, meu pai me deu de cinto	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	[...] desde pequena que eu comecei a apanhar do meu pai	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Eu tinha assim, uns seis anos. Aí me deu uma cinturada na costa, aí ficou uma semana hematoma. Aí ficou roxo.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Era mais o meu pai (refere-se ao principal agressor)	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Minha mãe me batia assim quando eu fazia alguma coisa, batia o pé, falava alguma coisa, discutia e aí às vezes eu apanhava quando ela falava, mas meu pai, nunca. Ele assim, ele fala uma coisa, ele não gosta de falar duas vezes, quando ele promete que vai bater, ele bate.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Só física mesmo (refere-se à violência que mais ocorria)	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Assim, sei lá, ruim mesmo. Ruim mesmo.	Percepção sobre após a violência no contexto familiar		
P3	Assim, como remorço	Percepção sobre após a violência no contexto familiar		
P3	Assim, mais do meu pai	Percepção sobre após a violência no contexto familiar		
P3	Não me lembro de conversar. Nunca sentou assim com a gente pra saber se a gente tá bem, se tá mal, se tá doente, sempre assim, desde grande agora não liga muito pra mim, pro meu irmão, quem liga muito pra gente é mais a minha mãe.	Percepção sobre as relações familiares		

P3	Não, nem toda vez, só quando fazia alguma coisa, quando saía fora de casa, era assim.	Fatores potencializadores para a perpetração da VIF		
P3	Não, não foram muitas não. Quando eu era pequena não apanhava muito	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P3	Foi mudando, mas só que quando eu cresci, eu me lembro de algumas coisas, até porque eu sofri no tempo, mas assim, me lembro de algumas coisas. Ainda vem aquelas lembranças na mente, ainda.	Percepção sobre as relações familiares		
P3	Assim, bater (pausa). Assim, quando meu pai me batia muito, ficava de castigo, é isso.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	[...] apanhava eu e meu irmão, não assim todo dia. Às vezes quando a gente fazia alguma coisa, quando a gente quebrava alguma coisa, pegava, deixava cair, quebrava e pronto, a gente apanhava.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Assim, era mais eu, às vezes era mais ele.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Assim, no tempo que a gente morava com o vovô, quando a gente apanhava a gente corria lá pra baixo, né, com o vovô, a gente ficava com ele pra lá.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Assim, num tempo ele batia muito nela. Chegava porre dentro de casa, batia nela, deixava ela roxa. Aí teve uma vez que, no tempo que a gente não era da igreja, ele chegou da festa, a gente era pequeno, ele chegou da festa assim bêbado, aí pegou um pedaço de pau e jogou na perna dela, aí tava ela comigo no colo dando peito, aí eu me lembro muito bem, aí o meu irmão tava no chão, aí tava no colo mamando, aí ele pegou e bateu nela, sem motivo.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	[...] ele batia muito nela, às vezes minha avó falava que ia dar parte dele, ia mandar a polícia. Assim, ela apanhava às vezes.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	[...] defender minha mãe, pq ela depois sofria essa violência que ele batia nela, não sei. No tempo que a gente era criança, a gente não podia fazer nada, só vivia chorando, falando pra ela deixar ele.	Percepção sobre a violência no contexto familiar		

P3	Assim, às vezes me sinto ruim. Às vezes é um convívio assim bom, às vezes não, às vezes é discussão, briga, às vezes é outras coisas também, assim, bater, meu pai, ele promete bater assim, não sei o quê. Assim, ele promete bater na gente ainda, entendeu?! Se a gente fazer alguma coisa, bater o pé, falar alguma coisa por trás, ele fala só que tá aguardando a gente, aí pronto	Percepção sobre as relações familiares		
P3	Assim, o comportamento do meu pai, da mamãe. Assim, conviver com eles, conviver com eles, assim, até que hoje em dia ele chama pra conversar um pouco, pergunta, antigamente não era, assim. Assim, pergunta algumas coisas, se tá bem, se quer alguma coisa, aí pronto.	Percepção sobre as relações familiares		
P3	É, alguns aspectos. Assim, melhorou mais assim, ele tem mais acompanhamento, conversar com a gente, piorar assim com a gente porque ele não é muito de conversar, só fica na dele.	Percepção sobre as relações familiares		
P3	Eu era prisioneira (risos). Assim, eu não podia muito sair. Meu pai sentia um medo de eu sair, assim, fazer alguma coisa errada, aprontar, aí pronto. Não gostava muito que eu saísse com os amigos, quando eu queria, sair não podia, só saía se pedia permissão pra ele, senão, saía de casa escondido, aí quando voltava já sabia que eu tinha saído aí pronto.	Percepção sobre as relações familiares		
P3	Assim, minha adolescência não é muito boa, não. Pra mim não é muito boa.	Percepção sobre violência		
P3	A pior coisa que eu tive na minha adolescência, foi que ele deixou uma marca de mão aqui na, no meu pescoço, marca da aliança. Aí ficou assim ferido, aí os irmão da igreja viram e perguntaram o que era, assim, eu peguei e falei que eu tinha apanhado, aí pronto.	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P3	[...] eu não podia sair muito. Meu pai parece que tinha insegurança comigo, não podia falar com ninguém, com amigo, aí não deixava não.	Percepção sobre as relações familiares		
P3	[...] o meu irmão, assim, ele saía assim quando ele queria, quando ele não saía. Mas, eu era assim mais assim fechada, não podia sair, só podia ir da escola pra igreja, da igreja pra casa e pronto.	Percepção sobre as relações familiares		
P3	Só física. Só batia mesmo, aí pronto, não falava nada demais.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Foram várias vezes. Mais na adolescência	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Não, era mais dele.	Exposição à violência no contexto familiar		

P3	Motivo assim era por causa de namorado, porque eu queria namorar, porque eu via na escola eles namorando, aí eu não podia namorar, ainda era muito nova e tinha medo de eu engravidar, ainda tem medo de eu engravidar. Aí era isso... Não podia falar com os amigos, conversar, não podia falar no telefone porque perguntava quem era, senão pegava o telefone, jogava no chão, quebrava. Aí me proibia de tudo. Nem passar assim na porta de casa pra ir pra rua falar com os amigos não deixava.	Fatores potencializadores para a perpetração da VIF		
P3	Ficava com medo. Assim dele falar alguma coisa, porque quando, na adolescência, que eu apanhava, ela via assim a gente sempre apanhando, ela falava assim que ia dar parte dele. Aí falava assim não se mete, não se mete que vocês tão errado, aí ele até queria bater nela, aí às vezes a gente ficava calado pra não apanhar, fazia de tudo pra ele não falar nada, ficava na dela.	Percepção sobre após a violência no contexto familiar		
P3	[...] um lixo pra mim, porque, uma coisa assim, não gosto nem de lembrar. Ai (se emociona).	Percepção sobre após a violência no contexto familiar		
P3	[...] tem, tem hora que eu gosto dele, tem hora que eu odeio ele	Percepção sobre as relações familiares		
P3	Ficava assim com remorço, quando ficava passando na minha mente, ficava lembrando às vezes.	Percepção sobre após a violência no contexto familiar		
P3	Foi melhorando, foi melhorando (se emociona). Daí não apanhei mais	Percepção sobre as relações familiares		
P3	Tinha uns dezesseis anos pra dezessete. Dezessete. Não, tinha uns dezesseis anos pra dezessete. Nesse tempo eu tinha acabado de fazer dezessete anos.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Aí quando cheguei em casa da escola, ele me chamou assim pra conversar, perguntando se era só esse menino que eu tinha conhecido, aí depois da conversa, foi perguntando esse menino que eu tinha conhecido. Aí sentei na beira da cama, ele sentou do meu lado, me deu um soco, um soco de mão fechada no meu olho que eu caí e desmaiei na cama. Última vez que apanhei foi com dezessete anos (se emociona).	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Assim, violência doméstica, né?! É, violência, assim, não sei, como eu falei agora, espancamento, é, é, cárcere privado. Aí o outro que eu não tô lembrado.	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P3	É com a minha mãe mermo, porque ela é a única pessoa que pergunta se eu tô sentindo alguma coisa, se quero alguma coisa, senta pra conversar, pra falar, é só com ela mermo, mas ele assim não é muito de conversa.	Percepção sobre os membros familiares		

P3	Eu acho que com nenhum. Nenhum mesmo. Só com ela mesmo.	Percepção sobre os membros familiares		
P3	Assim, minha família é unida agora. Mudou muito. O comportamento do meu pai mudou muito, o comportamento dele com a gente também mudou.	Percepção sobre as relações familiares		
P3	Eu acho assim pra mim que serviu de exemplo. Serviu de exemplo. Assim, algumas coisas foram ruins outras coisas foram boas.	Implicações da VIF		
P3	Assim, tipo boas assim, presentes, passear, sair, passar com a família. Ruim assim foi só, gritar, apanhar (se emociona)	Percepção sobre as relações familiares		
P3	Eu não gosto nem de lembrar muito (se emociona) que às vezes eu fico sozinha, ainda vem aquela lembrança. Lembrança da mamãe quando ela apanhava, ainda fico lembrando de umas coisas.	Percepção sobre após a violência no contexto familiar		
P3	Assim, era mais quando ele chegava do serviço. Às vezes ela ficava cuidando da gente em casa e ele saía pra curtir com outras mulher, pra beber, sair com os amigos, aí ela ficava com a gente. Aí quando ele chegava só era discussão, batia, mandava ela ir embora, aí a gente ficava com ele, mas a gente chorava por causa dela. Era mais por causa de bebida, porque ele chegava porre. Ele batia sem motivo.	Exposição à violência no contexto familiar		
P3	Superei sim.	Percepção sobre após a violência no contexto familiar		
P3	Minha mãe mesmo. Só ela.	Percepção sobre os membros familiares		
P3	É ela. É a única pessoa que eu sempre posso contar é ela, porque o papai assim não é muito de ligar pros filhos.	Percepção sobre os membros familiares		
P3	Ainda tenho ainda (refere-se ao sentimento de raiva, tristeza em relação ao pai)	Percepção sobre os membros familiares		
P3	Assim queria ter assim, dizer assim, ter um pai bom, gostar dos filhos, que não gosta de bater, bater em mulher. É isso.	Projeção para a constituição familiar		
P3	Só batia em nós três mesmo, na mamãe, em mim e no meu irmão às vezes. Aí teve uma vez que meu irmão aprontou na rua, foi de noite, a gente era criança, meu irmão tinha uns onze anos eu tinha doze, aí ele aprontou na rua assim, brincadeira de criança. Aí meu irmão brigou, aí contaram pro papai que ele tinha brigado na rua, aí chegou de corpo quente do trabalho, aí perguntou o quê que tinha feito na rua brigando com os outros, aí meu pai pegou uma corrente e largou no meu irmão. Ai	Exposição à violência no contexto familiar		

P3	Assim, quando a gente era criança, assim, ele era assim muito violento, mas depois de grande assim, nunca mais foi, só fala mesmo	Percepção sobre os membros familiares		
P3	Assim, tirar o rancor, colocar a mão no coração (se emociona) que ele é muito coração duro.	Percepção sobre os membros familiares		
P3	Ah!,Seria tudo de bom pra ela. Minha mãe é tudo na minha vida. Minha mãe é tudo na minha vida.	Percepção sobre os membros familiares		
P3	Assim, por eles eu faria de tudo, mas o que eu passei na minha infância, na minha adolescência eu jamais iria fazer com eles. Assim, dar uma vida boa, não bater (choro intenso).	Projeção para a constituição familiar		
P4	A minha família? Eu fui criado com vó	Configuração familiar		
P4	Eu, minha avó, meu avô e uma tia	Configuração familiar		
P4	Mimada (risos). Me mal acostumou	Comportamento na infância		
P4	Eu me sentia livre. Ela sempre ajuda nas coisas lá e eu frui crescendo. Aí tudo que eu precisava ela ia me dando. Ela foi me acostumando assim. Aí até hoje sou assim. Não penso em trabalhar porque eu sou sustentado por ela	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Porque? Eu não morei com meus pais? Eu não sei, ela me pegou com oito meses. Aí eu não. Eu acho que meus pais brigavam muito, aí ela dizia umas coisas lá do papai, aí não queria descontar em mim, aí ela me pegou	Configuração familiar		
P4	Ela ia dizer que eu dava muito trabalho pra ela nas escolas	Comportamento na infância		
P4	Porque eu aprontava muito (risos). Eu vivia na diretoria quando eu estudava aqui, aí depois que eu aprontei aqui, aí me expulsaram daí, aí eu fui pra escola particular, estudei no Engenho, depois estudei no Madre Zarife, aí depois que eu voltei pra escola pública que eu me ajeitei	Comportamento na infância		
P4	Na minha família? Não tenho muita lembrança, não.	Percepção sobre a família		
P4	Infância? Quando meu pai foi preso, aí ele ficou um tempão sem vim, aí depois fui morar com ele um tempo quando ele saiu, aí depois eu aprontei lá, aí ele mandou eu de volta pra cá. Esses três momentos.	Comportamento de risco		
P4	É, primeiro foi, ele tinha assassinado um cara aí, aí depois foi agora que ele foi, ele tá preso agora, pegou 29 anos, foi por causa de participação em CPI da milícia ainda e porque ele comandava, diziam que ele que comandava a milícia.	Comportamento de risco		
P4	Não tenho momentos bons, não	Percepção sobre a família		

P4	Eu saía muito pra passeio, viagem, viajando, quando tem aniversário assim, a família viaja, vai tudo lá, se reúne, eu tinha minha bisavó que, aí todo mundo se reunia, era unido são essas lembranças boas que eu tenho.	Percepção sobre a família		
P4	Muita. Não que não	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Contar?! A gente pegava umas porradas quando a gente aprontava.	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Com o que tinha na frente. Primeiro na mão, né?! Começa na mão quando é muito pequeno. Depois evolui, já.	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Quase todo mundo. Minha mãe, minha avó, meu pai, meu avô. Mas eu aprontava muito, era demais eu	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Não, é que eu passava um tempo, ia pra casa dela	Configuração familiar		
P4	Não, morava assim de dormir e tal Mas de vez em quando ia passar uns tempo coma vovó, o papai	Configuração familiar		
P4	Não, tinha a verbal também. Mas na hora da raiva a mãe fala um monte de coisa assim	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Mais de quem? A minha mãe	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Por que era mais ela? Porque era mais ela (risos). Mas por quê?	Exposição à violência no contexto familiar		
	Porque eu tenho certeza que era mais ela, pow.			
P4	Motivo? Porque eu aprontava na escola, eu batia nos meus irmão pequenos, por que eles mereciam, fazia confusão na rua.	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Que eu apanhei a primeira vez que eu lembro? Acho que desde pequeno eu apanho, desde os três, quatro anos. Aí foi até uns doze, treze. Aí depois o cara se revolta e tal. Me revoltei. Eu fiquei revoltado, aí ninguém me bateu mais. Fazia onda, eu.			
P4	Uhum. Ixi, mas quando eu ia apanhar eu fugia, eu ia pra debaixo das casas e tal, me escondia, corria. Fugia, eu ficava até passar a raiva dela, aí depois que eu voltava pra lá, aí minha avó não deixava mais ela me bater. Aí esperava ela chegar, ela ia trabalhar, ela ia trabalhar eu me escondia. Ficava escondido, ai passava um tempo, passava umas horas aí, aí minha avó voltava do trabalho, aí eu só fazia correr lá pra casa, aí ela não deixava ninguém me bater	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Dá raiva, pow. Mas depois o cara vê que tá errado	Percepção sobre após a violência no contexto familiar		

P4	É, mas depois a gente sabe o que a gente fez. E a gente tinha aprontado pra ver se merecia mesmo.	Percepção sobre após a violência no contexto familiar		
P4	Não, tinha vez que era injusto. Às vezes meus irmão perturbava, aí eu perdia a cabeça, aí eu atava eles. Aí minha mãe não gostava, aí eu apanhava. Às vezes eles ficavam me apelidando, apelidava de tudo que era jeito, eu perdia a paciência e dava porrada neles.	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Ficava de boa	Percepção após a violência no contexto familiar		
P4	Todo mundo apanhou quando era criança. Eu contava pros meus avós lá	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P4	Não, meus irmãos. Às vezes tinha muita briga lá de parente assim. Mas era coisa normal	Percepção sobre as relações familiares		
P4	Eu não tinha muito contato. Aí depois que ela foi morar pra lá. Aí agora eu tenho mais contato que ela mora na frente de casa.	Percepção sobre as relações familiares		
P4	Meu pai. Era pouca, pouca coisa.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	A primeira vez, acho que tinha dez, onde	Comportamento de risco		
P4	Não era muito acostumado, apegado assim nele	Percepção sobre os membros familiares		
P4	A minha, no começo os avós tentam proteger assim, falam que tá viajando, essas coisas aí. Aí não me bati tanto assim. Aí depois que foi passando um tempo que eu vim descobrir, aí já tinha saído, já.	Relações no contexto familiar		
P4	Na primeira vez foi três anos.	Comportamento de risco		
P4	Continuei morando com meus avós, sempre morei com eles. Minha mãe veio morar praí. Eu comecei a dar mais trabalho, me metia com os moleques aí a gente saía, eu comecei a sair. Aí se preocupando comigo. Aí quando chegava, eles não me batia mais, não deixava mais eu sair. E sempre foi assim.	Configuração familiar		
P4	O que foi que mudou? Eles pensavam que eu tava mais cabeça, mas eu tava pior. Porque eles pensavam que porrada dá jeito. Da minha infância pra adolescência, eu já comecei a, quando já entrei no fundamental, tava na quinta série, já comecei a aprontar muito na escola. Desde pequeno. Desde da creche, eu acho, que eu perturbava, eu mordida a diretora, o pessoal, aí aqui e nas outras escolas, teve uma escola que eu estudei quatro anos lá, saí de lá como o pior aluno da escola.	Percepção sobre os membros familiares		

P4	Adolescente na família. Fica rebelde, fica querendo ser independente, querer sair, namorar, a gente faz muita coisa quando é adolescente.	Percepção sobre adolescência		
P4	Muita coisa. Eu saía, me metia com os moleque errado, brigava na rua, fazia bastante coisa.	Percepção sobre adolescência		
P4	Os moleques usavam drogas, mas eu não me batia muito com isso não. Aí depois eu só comecei a beber e fumar mesmo, cigarro. Era assim.	Comportamento de risco		
P4	Não, a mamãe nunca descobriu. Ela veio descobrir quando eu tinha quinze anos, aí minha avó me protegia. Ela falava, mas antes ele fumar cigarro do que fumar maconha. Aí passou o tempo ela foi se acostumando, comecei a fumar na frente dela. Com dezesseis anos ela já comprava cigarro.	Relações no contexto familiar		
P4	Já, todo mundo experimenta, né?!	Comportamento de risco		
P4	Não. Errado não. Nunca roubei, nunca matei. Só usar drogas mesmo que é errado, que é ilícita, né?! Quando, assim, coisa errada, assim roubar, nunca tentei, não.	Comportamento de risco		
P4	Não, eles convidavam, são mais medroso do que eu. Aí convidam, mas não ia. Falavam, bora ali, bora ali numa missão. Aí a gente ía, mas os moleque era medroso, aí ninguém ia, a gente voltava (risos), aí não dava certo assim, não.	Comportamento de risco		
P4	Ela vai dizer que foi piorando, passando de mal pra pior, porque quando fiquei adolescente, fazia onda eu me rebelei lá em casa, queria mandar em tudo, fazer as coisa, tudo que eu queria eles tinham que fazer. Fui piorando	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Não, fui eu mesmo, da cabeça do cara, ele vai querendo fazer as coisas, tudo que ele quer fazer.	Comportamento de risco		
P4	O meu filho. Ele tem oito meses	Fator de proteção		
P4	Minha namorada (risos), mas, não tem muita coisa assim que eu goste de lembrar	Fator de proteção		
P4	Coisa ruim na minha família? Minha avó morreu, minha mãe ficou mal, aí ela tava, quase todo dia ela chorava. Aí depois, outra coisa, meu pai tá preso de novo e eu deixei da mãe do meu filho. Só. Eu deixei dela ela tava grávida ainda, eu não queria deixar ela, mas ela me deixou, né, foi escolha dela. Mas agora não tenho mais essas coisas. O cara sofre. Aí vai passando o tempo, o cara acostuma.	Percepção sobre as relações familiares		
P4	Agora? Porque que, depois que morreu o cabo Figueiredo, que era o Pet, ele morreu, aí disque ele foi vingar a morte dele, aí saiu com os cara fazendo assassinato lá, mas ele não tem nada a ver que ele tava viajando	Comportamento de risco		

P4	Foi. De outros homicídios, não desse, de outro homicídio, que ele tinha matado um cara, ele confessou, desse aí, não matou não.	Comporatmento de risco		
P4	Ele tava pra Oeiras, parece. Tava pro interior, ele mostrou até as passagens, apareceu até na televisão, ele mostrou as passagens lá. Aí, mas como é, a promotora tava dando muito em cima, os jurados acreditaram nela, e as testemunhas entraram tudo em contradição, não dizia nada com nada. Aí os jurados acreditaram mais na promotora, aí ela foi querer ferrar ele, aí pegou vinte e nove anos.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	É mais seguro lá, porque aqui ele, ele sofria ameaça de morte	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Não, lá é melhor, não mais melhor, porque eu queria ter ele perto, mas é mais seguro lá pra ele.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Sempre foi boa, nunca tive muito contato com ele, porque fui criado com minha mãe (avó), mas ele sempre ia lá, de vez em quando ia lá na casa da minha avó, passava um tempo com ele.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Não, tem muita gente que gosta dele.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Minha família, os amigos meus.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Elas pensam que ele é culpado. Não, mas ninguém me trata mal não, eu não tenho nada a ver, o que ele fez, se ele fez foi ele, né, não fui eu, mas eu tenho certeza que ele não fez, porque não tem como ele ir pra um lugar e ir pra outro, tá entendendo?	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Foi o meu filho, a minha namorada de agora (risos) desses tempo e, coisa boa, só esses dois mesmo, não tenho coisa boa, não gosto de dizer porque a vida é uma merda.	Percepção sobre adolescência		
P4	Não. Eu queria ter outra vida, mas a gente tem que viver a vida.	Percepção sobre adolescência		
P4	Muita coisa. Escolheria não errar como eu errei antes, faria tudo diferente	Percepção sobre adolescência		
P4	Muita coisa. Problema na escola, acho que reprovei seis anos, seis ou cinco. Aí não queria ter reprovado, queria ter terminado, feito faculdade. A gente se arrepende de muita coisa	Percepção sobre adolescência		
P4	Minha família? Eu queria que meu pai fosse mais próximo assim, meu pai e minha mãe, mais próximo assim, se entendessem, mas não deu certo, eles se separaram. Outra coisa que eu queria mudar, queria ter mais atenção, atenção assim. Eles deixam eu viver a minha vida. O que eu quiser fazer eles não estão nem aí.	Percepção sobre os membros familiares		

P4	Não é carinho, não sou carente, mas pow Amor de mãe a gente sente, quem não gosta de receber, ah falo mais assim de atenção, preocupação, pegasse mais no meu pé, porque eles não pegam mais no meu pé, não. Ah, quer estudar, estuda. Quer fazer isso, faz	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Com minha avó, sempre morei com minha avó.	Configuração familiar		
P4	Minha bisavó	Configuração familiar		
P4	Não, só do meu tio, mas quando ele vem falar as coisas eu já bato boca, já.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	É, também. Meu tio, ele é muito brabo.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Foi, deixa eu ver, dos três anos até quinze, eu acho, quatorze pra quinze. Mas de vez em quando ainda pega uns tapinhas, mas é normal.	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Não. Quando a gente é pequeno a gente não entende porque tá apanhando, né, quando a gente é pequeno. Mas depois a gente tem que rever assim, mas as coisas não justificam uma violência, uma conversa seria mais justo. Só meu pai, meu pai conversa, ele nunca gosta de bater, ele chega assim. Tem vezes que ele tá com raiva, mas ele espera passar a raiva dele, aí ele conversa.	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P4	Porque minha mãe manda. Porque ela diz que não tem mais força, aí ele tem	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Não, mas ele não me bateu muitas vezes, não. Só umas duas vezes, eu acho.	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Com a mão, ele é forte	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Na hora a gente não pode fazer nada, né?!	Percepção após a violência no contexto familiar		
P4	Não, mas depois eu passei a entender, já	Percepção após a violência no contexto familiar		
P4	Aceitava, não era pro meu mal.	Percepção após a violência no contexto familiar		
P4	Também, eu já falei né, eu pensava que era normal, né?!.	Percepção após a violência no contexto familiar		

P4	Não, quando a gente é pequeno a gente não entende, quando a gente é criança assim a gente não entende porque a gente tá apanhando, né. Aí depois que a gente vai pegando consciência gente vai entendendo que a gente tá errado, que a gente merece mesmo. Mas, eu não penso em bater no meu filho, de nenhum jeito.	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P4	Eu ia ensinar ele desde pequeno, assim, o que é certo, o que é errado, o que fazer e o que não fazer, como fazer. Ensinar coisas boas pra ele, dar mais atenção, tudo o que não fizeram pra mim eu vou fazer pra ele. Só isso.	Projeção para a constituição familiar		
P4	Sabia, todo mundo via, aí eles não faziam nada, não, só ficavam olhando.	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Meus irmão, direto, era igual eu, não ficaram pior, mas ficaram quase igual eu.	Exposição à violência no contexto familiar		
P4	Tem dois que moram comigo e tem um que é filho do meu pai	Configuração familiar		
P4	Foi. Não, mas eles foram criados com a minha mãe, mas a gente sempre conviveu.	Configuração familiar		
P4	Não, com a minha avó, mil vezes, não só porque ela me protege, mas porque ela foi mais apegada em mim.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Minha avó, que me criou	Percepção sobre os membros familiares		
P4	O que é violência? (pausa) É tudo que machuca, que, tanto psicologicamente quanto fisicamente. Tudo que machuca, isso que é violência pra mim.	Percepção sobre violência		
P4	Violência que acontece dentro da família? É, castigo, isso é uma violência, mãe xingar o filho de todas as formas, xingar verbalmente. É, deixa eu ver, violência física como bater, jogar as coisas, mandar os outros bater, isso tudo é violência. Acho que só isso. Acho que o ponto mais alto é quando bate, mas todas as formas possíveis, porque as vezes pensa que tá educando o filho, mas não, tá fazendo filho criar, como é, revolta assim, aí vai crescendo revoltado. Aí o filho vai apanhando em casa, vai crescer violento, vai vendo a mãe tratando com violência, o filho aprende a violência em casa, aí vai fazer em outros lugares.	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P4	Minha avó. Porque ela sempre me deu atenção assim, tudo que eu queria, ela fazia, porque ela é tipo uma mãe mesmo. Sempre que eu precisava, era só chegar que eu podia contar com ela que ela ajudava. Agora gente de fora, não. Os meus problemas só conto pra ela mesmo, pra ninguém mais.	Percepção sobre os membros familiares		

P4	Minha família, como que eu vejo agora? Minha família é doida (risos). Minha família foi mudando, desde pequeno, minha família foi mudando. Mas agora eu vejo que eles tão me dando mais atenção, eles tão mais carinhoso, meus parentes todo, por causa do meu filho, né, eles tão mais em cima dele. Acho que eles dão o carinho pra ele que não me deram antes.	Percepção sobre a família		
P4	Minha família? (pausa) acho que minha família que eu só considero é a minha avó meu avô. O resto eu não me importo, não	Percepção sobre a família		
P4	Significa tudo, porque tudo que eu precisar é só com eles, entendeu?! Com fora é ninguém, não, só eles, minha família toda.	Percepção sobre a família		
P4	Se não tivesse minha família eu tava na rua, tava jogado por aí, eu falo pra eles, tava até viciado, no mal caminho.	Percepção sobre a família		
P4	Minha mãe que ela paga escola pra mim. Tem vez que, ela queria investir em mim até hoje ela investe em mim, minha mãe não, minha avó, mas eu chamo ela de mãe. Minha avó sempre tava em cima de mim lá, queria um curso, ela pagava, fazia muita coisa, isso foi tudo importante pra mim, que ela queria meu futuro, até hoje ela quer me botar no bom caminho, quando tem concurso, ela vai e paga pra eu fazer. Ela quer investir, isso foi uma coisa importante que ela quer fazer meu futuro.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Deixa eu ver, as pessoas mais próximas, né. Meus avós paternos, maternos, minha mãe, meu pai, meus irmãos, meu padrasto também que eu considero, minha madrasta também, os filho dela, meu outro irmão, os irmãos da minha avó, esses daí	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Influencia não. A gente pensa que vai fazer diferente. Quando a gente quer, quando a gente é muito revoltado vai querer fazer.	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P4	Não, foi positivo. A gente vê que tudo que a gente sofre assim, a gente sabe, a gente é filho fica sentido, né?! Aí a gente vai fazer aí nosso filho vai sentir o mesmo que a gente sentia quando era pequeninho. A gente vai ver que aquilo não era muito bom, não. A gente percebe isso, não era muito bom apanhar assim de certo modo. Agora quando a gente tem um filho a gente já pensa diferente, já. Não sei se todo mundo pensa como eu, né, porque ninguém pensa igual. Mas eu não vou fazer isso, não, vai ser diferente.	Implicações da VIF		
P4	Como eu me sinto agora? Agora? Eu esqueço, pow, eu deixo passar. Não tenho mágoa, não. Não sinto mágoa, não, nem rancor, nem ódio.	Percepção após a violência no contexto familiar		
P4	Superei. Eu fui esquecendo. Não desabafo com ninguém, Eu falo sozinho, às vezes. Melhor coisa é falar sozinho.	Percepção após a violência no contexto familiar		

P4	Já. Já apanhei da policia, já briguei da rua, vizinho já me agrediu. Da polícia apanhei, porque polícia eles são, polícia é foda, né?! O cara te vê na rua, pensa que tu é vagabundo quer te dar porrada. Mas só uma vez apanhei da polícia.	Fator de risco		
P4	Quando eles não gostam assim do cara, eles dão porrada.	Fator de risco		
P4	Revolta, pow. Uma vez um soldado da ROTAM me deu um soco na costela aqui, aqui no canto da Silva Castro. Um soco na costela, pensei em revidar, mas os cara tudo apontando a arma pra mim eu vou revidar? (risos) Quase ele me mata, fiquei sem ar assim, porque ele pensou que a gente tava usando droga, assim, porque quando eles passaram, eu tava vindo da pizzeria, eu e um amigo meu. Meu amigo ficou calado que ele não é besta. Eu tava discutindo com ele que eu não tava usando droga. Aí ele “esse bicho é rebarbado” aí veio por trás de mim e pow. Porque ele me deu um soco porque eu falei que era filho de policial também, aí ele veio por trás e pow “eu não te perguntei nada” Depois o Rogério conhecia meu pai lá, aí ele me chamou. “Tu é filho dele mesmo? Cadê o documento?” “Eu tô sem, mas se vocês quiserem eu moro aqui perto, pode ir lá perguntar”. “Não, vai lá, segue teu caminho”. Eu fiquei com raiva desse bicho lá	Fator de risco		
P4	Acho que ele não divide cela lá, não, porque acho que é pouca gente lá. No tempo que eu fui lá, acho que era duas pessoas com ele só. Mas é grande lá, tem, lá é diferente desses outros presídios aí. Lá tem conforto lá	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Pode, lá ele usa celular, pode fumar, pode beber lá dentro. Mas a gente que tem que comprar, aí é só levar pra lá.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Leva, leva, porque lá não tem histórico de alta periculosidade, entendeu?! Porque lá é tudo militar, né?! Aí eles podem fazer esse tipo de coisa.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Não sei, não tenho certeza. Da primeira vez, pela investigação.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Acho que ele confessou, não fui pro julgamento da primeira vez. Ele não foi condenado da primeira vez, ele só passou um tempo lá, porque acho que foi em legítima defesa, tipo assim. Aí a primeira vez deu só três anos pra ele. Dessa vez foi mais, deram vinte e nove.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Alguma coisa? Não. Não gosto de falar da minha vida, porque é ruim.	Percepção sobre adolescência		
P4	Exatamente. Porque, sei lá, nada tem sentido mais. Sei lá, às vezes a gente acorda assim de lua	Percepção sobre adolescência		

	“porra, o que eu tô fazendo aqui? Égua, por que eu não tô fazendo aquilo? Por que eu não tô trabalhando? Por que eu tô assim?” O cara vai se perguntando por que a vida dele tá assim. Não sei, não tem um contexto assim.			
P4	Não. Tem vezes que o cara pensa, né?! Mas às vezes, eu não, passa pela cabeça assim, mas eu não tenho coragem, não. Eu me pergunto: “Será que eu faço isso?” Será que eu faço aquilo?” Mas me matar nunca pensei, não.	Percepção sobre adolescência		
P4	Boa, tranquila agora. Minha mãe tá mais abençoada. Quem é a pessoa mais importante da tua vida? Não tem só uma pessoa. Minha família daqui, que mora comigo, meu filho, a minha namorada, isso aí.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Minha avó	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Minha Avó, só ela mesmo. Se não fosse ela, não sei como eu tava, não.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	As primeiras vez ela batia, depois ela foi acostumando. Já virou rotina já, quando a diretora chamava, já era rotina. Ela sempre falava pra mim “de novo?” Aí nas primeiras vez ela ia contando, depois ela perdeu as contas “égua não, tu não tem mais jeito, não, tu tá demais”.	Percepção sobre os membros familiares		
P4	Não, ele não tem outra família, só tem outra mulher.	Configuração familiar		
P5	Eu morava com a minha mãe e com meu pai, mas só que a casa era dos meus avós, só que eles moravam também, quase toda minha família morava nessa casa. Só que meu pai era muito, tipo assim, bebia, fumava, ele chegava tarde, quando ele chegava queria brigar com a mamãe. Aí isso foi meio perturbador na minha infância. Acho que pior coisa que aconteceu foi isso, porque toda vez que ele chegava, ele vinha e queria brigar.	Configuração familiar		
P5	No período da manhã era mais legal, porque eu ia pra rua, eu não ficava em casa. Eu ia pra rua, ia brincar. Agora o período da tarde eu ia pra escola, depois que eu chegasse eu não podia mais sair, porque meu pai não deixava e tal.	Comportamento na infância		
P5	Quando eu era criança, eu era tipo assim, em casa eu era brincalhona, por exemplo, uma parte eu era agressiva e na outra parte eu era bacana, legal. Mas na escola eu era, sou muito estudiosa até agora.	Comportamento na infância		

P5	O primeiro que eu sempre falo é da violência que o meu pai tinha com a minha mãe. Toda vez que ele chegava alcohólico, porque ele tinha muito ciúme, da parte do ciúme dele ele já queria partir pra agressão sem saber o real motivo, porque sempre a mamãe, a minha mãe gostava muito dele, só que a partir dessa agressão dele acabou, tipo, coisando o amor que ela tinha por ele.	Exposição à violência no contexto familiar		
	Aí o segundo momento ruim, foi a parte que meu pai arranhou uma nova mulher pra ele, que a partir que os dois arranjaram um homem e uma mulher pra eles conviverem, foi um baque, porque eu ainda queria os dois juntos, mas entre dessa coisa de eu queria, eu não queria também por causa da agressão, porque eu sabia que a mamãe ia sofrer de novo, então eu não queria, mas uma parte eu queria que meu pai e minha mãe tivessem juntos pra me apoiar porque um tá lá o outro tá cá, aí a gente não sabe, porque eu sempre morei com eles, a partir que eles se separaram eu não teve pra onde eu ir, aí eu teve que morar na casa da minha vó e do meu vô. Tem vezes que eu morava na casa deles, tem vez que não, eu morava na casa da vovó ou do vovô, da mamãe ou do papai, aí era isso. A partir que ele arranhou, ele arranhou uma pessoa muito assim que não queria o nosso bem, falava que gostava de nós no começo, mas a partir que ela coisou, ela maltratava muito nós e o papai só via o lado dela, não via o nosso, aí tipo assim só fechou pra ela e não pra nós. Tipo ela chegava, maltratava nós, fazia nós, tipo assim, coisas absurdas para a nossa idade, a gente não conseguia, mas a gente tinha que fazer porque era uma obrigação, era uma obrigação ela tinha que falar pro papai e o papai queria bater em nós.	Relações no contexto familiar		
	Aí a terceira é a parte, a terceira acho que foi na parte que eu sofri uma doença que ninguém soube me informar o que era essa doença que começou a cair o meu cabelo. Eu fui pro médico particular, quase todos os médicos, mas ninguém soube falar o real motivo. Isso tanto na minha família que desestabilizou tanto eu, tipo eu sofri muito na parte de escola e tal, mas o que apoiava mais era minha mãe. A mamãe me apoiou muito, porque ela que ia pro médico comigo e tudo que acontecia assim, dentro da escola, eu não falava pro papai, porque o papai era muito ausente nessa parte, nesse momento na minha vida, que ele trabalhava. Teve um momento que ele foi pro Maranhão, ele ficou muito ausente. Mas a mamãe ficou mais próxima, aí foi isso.	Fator de risco		

P5	Porque se eu fosse, tipo assim, com a minha avó era mais coisa possível, porque se eu fosse morar com algum deles, ainda tava rolando a briga entre os dois se eu vou pra um lugar o outro ia ficar com raiva porque eu fui pra esse lugar, aí se eu for, tipo assim pra casa do meu pai, a minha mãe ia ficar sentida, eles iam falar que eu preferia o meu pai de que ele e a mesma coisa com o papai. A minha mãe saía muito pra festa depois que ela se separou do papai e nessas saídas dela, ela deixava nós em casa, mas sempre tinha alguém reparando. Aí o papai pensava que ela deixava nós sozinhos, aí sempre rolava briga. Ele ficava esperando ela sair da festa pra rolar a briga, até chegar em casa, ela já chegava em casa chorando porque o papai já tinha batido nela e tal. Aí o papai queria trazer nós sempre que rolava essa confusão. A gente tava na casa da mamãe, aí o papai vinha e levava nós pra casa dele. Era isso.	Relações no contexto familiar		
P5	Tipo assim, como a gente morava em invasão. Quando a gente foi morar com o papai morava em invasão. O papai ia trabalhar de manhã, na medida que o papai ia trabalhar de manhã ela acordava nós cedo, mandava a gente carregar água, tipo assim, aqueles baldes de água pra encher lá, porque na invasão não tinha água e tipo era só nós que fazia. Ela não enchia água, ela mandava, tipo assim, era um lugar cheio, o caminho era só pedra e lama, até a gente atravessar, pegar água encanada e botar no balde e trazer de novo, sendo que a gente era criança ainda, a gente não tinha força pra carregar. A gente chegava, a gente carregava tudinho e todas as coisas de casa, tipo assim comida, era tudo nós que fazia, todas as coisas e ela não fazia nada, só mandava, só mandava. E se a gente não quisesse comer uma comida, tipo assim tivesse, porque eu tinha muito problema de comer comida com muito tempero, que até hoje é psicológico, se eu comer coisa com muito tempero e eu sentir, eu ver eu sentir o gosto da cebola, eu vomito, só isso, mas a partir disso, isso ficou um problema, porque eu não comia por causa da cebola e ela me deixava com fome. Mas quando chegava o papai, ela falava que eu não tinha comido, aí o papai queria me bater, aí era tipo isso. Ele aceitava mais as coisas que ele falava pra ele e ele não ouvia o nosso lado.	Relações no contexto familiar		
P5	Violência física, física, sim, que ele chegava a me bater, a mamãe só quando eu aprontava aí ela me batia. Eu cheguei a quebrar meu dente, aí ela teve que, ela me bateu por causa que eu quebrei meu dente que eu caí de bicicleta, ela me bateu só por causa disso. Mas a mamãe fala, fala, fala, mas quando a gente parte do limite, que ela tá no limite dela, ela parte pra agressão. Ela conversa, conversa, chama uma, duas, três vezes, se a gente não escutar ela parte pra agressão. Aí o papai não, o papai já é direto, não teve conversa.	Exposição à violência no contexto familiar		
P5	Não sei. Foi porque eu aprontava muito. Tipo assim, não muitas vezes, mas exceção em alguns casos.	Fatores potencializadores para a perpetração da VIF		

P5	Que eu me lembre era mais do papai, só ele.	Exposição à violência no contexto familiar		
P5	Era por causa daquele motivo lá, da mulher dele.	Fatores potencializadores para a perpetração da VIF		
P5	Era só quando eu aprontava	Fatores potencializadores para a perpetração da VIF		
P5	Mal. Pela parte da mamãe eu me sentia culpada, porque, eu me sentia culpada porque eu fazia coisa errada. Agora pela parte do papai eu me sentia assim, não sei informar, uma coisa tipo assim, “ah ele gosta mais dela de que de nós, porque ele não vê nosso real coisa”, tipo uma negação, uma coisa negável, tipo assim, uma negação, porque tipo ele não queria ver o nosso lado, só isso.	Percepção após a violência no contexto familiar		
P5	Passava voltava assim. Da pisa, da porrada? (risos). Tem vez que eu tipo assim, eu coisava meu erro, né “Ah, eu errei eu merecia e pronto” Mas tem vez assim que eu falava, eu me sentia, tipo assim, uma pessoa, não sei informar, porque a pessoa bate sem sentido, do nada. Não tem porque bater né, sem um real motivo. Aí a pessoa vai ficar “por que ela fez isso?” Porque a gente sabe que não fez nada, mas só pelo motivo dela, da pessoa ver só uma verdade, não querer ver a verdade da outra, já é um motivo assim.	Percepção após a violência no contexto familiar		
P5	A psicológica, de chamar assim, a mamãe tipo assim, falava assim, que às vezes que ela não era mais nossa mãe. “Ah, não sou mais a tua mãe”. Aí do papai assim, do papai física, física muito, só a mulher dele que chamava a gente de um monte de coisa. Ele não, ele só brigava com nós, batia em nós, só isso, mais nada.	Exposição à violência no contexto familiar		
P5	É um pouco de violência.	Exposição à violência no contexto familiar		
P5	Não, porque ela sabia que a gente não ia contar. E porque ele não deixava nós contar. Ele já partia pra agressão mesmo, ele nunca chegou pra ouvir nós, nada. Tipo, como eu falei, ele não perguntava nada, mas ele dar conselho ele dá, mas ele não pergunta nada.	Exposição à violência no contexto familiar		
P5	Pra alguém assim, só depois da minha adolescência, mas a mamãe sabia, a vovó sabia.	Exposição à violência no contexto familiar		

P5	Tipo assim, ela queria levar nós pra casa dela, mas só que como ela morava alugado, não tinha como botar nós lá, porque ela ia trabalhar de manhã, aí como a gente não podia ficar sozinho que o papai brigava, não tinha como ficar lá. Aí resolvemos ficar na casa da vovó, depois de nós ter morado na invasão, aí a gente teve que morar na casa da vovó.	Relações no contexto familiar		
P5	(pausa) não sei, é um momento tipo assim triste, é um momento triste que a gente fica. Até aquela dor da porrada, do machucado às vezes não foi tão ruim, mas pela decepção, decepção de algo que fiz ou de não ter feito, decepção da própria pessoa e comigo mesmo. Só isso.	Percepção após a violência no contexto familiar		
P5	A maioria das vezes que eu apanhava era porque eu era mais velha, então se eu era mais velha era eu que coisava todas as coisas. Se eu era mais velha era eu, tipo assim, se acontecesse alguma coisa e eu tivesse no meio, mas sem fazer nada, era eu que apanhava mais, mas todo mundo apanhava. Mas quem caía a culpa era pra mim.	Exposição à violência no contexto familiar		
P5	A gente ficava chorando, ficava falando pra ele não dá-lhe nela.	Exposição à violência no contexto familiar		
P5	Olha, tipo, tipo assim, quando a gente é criança a gente não tem essa maldade de ficar com raiva e tal, mas a gente assim, sente um pouco triste, decepcionada com aquela pessoa, que ela fica batendo, mas ele conseguia de alguma forma agradar nós, voltava tudo de novo, tipo assim, ele é como ele não tinha mais feito isso. Tipo assim, conseguia agradar nós e isso ficava esquecido, a gente não ficava com raiva dele, até porque ele é nosso pai né, um amor.	Percepção após a violência no contexto familiar		

P5	Agora minha família da adolescência tá mais, tá mais centrada, tipo assim. Minha mãe arranhou um marido pra ela e esse marido foi o único que ela arranhou que não bate nela, porque todos os outros que ela arranhou, batia, tinha um momento de agressão, mas esse aí é o único que eu gostei (risos). O meu pai, até esses tempo ele tava com essa mulher que coisava, mas só que, não sei o que aconteceu, uns problemas lá na casa dele, que ele se separou dela esses tempo. Aí ele botou uma venda lá, aí ele tá vendendo. Mas na minha adolescência tá sendo bom, porque tipo assim, minha mãe me ajuda em tudo, como ela me ajudava, até hoje ela me ajuda, porque meu pai ficou desempregado, aí ela é a única empregada, mas não é de carteira. É a única empregada assim que ganha dinheiro e é ela que me ajuda mais, tanto de escola, igreja, qualquer lugar é ela que ajuda. Agora meu pai também ajuda, porque ele tem um comércio dele, aí ele me ajuda mais nessas coisas, mas como o papai sempre me aconselha, ele é o único que aconselha, a mamãe, ela aconselha um pouco por causa da adolescência, mas ela sabe assim, não sei, parece que eu sou uma pessoa maior de idade, porque eu amadureci muito, porque se eu fosse uma adolescente pelo o que eu passei, eu ia ser revoltada, era pra mim ser revoltada, mas não.	Percepção sobre os membros familiares		
P5	Com o vovô e a vovó	Configuração familiar		
P5	A relação com meu vô e minha vó, porque desde criança eles sempre me cuidaram, então a relação com minha avó e meu avô é boa, sempre foi boa. E meu avô e minha avó é meu primeiro pai e minha avó é minha primeira mãe. Aí a relação com a minha mãe e meu pai é boa, com os dois, porque não rola mais aquela confusão, se ela levar nós pra casa dela, ele vai querer ver, não rola, porque agora ela tem o compromisso, o compromisso de querer ficar com nós e tal. Agora só rola um pouco de coisa que antes rolava, mas agora não rola mais, antes porque quando ele morava com a, tinha esse problema, porque ele sustentava a família dele lá, mas ele não queria sustentar a nossa que era eu e das minhas irmãs, que somos três, não queria dar comida e tal. Quem sustentava era só a mamãe e os meus avós, aí ficava muito pesado, porque os meus avós cuidam dos meus primos também. Tipo assim, era só dois velhos e um monte de neto (risos). Aí é isso, aí quem cuida de nós é mais a mamãe, ela que dá dinheiro, agora que o papai separou, agora que ele tá dando as coisas, tudinho, mas antes ele não dava.	Relações no contexto familiar		
P5	Oito pessoas. Só dois velhos e meu tio que até agora não arranhou uma casa pra ele, morando encostado. Nós só tamos na casa da vovó, porque a gente não tem lugar. O papai tem a casa dele, mas não tem, não é grande, é pequena, só cabe ele. A mamãe mora alugado e não tem como botar nós na casa dela, ela tem que ter uma casa pra ela pra gente poder ir.	Configuração familiar		

P5	Me sinto muito bem, são muito boas pessoas, são bons coração, eles cuidam muito de nós. Tipo, se tiver faltando comida eles dão um jeito deles de dar comida pra nós. E se, tipo assim, tanto na escola, são eles que mais que se preocupam. Se eu tô, tipo assim, se passar do horário quase, ou quase tá chegando no horário de ir pra escola, eles já tão “Ah! vai pra escola, vai pra escola, vai pra escola”. Se tem algum trabalho, alguma coisa, assim, eles não sabem ler, eles não são muito informados, mas como eles querem o meu melhor, eles procuram. Se eu falar que eu tenho um trabalho, aí depois eu tô lá fazendo trabalho e saio do trabalho, eles já pegam no meu pé, “não sei o quê, não sei o quê”. Como eu falei, meu avô é meu primeiro pai e minha avó é minha primeira mãe, então eles dois, tipo assim, eu me tornei dependente desses dois. Se algum dia eles forem a falecer eu não sei como eu iria reagir (se emocional).	Relações no contexto familiar		
P5	Significativa? A mudança. O papai mudou muito, mudou muito, porque, até a partir da religião que ele começou a seguir Jesus e tal, ele se tornou uma nova pessoa. A pessoa que ele era ignorante, bruto e tudo, ele tornou uma pessoa melhor. A mamãe ela mudou muito, porque tipo ela assim, ela soube, não sei te informar. Mas ela mudou em alguma coisa, el algo, mas ela não é a mulher que ela era antes. Ela se tornou tipo dependente dela, ela se tornou uma pessoa mais confiante, mais decidida.	Percepção sobre os membros familiares		
P5	Um adolescente, tipo, o vovô fala aborrecente, porque às vezes a gente se estressa muito, porque às vezes tem momentos que, tipo assim, estressantes, estressantes que a gente chega até, não sei, não sei, porque a nossa cabeça de adolescente tem momentos que a gente tá bom, tem momento que a gente tá ruim, tem momento que tá feliz, tem momentos assim, nada a ver. Mas na parte desses momentos assim, nenhum desses momentos pra mim foi prejudicial pra minha família, porque eu sempre soube me portar. A partir que eu fui aprendendo novas coisas, comecei a adquirir.	Percepção sobre adolescência		
P5	Pela parte do meu pai eu também sou muito respondona, agora pela parte da mamãe, ela não ia falar que eu sou muito respondona, mas que eu sou muito estudiosa. Acho que é isso.	Percepção sobre os membros familiares		
	Sim, tem uma parte que eu não gosto, porque. Pela parte do meu pai por causa que ele quer ser o dono da verdade, aí isso se torna muito coisa, porque eu não gosto disso, porque, se a pessoa quer ser o dono da verdade e não quer saber o real motivo das outras pessoas. Só isso. Única coisa que ele ainda não mudou, ele quer ser o dono da verdade, só isso.	Percepção sobre os membros familiares		

	Mas até agora ele tá, porque eu como sou uma pessoa que responde muito, ele tá começando a escutar os meus argumentos, começando a escutar. Porque os pais só querem saber deles, não querem escutar os filhos, por isso que às vezes os filhos cometem erros, porque não escutam os seus pais e os pais não escutam seus filhos.	Percepção sobre os membros familiares		
P5	Não. Mas de falar que, da pessoa que é ignorante que a pessoa é não sei o quê. Meu pai, por exemplo, falou isso e a mamãe fala de vez em quando que eu sou uma pessoa muito, por exemplo arrogante, porque eu respondo. Aí desse jeito que eu respondo, eles me falam que eu sou uma pessoa arrogante, ignorante. Eu sei, porque tem que respeitar. Mas é um limite respeito é uma coisa e já querer impor limites assim na pessoa que não são agradáveis já é outra.	Percepção sobre os membros familiares		
P5	Violência? Às vezes pode ser física e até moral, porque, tipo assim, física de querer bater na pessoa e tal e mora é a psicológica, é aquela que tu fala que a pessoa é feia, que não presta pra nada. É isso.	Percepção sobre violência		
P5	Na família é mais a física. É a que mais tem.	Percepção sobre violência		
P5	A física, porque na minha família não existe a violência do preconceito.	Percepção sobre violência		
P5	Tem pedofilia, tem a violência, aquela de bater, a física né, tem a psicológica, tem ao preconceito no meio das famílias, tem não sei mais. Acho que tem um monte, mas na minha cabeça as que tão mais coisa são essas que eu vejo em outras famílias assim que eu vejo errado.	Percepção sobre violência		
P5	Violento, não. Como eu falei, meu pai era o único violento que chegava a bater em nós, então nessa parte ele mudou.	Exposição à violência no contexto familiar		
P5	Acho que ninguém. Depende do que eu vou pedir. Depende.	Percepção sobre os membros familiares		
P5	Acho que, foi muito mudada. Mudou muito, mas só mudou a parte assim da vida, porque assim, meus avós tinham fôlego de fazer algo, alguma coisa, agora o meu avô com a minha avó só vivem doente. Agora quem tá cuidando deles somos nós, mas mesmo assim a gente se torna dependente desses dois.	Percepção sobre os membros familiares		

P5	(pausa). Acho que foi, se não fosse meu pai me obrigar a ir pra igreja, foi tipo, quando ele me obrigou a ir pra igreja, ele dizia que era uma obrigação. Mas durante isso eu fui ver que não era isso, que não era uma obrigação, e dentro desse contexto de não obrigação eu senti uma pessoa tão especial de ir pra igreja, porque tipo assim, eu me senti uma pessoa transformada, uma pessoa aliviada de todos meus erros, das coisas que aconteceram na minha vida, por isso que sou uma pessoa tão amadurecida assim, que eu falo essas coisas, que agora eu tenho um alívio, senão eu era uma pessoa totalmente revoltada por causa que tinha acontecido, que o papai batia na mamãe. Não. Mas eu acho que o que fez importante foi o meu pai ter me levado pra igreja, um verdadeiro caminho a seguir, que ele me mostrou esse caminho sem saber o que ele tava fazendo às vezes, porque, mas foi um caminho muito bom.	Percepção sobre os membros familiares		
P5	Eu acho que não afetou.	Implicações da VIF		
P5	Porque tipo assim, não sei te informar, se afetou ou não afetou, pelo um modo afetou e pelo outro não.	Implicações da VIF		
P5	A violência não, tipo assim, a violência ela afetou, porque tipo assim, não é obrigado a pessoa ficar batendo, tudo a pessoa quer bater, não sabe conversar, porque só bater. Bater, bater, às vezes não chega a lugar nenhum, porque se tu bater a pessoa vai ficar com raiva e querer fazer o mesmo erro. É isso, me fez pensar nisso. Futuramente vou querer conversar com meus filhos, não querer partir pra violência.	Implicações da VIF		
P5	Que eu me via, eu me via uma pessoa muito humilhada, era muito humilhada. O sentimento é de humilhação, né, ficar batendo.	Percepção após a violência no contexto familiar		
P5	Eu acho que os mais motivos era por causa do meu comportamento, do meu comportamento quando eu era criança.	Implicações da VIF		
P5	Outros fatores, sim, lá da mulher dele, que ele me batia. Acho que era só isso.	Implicações da VIF		
P5	Já. Foi o meu pai, mesmo ele sendo o promotor disso ele me fez isso, me mostrou um novo caminho (igreja).	Percepção sobre a violência no contexto familiar		
P5	Nesse momento é meu avô e minha avó.	Percepção sobre as relações familiares		
P5	Só quando tiver formada, tudo pronto porque eu não quero ser dependente de ninguém.	Projeção para a constituição familiar		
P5	Tipo assim da parte de conversar, chegar e. Como eu passei isso tudo eu não vou querer para os meus filhos também.	Projeção para a constituição familiar		